



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
CURSO DE LETRAS TRADUÇÃO INGLÊS

HAMILTON COSTA DE ALMEIDA

**GENOCÍDIO DE RUANDA EM 1994:
TRADUÇÃO COMENTADA DE UM TESTEMUNHO**

**Brasília – DF
Julho – 2019**

HAMILTON COSTA DE ALMEIDA

**GENOCÍDIO DE RUANDA EM 1994:
TRADUÇÃO COMENTADA DE UM TESTEMUNHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução Inglês.

Orientadora: Prof^a Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden

**BRASÍLIA, DF
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C447g Costa de Almeida, Hamilton
GENOCÍDIO DE RUANDA EM 1994: TRADUÇÃO COMENTADA DE UM
TESTEMUNHO / Hamilton Costa de Almeida; orientador
Alessandra R. O. Harden; co-orientador Alba Escalante. --
Brasília, 2019.
102 p.

Monografia (Graduação - Letras Tradução Inglês) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. Genocídio. 2. Tradutor testemunho. 3. Tradução
Comentada. 4. Ruanda. 5. Roméo Dallaire. I. R. O. Harden,
Alessandra, orient. II. Escalante, Alba, co-orient. III.
Título.

Aluno: Hamilton Costa de Almeida

Título: Genocídio De Ruanda Em 1994:
Tradução Comentada De Um Testemunho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dra. Alessandra R. O. Harden

A banca examinadora dos Trabalhos de Conclusão em sessão pública realizada em _____ / ____ / _____, considerou o candidato:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Alba Escalante
(Examinadora)

Prof. Dr. Júlio César Neves Monteiro
(Examinador)

Prof.^a Dra. Alessandra R. O. Harden
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha família, a meu pai, **Djalma Ferreira** (*in memoriam*), e a minha mãe, **Marlene Costa**, pelo sopro da vida e inúmeros ensinamentos, sempre pautados pelo respeito aos mais nobres valores éticos. Aos meus irmãos e irmãs, incentivadores e torcedores para o sucesso dos membros do nosso clã.

A minha esposa, **Ana Cláudia**, que suportou minhas ausências e me incentivou com o todo o carinho que lhe é peculiar.

Ao meu filho, **João Gabriel**, minhas filhas, **Ana Luiza e Gabriela**, minhas doces inspirações na vida.

A minha orientadora, **Alessandra Harden**, por sua inestimável ajuda e incentivo e por acreditar nesse projeto.

À Professora, **Alba Escalante**, por significativos e importantes ensinamentos e o carinho de sempre.

Aos queridos colegas do Serviço de Tradução do Senado Federal, pela compreensão e incentivo.

Aos meus colegas de trabalho e de UnB, **Ariel Daltrozo e Bruna Vidanya**, pelas correções no texto e ajuda com a ABNT.

Ao meu amigo, **Thawan**, um jovem amigo da UnB e do trabalho de muito talento e de grande caráter.

A minha querida amiga, **Joana Albuquerque**, uma jovem amiga que, apesar da diferença de idade, tem a capacidade de me proporcionar grandes ensinamentos. Muito obrigado pelas dicas e por sua imprescindível amizade.

À Universidade de Brasília, por me proporcionar significativos conhecimentos pessoal e acadêmico.

Por último, a Deus e a todos que de alguma forma contribuíram com palavras inspiradoras de incentivo e carinho.

"This is a book to read-to understand what genocide means, to reflect on the failure of 'humanity,' and to be inspired by the courage of the few in the face of genocidal horror and international indifference."

— Alison Des Forges (*senior adviser to the African division of Human Rights Watch*), *The Gazette* (Montreal)

“Este é um livro para ler e compreender o que significa genocídio, para refletir o fracasso da "humanidade" e para se inspirar na coragem de poucos diante do horror genocida e da indiferença internacional.”

— Alison Des Forges (*senior adviser to the African division of Human Rights Watch*), *The Gazette* (Montreal), **tradução nossa.**

RESUMO

O livro *Shake Hands with the Devil: The failure of Humanity in Rwanda* (2003), escrito pelo General Roméo Dallaire, Comandante da Força de Paz das Nações Unidas em Ruanda, responsável por garantir o acordo de paz entre governo e rebeldes, foi, na verdade, o testemunho em 1994, de um dos maiores genocídios do século XX. O presente trabalho propõe a Tradução Comentada dos elementos paratextuais (preâmbulo, prefácio e introdução) desse texto denso e repleto de emoção que tanto me causou impacto durante sua leitura e que me motivou a realizar a tradução. Portanto, o objetivo aqui proposto é tentar, com a tradução desses recortes, causar nos leitores o mesmo impacto que me foi causado ao ler esse impressionante relato. E, para tanto, conduzir a tradução o mais próximo do original possível.

Palavras-chave: Roméo Dallaire; Genocídio; Ruanda; Nações Unidas; Tradutor testemunho; Tradução Comentada.

ABSTRACT

The book *Shake Hands with the Devil: The failure of Humanity in Rwanda* (2003) written by General Roméo Dallaire, commander of the United Nations Peace Force in Rwanda, responsible for securing the peace agreement between government and rebels, was in fact the testimony in 1994 to one of the greatest genocides of the 20th century. With this work, I present a proposal for a commented translation of the paratexts (foreword, preface and introduction) of this dense and emotion-filled text that had so much impact on me during its reading and that motivated me to make the translation. The goal here is to try, with the translation of those excerpts, to cause the same impact on readers as it caused me when I read this impressive account. For this purpose, conduct the translation as close to the original as possible.

Key-words: Roméo Dallaire; Genocide; Rwanda; United Nations; Witness Translator; Commented Translation.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Capa do documentário História de um Massacre (2004).....	15
Imagem 2:: Capa do livro (DALLLAIRE, R., 2003).....	16
Imagem 3: Mapa de Ruanda.....	19
Imagem 4: Mapa da Capital Kigali: principais rotas.....	19

LISTA DE TABELAS

Tabela Tradução.....	30-68
----------------------	-------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
PROPOSTA DE TRADUÇÃO.....	13
1. CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA.....	14
1.1. O autor	14
1.2. A obra.....	15
2. CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA.....	17
2.1 Genocídio.....	17
2.2 Ruanda.....	18
2.3 As raízes do mal.....	20
2.4 Reconstrução e Reconciliação.....	21
3. CAPÍTULO III: FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS.....	23
3.1 A tradução.....	23
3.2 Tradução Comentada.....	23
3.3 Literatura de Testemunho.....	25
3.4 O Tradutor e o Testemunho.....	26
3.5 Uma Abordagem Funcionalista.....	27
3.6 Reflexões sobre as “reflexões” de Antoine Berman.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
COMENTÁRIOS	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
ANEXO 1: TRADUÇÃO.....	82

INTRODUÇÃO

Há vinte e cinco anos o mundo acompanhou o que seria um dos maiores e mais rápidos massacres da história do século XX. Após esses vinte e cinco anos o mundo e a comunidade internacional ainda buscam respostas para o que aconteceu em Ruanda em 1994. O livro *Shake Hands with the Devil* (2003), escrito pelo comandante da força de paz da ONU, General Canadense Romeo Dallaire com a colaboração de seu homem de confiança Major Brent Beardsley, que tinham a missão de garantir um acordo de paz que estava em andamento em Ruanda contam essa história. Um testemunho impressionante e perturbador de quem esteve no meio do genocídio perpetrado pela etnia *Hutu* com o extermínio aproximado de mais de oitocentas mil pessoas, em sua maioria da etnia *Tutsi*, e alguns da própria etnia *Hutu*, que se opuseram ao massacre, os chamados *Hutus* moderados.

O que impressiona no depoimento, além do poder de superação das pessoas que sobreviveram ao genocídio, foi a indiferença da comunidade internacional e da Organização das Nações Unidas (ONU), conforme relato do autor, aos acontecimentos que culminaram com o genocídio, mesmo com o alerta de observadores da iminência de que viria a acontecer.

O testemunho do General em comento traz relatos de pessoas que perderam a maioria dos seus entes queridos e de muitas famílias que foram totalmente dizimadas, e também de muitos dos sobreviventes que se tornaram vozes contundentes daqueles milhares que, de alguma forma, foram vítimas do genocídio, sofreram a mesma violência e não tinham como se levantar em protesto contra as atrocidades que lhes foram praticadas.

Esse depoimento marcante e impressionante desse sombrio episódio da história do século XX me motivou a traduzir, da forma mais fidedigna possível ao testemunho do autor, os trechos do livro em epígrafe, talvez como uma forma de tentar sensibilizar e impactar as pessoas para esse horrendo episódio da história da humanidade e para que as vozes que se levantaram contra isso não tenham sido em vão, e para que as futuras gerações não sejam contaminadas com esse tipo de ódio à homogeneidade cultural, linguística e de origem (etnia), comum a todos nós seres humanos, e que a intolerância, seja ela de qualquer forma, se apague do nosso convívio social.

O objetivo geral é realizar uma tradução comentada dos elementos paratextuais (preâmbulo, prefácio e introdução) do livro em apreço à luz das reflexões de Antoine Berman em *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo* (Berman,1985), e os objetivos específicos são: reproduzir os textos originais da forma mais fidedigna possível na tradução e, por conseguinte, provocar no leitor da língua de chegada o mesmo impacto que me causou a leitura e tradução dos referidos recortes.

Foram escolhidos três elementos paratextuais (preâmbulo, prefácio e introdução), pois reúnem informações importantes e suficientes para que o leitor tenha uma idéia do que aconteceu no genocídio. E desses recortes, retirei algumas partes que considerei interessantes para comentar o processo de tradução. Ademais, utilizei notas de rodapé com o intuito de explicar termos específicos para melhorar a compreensão do leitor.

O trabalho foi dividido em três capítulos assim estruturados: capítulo I: Apresentação do autor e da obra; capítulo II: contextualização da obra; e capítulo III: fundamentações teóricas. Ao final, foi produzida uma tabela da tradução espelhada, os comentários e a tradução corrida.

PROPOSTA DE PESQUISA

Esse trabalho tem por objetivo a Tradução Comentada de trechos paratextuais, a saber: o preâmbulo, o prefácio e a introdução do livro *Shake hands with the devil: The failure of Humanity in Rwanda* (2003), do comandante da força de paz da ONU, General Canadense Romeo Dallaire com a colaboração de seu homem de confiança Major Brent Beardsley, para os quais foi designada a missão de garantir um acordo de paz entre guerrilha e Governo de Ruanda, que estava em andamento na quele país em 1994.

Para tanto, procurei fazer uma tradução mais próxima do seu original, haja vista tratar-se de um testemunho muito emocionado, repleto de cenas que podem causar um grande impacto no leitor. O mesmo impacto que me causou com a leitura do livro e que pretendo reproduzir da maneira mais fidedigna possível na tradução.

Os parágrafos do original são bem grandes e densos, fugindo da forma de escrita do inglês, como denso também é o testemunho e, como acima mencionado, a escolha é manter a tradução nesses moldes, e cujos comentários devem ser feitos de alguns termos, separadamente, mas dentro do contexto, como também devem ser escolhidos parágrafos inteiros para comentar as escolhas da tradução, visto a relevância do que se pretende com o comentário.

A metodologia visa realizar uma tradução com a observação e a marcação de trechos que poderiam suscitar comentários, seja pela dificuldade de tradução ou por considerar que determinados parágrafos, palavras ou expressões eram passíveis de comentários que fossem contribuir com o objetivo desejado, como também de explicações em notas de rodapé de termos específicos do assunto para promover uma melhor compreensão do leitor.

1. CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

1.1. O autor

Roméo Dallaire (nascido a 25 de junho de 1946, Denekamp, Holanda), oficial do exército canadense que dirigiu a malfadada missão de manutenção da paz das Nações Unidas (1993-94) em Ruanda.

Filho e neto de militares, Dallaire entrou no exército canadense em 1964 e obteve Graduação *na Royal Military College* em Kingston, Ontário, em 1969. Durante a sua carreira na artilharia, desempenhou várias funções no Canadá e na Alemanha, incluindo o comando do *5º Régiment d'Artillerie Légère du Canada* em Quebec. Foi promovido em 1989 ao posto de General-de-Brigada.

Em 1993, Dallaire assumiu o comando da Missão de Assistência das Nações Unidas para Ruanda (UNAMIR)¹ e com um contingente de aproximadamente 2.500 soldados, a UNAMIR recebeu uma missão para supervisionar o acordo de paz que colocaria fim a uma guerra civil. No entanto, a morte do presidente ruandês, cujo avião foi abatido sobre o aeroporto de Kigali em abril de 1994, desencadeou acontecimentos que rapidamente se transformaram num gesto dos extremistas hutus para exterminar a população *tutsi*. Durante o caos sangrento, Dallaire ordenou que 10 soldados belgas, sob o seu comando, protegessem a nova primeira-ministra ruandesa. No entanto, os belgas e a primeira-ministra foram mantidos reféns por alguns hutus, tendo sido posteriormente encontrados mortos. À medida que a situação se deteriorava, Dallaire solicitava, sem sucesso, aos seus superiores da ONU em Nova Iorque que enviassem reforços. Confrontado com uma situação impossível, Dallaire consolidou as suas tropas em algumas áreas urbanas e conseguiu proteger alguns civis. No entanto, em julho de 1994, quando a escalada abrandou, mais de 800.000 pessoas tinham sido assassinadas e 2.000.000.000 se refugiaram em países vizinhos.

¹ Missão das Nações Unidas para o Ruanda (outubro de 1993 – março de 1996). A UNAMIR foi originalmente estabelecida para ajudar a implementar o Acordo de Paz de Arusha assinado pelos partidos ruandeses em 4 de agosto de 1993. O mandato e força da UNAMIR foram ajustados em várias ocasiões em face dos trágicos eventos do genocídio e da situação em mutação no país. O mandato da UNAMIR chegou ao fim em 8 de março de 1996.

Dallaire abandonou o comando da UNAMIR ao seu colega canadense Guy Tousignant em agosto de 1994 e regressou ao Canadá. De setembro de 1994 a outubro de 1995, Dallaire serviu simultaneamente como comandante-adjunto do Comando da Força Terrestre e comandante da 1ª Divisão Canadense. Seguiram-se outras nomeações importantes, mas afundou-se numa depressão que acabou por conduzir a uma tentativa de suicídio. Sofrendo de transtorno do estresse pós-traumático, Dallaire foi afastado do exército em 2000 por uma licença médica.

Em 2003, Dallaire chegou a um acordo com seu pesadelo ruandês e publicou a autobiografia *Shake Hands with the Devil: The Failure of Humanity in Ruanda*, que ganhou o Prêmio do Governador Geral por não-ficção em inglês e depois foi transformado em documentário. No ano seguinte, Dallaire recebeu uma bolsa de estudos no *Carr Center for Human Rights Policy* da Universidade de Harvard para pesquisar sobre resolução de conflitos. Em março de 2005, foi agraciado com a Medalha Pearson da Paz pelo governador-geral do Canadá por seu serviço internacional e, no mesmo mês, o primeiro-ministro Paul Martin o nomeou para o Senado, a Câmara Alta do Parlamento Canadense.

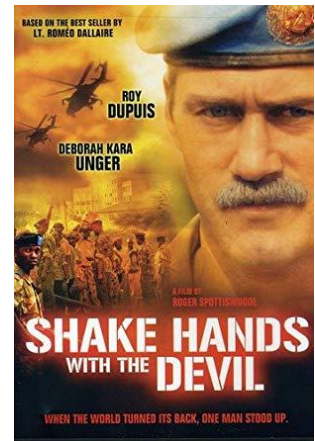


Imagem 1: Capa do documentário **História de um Massacre** (2004)

1.2. A obra

Escrita em 2003, pode ser classificada como literatura de testemunho, um termo cunhado e difundido a partir do testemunho de Primo Levi² sobre os horrores do holocausto contra os judeus e outras minorias na segunda guerra mundial. Revela uma apaixonada, emocional e impressionante história, sobre um genocídio e um comandante tão profissional e pessoalmente despreparado para aquele acontecimento como alguém preparado para uma missão de manutenção da paz poderia estar. Escrito nove anos após uma luta contra a depressão e outros males causados pelo trauma de presenciar um massacre, o livro ganhou o Prêmio do Governador Geral do Canadá na categoria não-ficção em inglês e posteriormente foi transformado em documentário dirigido por Peter Raymont, em 2005.

² Primo Levi – (Turim, 31 de julho de 1919 – Turim, 11 de abril de 1987) foi um químico e escritor italiano. Escreveu memórias, contos, poemas e novelas. É mais conhecido por seu trabalho sobre o Holocausto, em particular, por ter sido um prisioneiro em Auschwitz-Bikernau. Seu livro *É isso um Homem? Ou Se Isto É um Homem?* É considerado um dos mais importantes trabalhos memorialísticos do século XX.

O General Dallaire não é um escritor de ofício, portanto esse livro foi concebido para expressar as situações dramáticas e traumáticas por que passou no genocídio de Ruanda, mais do que isso, foi uma maneira de se livrar dos fantasmas que o atormentavam, numa espécie de rendição da culpa o perseguiu durante todo o período que ficou em silêncio. É uma narrativa constituída de muita oralidade, densa, pesada, como já mencionado aqui, apresenta períodos longos, incomum na escrita inglesa, que espelham toda a tristeza e indignação do seu autor.

Os trechos que foram abordados nesse trabalho são paratextuais (preâmbulo, prefácio e introdução), o que apesar de não fazerem parte da narrativa principal, muitas vezes considerados de aspecto liminar e negligenciados, não são, por isso, menos importantes. Marie Maclean (1991, p. 273-279) assim define a importância dos paratextos:

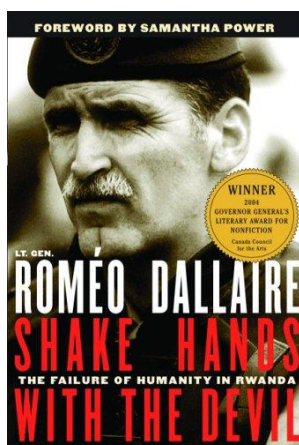
[...] não menos importante é a relação entre um texto e a sua moldura. Um paratexto afinal de contas é o que relaciona um texto ao seu contexto. Mas ele pode operar de muitas maneiras diferentes. Pode aparecer como um mero relação espacial, como quando um poema é cercado pelo branco da página, uma tela encostada em uma parede nua. Pode ser incômodo a ponto de eclipsar o texto em si, um detalhe dourado ao redor uma minúscula miniatura, ou o peso das notas que ameaçam submergir um texto marginal. A moldura pode funcionar como um meio de guiar o olho à imagem, e o paratexto o leitor ao texto. (tradução nossa).

Como destacado aqui por Maclean, de forma poética e metafórica, os paratextos têm sua importância para os textos com os quais se relacionam, o que pode proporcionar ao leitor uma janela ou uma amostra do que está por vir, um convite especial à leitura.

Portanto, negligenciar esses relevantes elementos textuais pode induzir o potencial leitor à frustração e ao preconceito.

Cabe ressaltar que o preâmbulo aqui traduzido não é de autoria de Dallaire, mas a sua escolha se deve não só por ser um componente importante da obra, mas pela contextualização temporal e pela riqueza das informações que apresenta.

Imagem 2: Capa do livro (*DALLAIRE, R., 2003*)



2. CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA

2.1. Genocídio

A Resolução Nº 96 (I) de 11 de dezembro de 1946, da Organização das Nações Unidas (ONU), convém o seguinte:

[...] **Artigo I** – As partes – contratantes confirmam que o genocídio, quer cometido em tempo de paz, quer em tempo de guerra, é um crime contra o Direito Internacional, o qual elas se comprometem a prevenir e a punir.

Artigo II – Na presente Convenção, entende-se por genocídio qualquer dos seguintes atos, cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, tal como:

- a) assassinato de membros do grupo;
- b) dano grave à integridade física ou mental de membros do grupo;
- c) submissão intencional do grupo a condições de existência que lhe ocasionem a destruição física total ou parcial;
- d) medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo;
- e) transferência forçada de menores do grupo para outro.

Artigo III – Serão punidos os seguintes atos:

- a) o genocídio;
- b) o conluio para cometer o genocídio;
- c) a incitação direta e pública a cometer o genocídio;
- d) a tentativa de genocídio;
- e) a cumplicidade no genocídio.

Em 1946, conforme anteriormente citado, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou uma resolução que “afirmava” que o genocídio era um crime à luz do direito internacional, mas não fornecia uma definição legal do crime. Dois anos depois, a Assembléia Geral da ONU adotou a Convenção sobre a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio, que pela primeira vez definiu legalmente o crime de genocídio.

Cinquenta anos mais tarde, o Conselho de Segurança da ONU assumiu novas responsabilidades em torno da proteção civil contra atos de genocídio. A Resolução 1674, adotada em 28 de abril de 2006, “reafirma as disposições dos parágrafos 138 e 139 do Documento Final da Cúpula Mundial de 2005 sobre a responsabilidade de proteger as populações do genocídio, crimes de guerra, limpeza étnica e crimes contra a humanidade”. Com a adoção da Resolução, o Conselho comprometeu-se a tomar medidas para proteger os civis em conflitos armados.

Em 2008, o Conselho de Segurança da ONU ampliou a definição de genocídio com a aprovação da Resolução 1820, observando que “o estupro e outras formas de violência sexual podem constituir crimes de guerra, crimes contra a humanidade ou um ato constitutivo em relação ao genocídio”.

A aprovação da Convenção alterou o papel da comunidade internacional na resposta ao genocídio: os direitos do Estado já não substituem os direitos dos indivíduos. Este conceito foi declarado no Artigo 1º, o qual declara que o genocídio “é um crime de direito internacional que eles se comprometem a prevenir e punir”.

Embora indivíduos e nações possam debater se uma atrocidade em massa específica constitui um verdadeiro genocídio, acreditamos que o mais importante é lembrarmos dos genocídios e atrocidades em massa do passado, aprendermos com eles e buscamos nos empenhar para fazer a diferença – estando conscientes e agindo juntos, podemos parar e prevenir as atrocidades em massa, podemos acabar com o genocídio.

Saber mais sobre genocídios passados e atrocidades em massa é o que todos nós podemos e devemos fazer para prevenir futuros genocídios.

2.2. Ruanda

A República de Ruanda é um pequeno país no centro do continente africano, conhecido por ser o país das mil colinas e pelos gorilas das montanhas, bem retratados em inúmeros documentários e filmes (Nas Montanhas dos Gorilas)³. Conta com uma população de mais de onze milhões de habitantes, em sua maioria jovens, considerado um dos países mais populosos da África e com uma área um pouco menor que o Estado de Alagoas. Sua capital é Kigali e tem como seu atual presidente o General Paul Kagame. O país reconhece quatro línguas como oficiais: inglês, francês, *kinyarwanda*⁴ e *swahili*⁵.

Ruanda é atualmente uma democracia com uma constituição adotada por meio de referendo em 2003, que prevê um sistema de governo multipartidário com eleições que

³ Nas Montanhas dos Gorilas (1988) – Drama/Obra de Época – filme de Michael Apted com Sigourney Weaver, Bryan Brown e Julie

⁴ O *kinyarwanda* ou *quiniaruanda*, também conhecido como *ruanda* ou *rwanda*, é uma língua banto falada principalmente em Ruanda, onde é uma das línguas oficiais junto ao francês. Também é falado no sul de Uganda e no leste da República Democrática do Congo.

⁵ O *suaíli* ou *suaíle*, também chamado de *suahíli* e conhecido pelas formas vernáculas *Swahili* ou *Kiswahili*, é a língua banto com o maior número de falantes (50 milhões, aproximadamente).

garantam a representatividade de todos os setores da sociedade. A constituição em vigor prevê em seu artigo 15º a proibição das organizações políticas de estabelecerem suas bases se classificando por raça, grupo étnico, tribo, clã, região, sexo, religião ou qualquer outra divisão que possa levar o país à discriminação e à segregação, um ponto muito importante para evitar futuros conflitos que possa desencadear a violência entre a população.

Conforme dados do Banco Mundial, Ruanda hoje é um dos países mais seguros da África, com menos de 2.5 assassinatos para cada 100.000 residências, uma marca impressionante em comparação com outros países, até mesmo países europeus e os Estados Unidos. É Considerado também um dos países menos corruptos e que apresenta uma das melhores expectativas de vida entre os países africanos.

Tratava-se de um país com economia predominantemente rural, a maioria de agricultura de subsistência e familiar, mas que nos últimos anos vem apresentando um crescimento considerável no setor de serviços e tecnologia. De acordo com o relatório do Banco Nacional de Ruanda sobre o ano fiscal (período de julho de 2017 a junho de 2018), os setores agrícola e industrial registraram um crescimento de 8%, ao passo que o setor dos serviços cresceu 10%. E por apresentar esse crescimento tão significativo, esse pequeno país vem sendo considerado por muitos especialistas como um tigre africano, em analogia ao pujante crescimento dos países considerados os tigres asiáticos, que na década de 1970 alcançaram um acelerado desenvolvimento industrial e econômico, como por exemplo Cingapura e Coreia do Sul.



Imagem 3: Mapa de Ruanda

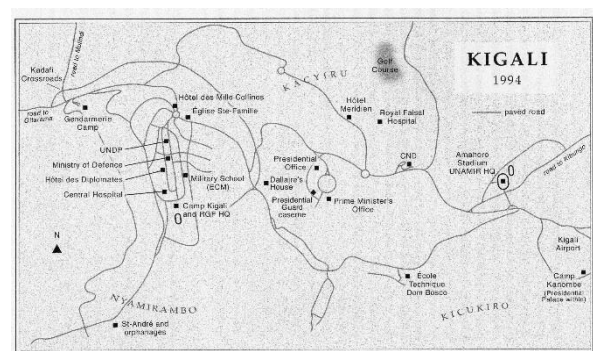


Imagem 4: Mapa da Capital Kigali principais rotas.

2.3. As raízes do ódio

O genocídio que aconteceu em Ruanda no ano de 1994 foi um massacre que resultou na morte de aproximadamente 1.000.000 (um milhão) de pessoas da etnia *Tutsi* e alguns *Hutus* moderados, em um período de 100 dias, entre abril e julho daquele ano. A motivação que desencadeou o ódio entre as tribos predominantes no país teve suas raízes no colonialismo imperialista Belga, que assumiu o controle do pequeno país africano em 1918, após o jugo alemão. Durante o período em que controlou o país, os colonizadores belgas organizaram um censo em que obrigaram a população a ser identificada e classificada de acordo com sua etnia. Todavia, do ponto de vista social e cultural, as populações que ali habitavam, independente de diferenças étnicas, sempre compartilharam muitas similitudes: língua, tradições e habitavam a mesma região desde há muito. Entretanto, os três grupos étnicos que habitavam Ruanda foram rotulados com cartões de identificação: *Hutus*, aproximadamente 70% da população, *Tutsis*, entre 18 e 20% e *Twas*, uma minoria de 1% que vivia nas florestas.

Durante o controle Belga os *Tutsis* foram privilegiados e considerados superiores aos *Hutus* e foram os que mais se beneficiaram, sendo considerados mais semelhantes aos europeus, com a pele mais clara, maior estatura e nariz mais afilado. Assim, tiveram as melhores oportunidades de emprego e de educação. Com esses critérios de classificação física, iniciou-se a segregação desses povos e, com isso, a perpetuação do ódio, que mais tarde desencadearia o massacre indiscriminado, visto que, após o fim do colonialismo Belga, o país passou ao controle político e social dos *Hutus*.

Em 1959 o ressentimento dos *Hutus* com os privilégios dados aos *Tutsis* culminou com uma rebelião com a morte de mais de vinte mil *Tutsis* e com o êxodo de muitos mais para os países vizinhos: Uganda, República Democrática do Congo, Burundi e Tanzânia.

Em 1962, os Belgas renunciaram à colônia e durante décadas subsequentes de domínio *Hutu* os *Tutsis* foram considerados os bodes expiatórios de todas as crises que se abateram sobre o país, condição que se agravou quando em abril de 1994 o avião em que se encontrava o presidente ruandês, Juvenal Habyarimana, que era Hutu, e o presidente do Burundi caiu em uma viagem entre os dois países. As suspeitas de que o avião tinha sido abatido recaíram sobre guerrilheiros *Tutsis* organizados em países vizinhos como a República Democrática do Congo e Burundi. Esse acontecimento foi o estopim para o início do massacre.

2.4. Reconstrução e Reconciliação

Após as atrocidades ocorridas no genocídio em Ruanda, atrocidades perpetradas pelas forças armadas, por milícias paramilitares, os *interahamwe*; por civis contra civis, ou seja, toda a sociedade que se envolveu de alguma forma nesse brutal massacre de mais de 800 mil vidas, era necessário viabilizar, não só a reconstrução da infraestrutura, mas também a reconciliação da sociedade.

A Ruanda pós-genocídio era um país fragmentado social, política e economicamente. Urgia a reconstrução do que restou após os cem dias de violência desenfreada. Promover a justiça estava também na ordem do dia e reconstruir uma estrutura mínima para que os culpados fossem submetidos à força da lei era também uma necessidade premente.

Todavia, mais do que a aplicação da justiça e a concessão de perdão, a palavra mais buscada e que confrontava mais a sociedade ruandesa era a “reconciliação”, para que conflitos futuros não se repetissem, mas também para permitir que Ruanda se levantasse como nação e estado político organizado e, assim, promovesse a reconstrução social. A aplicação da justiça, por sua vez, foi um importante fator dessa reconciliação.

Em Ruanda, a reconciliação teve e ainda tem o papel principal de promover o perdão e a justiça às minorias que foram alvos das atrocidades e, nesse sentido, promover também a busca da verdade, a responsabilização dos que cometeram crimes e o conforto das famílias vitimadas.

No caso de Ruanda a comunidade internacional optou por tribunais comunitários, a exemplo dos tempos anteriores à colonização, onde anciãos das tribos realizavam audiências tribais ao ar livre para resolver problemas do convívio social, um modelo tradicional de resolução de conflitos. Foi a alternativa para se fazer justiça aos criminosos que sistematicamente cometeram assassinatos e todo tipo de barbaridade contra vizinhos, parentes, colegas de trabalho, como a pilhagem casas, roubo de propriedades e se aproveitaram do caos instalado naqueles fatídicos dias em Ruanda. A comunidade internacional, por meio do Tribunal Penal Internacional, se ocupou de julgar e condenar os líderes e autoridades de comando que incentivaram e insuflaram as multidões para promover as atrocidades cometidas. Assim, a

justiça pôde ser feita de forma mais célere e significativa, pois caso os tribunais comunitários, as chamadas “gacacas”⁶, não fossem estabelecidos, a justiça não seria amplamente aplicada.

A reconciliação em Ruanda foi e ainda se configura um processo que demanda tempo e paciência, visto que o número de pessoas a serem responsabilizadas ainda é muito grande, passados 25 anos do genocídio; e as “gacacas” foram, a princípio, essenciais para a promoção da justiça. Ainda hoje, a reconciliação é buscada e incentivada em Ruanda, sem que se negligencie o passado e sem retroceder, o país vem recuperando a sua sociedade para que as futuras gerações recebam uma nação com perspectivas de promover o desenvolvimento e a prosperidade.

⁶ Gacaca, ou justiça no terreno, é um tribunal destinado a resolver litígios locais. Inspirado no sistema tradicional ruandês, o tribunal Gacaca é convocado pelos membros mais velhos da comunidade e nele participam, além desses membros, todas as partes envolvidas num crime. O objectivo é a mediação do problema, com o eventual ressarcimento dos danos provocados ou um pedido de desculpas. Os tribunais foram estabelecidos em 2002, na sequência do genocídio de 1994, e têm como missão a descoberta da verdade, a justiça e a reconciliação, para evitar o cometimento de atrocidades semelhantes no futuro. Os juízes dos tribunais Gacaca podem impor a aplicação de sentenças, entre as quais a prisão.

3. CAPÍTULO III: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. A tradução

A tradução é um ato de linguagem e, como tal, dissociar este ato das bases que definem a linguagem como a linguística e suas teorias e definições pode condená-la à ilegitimidade. Essa tem sido a preocupação principal de alguns teóricos, quando buscam, de certa forma, associar suas teorias com as teorias linguísticas, visando não só conferir importância científica às suas teorias, como também partir de uma base conceitual para empregar volume teórico na construção de suas concepções do que é a tradução. Todavia, é preciso, acima de tudo entender a subjetividade, a pluralidade e a heterogeneidade do ato de traduzir, este, portanto, de difícil normatização e unificação.

As teorias da tradução buscam uma base empírica para fundamentar e dar credibilidade e legitimidade aos seus estudos e fundamentos teóricos. Nesse sentido, as teorias da tradução preconizadas por teóricos como: Jakobson(1959), Catford (1980), Nida (1969), Meschonnic (1999), Benjamim (1923) e Berman (2007), este com uma perspectiva mais plural e heterogênea, entre outros, procuram explicar seus estudos e experiências com base nas teorias linguísticas, haja vista que a tradução lida com a língua e tudo que acompanha esse processo de aquisição e formação de uma identidade linguística, seja: social, cultural e histórica, para, assim, transformar, interpretar, transferir o sentido ou, literalmente, traduzir ideias, pensamentos, literatura, experiência de vida, com ênfase na língua alvo, ou na língua de saída, mas sobretudo, transmitir e compartilhar conhecimento entre os povos.

3.2. Tradução comentada

A Tradução Comentada ou Tradução Anotada, Apesar de um gênero em construção, aparece com relativa frequência em vários trabalhos de conclusão de estudantes de tradução. Nesse sentido, Zavaglia, e outras (2015, p. 1) discutem ainda como se dão os comentários das traduções, sob que aspectos comentar e quais os parâmetros e fundamentos:

A problemática referente à tradução comentada começa em sua designação: realizar uma tradução comentada seria explicá-la, explicitando os procedimentos e estratégias adotados? Seria criticá-la, analisando-a de maneira aprofundada e apresentando seus fundamentos teóricos e epistemológicos? Seria complementá-la, arrematando-a, por acréscimos enciclopédicos, históricos ou contextuais? E de que modo? Qual sua forma? Qual sua função? Qual sua natureza? Haveria um consenso entre tradutores, pesquisadores ou editores sobre o que seria uma tradução comentada? [...]

É possível que em alguns casos seria importante desenvolver comentários de uma tradução sob muitos aspectos: o crítico, o analítico, o epistemológico, complementando, arrematando, corrigindo, acrescentando. A natureza dos comentários será escolhida à medida em que o processo se desenvolve. O traduzir é que vai pedir a intervenção do tradutor em seu comentário e ditar o ritmo desses comentários. Em que pese toda uma discussão sobre a tradução comentada como gênero, o que cabe aqui destacar é o processo que se dão os comentários, ou seja, esse processo pode se dar de diferentes formas, dependendo da intenção de estratégias do tradutor, das suas escolhas e, sobretudo, dos problemas enfrentados na tarefa e as possíveis soluções para esses problemas durante o percurso.

Conforme preconiza Torres (2017, p.11), os estudos sobre tradução comentada e sua definição podem ser considerados a partir da tradução de um texto e de todo o processo, e de forma específica e concomitante, propor os comentários de acordo com suas escolhas e concepções teóricas. Os comentários devem ter como objetivo a explicação clara e eficiente das escolhas, bem como justificativas bem calcadas no texto.

Sem muita polêmica a respeito da distinção entre tradução comentada, tradução com comentários e tradução anotada, os quais consideram sinônimos, Willians e Chasterman, em *The Map* (2002), assim definem o que consideram sobre esse gênero textual:

[...] uma tradução com comentários (ou tradução anotada) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de traduzir. (ibid., p. 7, tradução nossa, parênteses dos autores)

E, nesse sentido, fazem uma classificação de como os comentários podem se manifestar nesse tipo de abordagem: os comentários podem englobar a tarefa do traduzir, a análise do texto fonte e de seu contexto ou apresentar justificativas quanto aos problemas suscitados no processo de tradução. A tradução comentada é, portanto, conforme os estudos até aqui realizados, o ato de traduzir um texto para outra língua e tecer comentários e opiniões, que podem ser amparados em teorias, esses comentários devem explicar as escolhas de forma clara, tendo em vista a estratégia proposta pelo tradutor e as justificativas por ele apresentadas.

Maryvonne Boisseau (2007 apud Zavaglia e outras, 2015, p. 334) destaca, na revista *Palimpseste*, a relação histórica e independente entre a tradução e o comentário, enfatizando suas similaridades quanto à reflexão do pré-texto e seu prolongamento do texto principal, conforme interpretação e todos os tipos de notas explicativas, que acabam se consolidando na

escrita e conclui que a tradução intralingual ou interlingual é uma interpretação e um comentário do texto original, o que pode levantar a hipótese de a própria tradução ser um comentário.

3.3. Literatura de testemunho

Márcio Seligmann, em *Testemunho da Shoah e Literatura* (2008), embora não reconheça o testemunho como um gênero literário, no âmbito da literatura testemunhal, o reconhece como uma face da literatura, que surgiu na época por ele caracterizada como época das catástrofes, referindo-se às guerras e outros acontecimentos que justifiquem o termo catástrofe, principalmente os acontecidos do século XX.

Seligmann (*ibid.*, p. 3-4) assim classifica a literatura testemunhal, que tem como parâmetro autores e testemunhas sobreviventes do holocausto, aqui tratado como Shoah, cujo como principal expoente, Primo Levi, é um dos precursores dessa “face da literatura”:

[...] a noção de “literatura de testemunho” é mais empregada no âmbito anglo-saxão. Aqui poderíamos pensar na importância dos grandes tribunais do pós-guerra (enquanto origem das ondas de testemunho), assim como em um diálogo com os estudos literários latino-americanos (onde o conceito de “testimonio” teve um importante papel desde os anos 1970).⁶ No contexto de língua germânica, até os anos 1990 costuma-se falar mais de “*Holocaust-Literatur*”, antes da introdução do conceito de *Zeugnisliteratur* pela via tanto dos estudos da Shoah como da América-Latina. **Não procura-se [sic] normalmente nessa bibliografia definir de modo estrito qual seria a literatura de testemunho: de um modo geral, trata-se do conceito de testemunho e da forte presença desse elemento nas obras de sobreviventes ou de autores que enfocam as catástrofes (guerras, campos de concentração etc., predominantemente do século XX).** Os autores estudados como fazendo parte do cânone testemunhal da Shoah (independentemente do fato de serem testemunhas primárias) são: Primo Levi, Paul Celan, Victor Klemperer, Aharon Appelfeld, Jorge Semprun, Jean Améry, Adam Czerniakow, Cael Perechodnik, Robert Antelme, Georges Perec, Charlotte Delbo, Ruth Klüger, Maurice Blanchot, Jean Cayrol, David Rousset, Art Spiegelman, entre outros. Com os estudos que realizam paralelos entre o testemunho da Shoah e o do Gulag, bem como com obras de (ou sobre) sobreviventes de outros genocídios e catástrofes estabeleceu-se uma nova área dedicada ao estudo comparado dos genocídios. (Grifo nosso)

O genocídio em Ruanda em 1994 se enquadra na classificação e definição de Seligmann, haja vista estar na linha de tempo considerada por Seligmann, apesar de se localizar na periferia do que considera Seligmann o cânone testemunhal. Embora o testemunho do General Romeo Dallaire sobre o genocídio que presenciou em Ruanda se enquadre como o “subgênero” literatura testemunhal, a perspectiva é diferente dos testemunhos do “*Shoah*”, uma vez que o General Dallaire não sofreu diretamente com o genocídio, mas foi designado

em uma missão para garantir um acordo de paz em uma guerra civil, jamais imaginara que iria testemunhar o que viria a ser caracterizado como o genocídio que em menos tempo matou mais gente na história da humanidade, mais de 800.000 mil pessoas em 100 dias, fato que não desclassifica ou deslegitima o testemunho do General Dallaire.

3.4. O tradutor e o testemunho

A perspectiva levantada por Anna Basevi (2018) baseada na narrativa testemunhal em cenas de tradução na obra *Se questo è un uomo*, de Primo Levi, sobrevivente das atrocidades do campo de concentração nazista de Auschwitz, vislumbra o enriquecimento da ética e da prática na identificação do ouvinte/leitor/tradutor como testemunha (BASEVI, 2018).

Ao levar em consideração os aspectos narrativos e estilísticos da literatura testemunhal, principalmente das obras de sobreviventes dos campos de concentração nazistas, a autora busca trazer à tona os testemunhos e as dificuldades desses testemunhos serem colhidos e transmitidos para os leitores por meio da tradução desses textos, tão complexos, do ponto de vista das circunstâncias em que foram produzidos e da necessidade de se produzir um testemunho verdadeiro e ético das atrocidades que foram perpetradas contra os que morreram e os que sobreviveram naqueles campos.

Para tanto, cita aspectos da tradução da obra de Levi e considerando que o testemunho por si só já é uma tradução, um relato de experiências que gera, por conseguinte, uma dificuldade para a tradução, uma descrição que facilita a transmissão da experiência e não anule esse testemunho, que faça com que o ouvinte assuma a responsabilidade no que considera um círculo testemunhal. A testemunha é convocada a ouvir o outro e levar adiante a sua história “não por culpabilidade ou por compaixão” (ibid., p.237 apud GAGNEBIN, 2006, p.57), mas para perpetuar o desconforto do sofrimento praticado contra o outro e, talvez, a impossibilidade de que se repita.

Basevi elenca nesse artigo que a escuta do testemunho é imprescindível para a transmissibilidade da experiência e conclama a necessidade de o tradutor assumir um posicionamento com clareza em relação ao testemunho, haja vista a urgência de se colher esse testemunho e de que forma deve ser reproduzido, levando-se em conta uma ética tradutória que requer a literatura testemunhal e que tem como problema principal o dilema entre manter o

silêncio ou testemunhar, contar, narrar em uma condição de confusão mental que acomete um sobrevivente, conforme conclui Elie Wiesel (ibid., p. 238 apud 2013, p. 13): “calar é proibido, falar é difícil, se não impossível”.

Basevi conclui que, partindo do princípio de que a tradução de um texto testemunhal demanda um cuidado duplo com a clareza, relativo à tradução da literatura e à voz-estilo encontrada pela testemunha (ibid., p. 241). Uma relação que ressalta o que Basevi encara como problema, que é as relações entre determinado texto e a escuta que o tradutor provoca. O que, na visão de Basevi, situa o tradutor na condição de testemunha não só de relatos, mas de textos, estilos, tentativa de transmissão ou representação. Basevi cita proposta de Meschonnic (1999, p. 103), que considera a tradução como relação entre textos e não entre línguas. E ao retomar também a ideia de Insana (2009, p. 4 apud BASEVI 2018) de junção testemunho-tradução, ou seja, a testemunha como tradutor, propõe a inversão para o tradutor como testemunha. Por fim, Basevi propõe, nessa visão ampla de uma comunidade testemunhal, que não só o autor, mas o leitor e o tradutor passam a ser testemunhas dos fatos narrados e possam, assim, serem compartilhados, e que a responsabilidade ética do tradutor de literatura testemunhal reforça os rumos de toda a literatura.

Essas reflexões vêm corroborar o que se propõe nesse trabalho, haja vista que o testemunho do General Romeo Dalairé pretende que o leitor escute o seu clamor como testemunha e convocando esse leitor a testemunhar com ele os horrores por quais passou, longe de ser um testemunho que não legitime a sua condição ou que revele uma parcialidade intencional, mas um testemunho comprometido, sobretudo, com a ética e com a verdade.

3.5. Uma abordagem funcionalista

O funcionalismo é uma corrente linguística que, em oposição ao Estruturalismo e ao Gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. Para os estudos da tradução, o funcionalismo veio quebrar o tabu das teorias clássicas lastreadas em correntes linguísticas e inaugurar um processo mais voltado para a prática comunicativa.

A linguagem é um instrumento de interação social. A investigação linguística vai além da estrutura gramatical, já a funcionalista busca na situação comunicativa (que envolve os

interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo) a motivação para os fatos da língua. Ele procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.

No enfoque funcionalista, a pragmática representa o componente mais abrangente no interior do qual se deve estudar a semântica e a sintaxe: a semântica é dependente da pragmática, e a sintaxe, da semântica. É uma mudança radical na direção das prioridades metodológicas. Assim, na abordagem funcionalista o tradutor tem por objetivo o propósito da sua tradução sob a perspectiva da ação de comunicar de se fazer entender, as características linguísticas dos significados das palavras devem ter uma relação com a função e o contexto em que se insere. Portanto, o texto alvo deve estar a serviço do propósito estabelecido pela tradução (NORD, 1997).

Como aqui se pretende que o texto traduzido reproduza nos leitores da nossa língua os mesmos efeitos e impactos produzidos no leitor da língua original, a teoria funcionalista com sua perspectiva comunicativa pode, de forma razoável, atender as expectativas estabelecidas e tentar transmitir o texto da forma mais clara possível e reproduzir no leitor da língua de chegada os efeitos aqui pretendidos.

3.6. Reflexões sobre as “reflexões” de Antoine Berman

Cabe ressaltar aqui que se vislumbrou aqui as reflexões do filósofo, crítico literário e teórico francês da tradução, Antoine Berman (1942-1991), em suas críticas e reflexões sobre tradução considerava o ato de traduzir sob várias perspectivas, não como um ato mecânico, haja vista em sua concepção de que a tradução tem que considerar aspectos culturais, sociais e até psicológicos. Berman sob a égide da dos estudos da tradução e em sua experiência como tradutor de obras alemãs e de literatura latino-americana e da reflexão da própria tradução como experiência, e em uma análise das teorias dos que o antecederam apresenta esse novo propósito dos estudos da tradução.

Entre as tarefas dessa nova perspectiva dos estudos da tradução, além da reflexão e da experiência, Berman considera a tradução da letra, ou em suas palavras uma tradução “literalizante”, o que não significa literal, mas uma tradução distante disso, não uma mera reprodução ou um avesso de tradução, isso não significa traduzir palavra por palavra e sim trabalhar sobre a letra, não o sentido em si. Nesse sentido, o teórico francês desconsidera a

tradução etnocêntrica, em que uma língua aparece em superioridade a outra, a língua para a qual se traduz. Também se opõe à tradução hipertextual, em que o resultado são textos que seguem processos que parecem mais “uma imitação, um pastiche, uma paródia, uma recriação livre, uma paráfrase, uma citação, um comentário, ou uma mescla de tudo isso” (BERMAN, 1985:34).

A tradução do testemunho que se pretende nesse trabalho tem que se calcar na verdade do seu autor, buscar uma tradução que faça com que o leitor vá ao encontro do original. Se aqui se pretende uma tradução que provoque o mesmo espanto e indignação do seu autor, as reflexões de Antoine Berman aparecia como alternativa, mas as características funcionalistas são mais condizentes com as pretensões aqui estabelecidas. Todavia, como uma tradução de testemunho, julguei importante citar as reflexões de Berman, haja vista que um testemunho tem que se espelhar na verdade e, como reflete Berman, a verdade de uma tradução também se espelha na ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta e realização desse trabalho despertaram em mim diversos sentimentos e impressões, dado à natureza sentimental dos acontecimentos narrados e, conforme a tarefa do traduzir se desenrolava, me vi impregnado com as emoções e sensações provocados pela comovente narrativa. Assim, me vi na obrigação de reproduzir essas impressões e, para tanto, foram feitas marcações de alguns pontos que considereei serem relevantes para comentar, não obstante o próprio texto despertou minha atenção para os parágrafos longos que apresenta, uma forma não muito comum na escrita inglesa. Os períodos densos, como densa é a história, me fizeram, na medida em que me envolvia com a tradução, criar imagens na minha mente, conforme a narrativa se desenrolava. Acredito que não de forma intencional pelo autor, mas sua narrativa também remete o seu leitor original a essas imagens, que na tradução procurei reproduzir.

Nesse sentido, busquei me aproximar o máximo do original e, com isso, provocar, por meio das imagens, as sensações que o autor descreve e assim fazer com que os leitores se insiram na história e possam, por mais chocantes que sejam essas imagens, testemunhar também os horrores do genocídio relatado. Procurei também comentar os períodos e os parágrafos que mais reúnem a capacidade de provocar, por meio das sensações descritas, a indignação, a angústia, o desespero, a impotência e todo um turbilhão de sentimentos que tive a oportunidade de literalmente “presenciar”.

O tradutor é antes de tudo um leitor, então torna-se impossível ficar alheio e não se envolver nesse testemunho impressionante. O relato do General Romeo Dallaire me colocou literalmente no olho do furacão do genocídio, não só como leitor, mas como tradutor e sobretudo como testemunha.

TABELA TRADUÇÃO

ORIGINAL

TRADUÇÃO

INHABITING THE HORROR

HABITANDO O TERROR

Foreword

Preâmbulo

Once Elie Wiesel finally found a publisher for his justly celebrated memoir *Night*, he became the world's best-known witness. In *Night*, Wiesel writes of a Hasidic scholar named Moshe the Beadle, who in the early 1940s lived in the town of Sighet, Transylvania. One day in 1941 Sighet herded its foreign Jews onto cattle cars and expelled them. Moshe the Beadle, who had been teaching *kabbalah* to the twelve-year-old Wiesel, disappeared.

Uma vez que Elie Wiesel finalmente encontrou um editor para o seu justo e célebre livro de memórias, *Noite*, ele tornou-se a testemunha mais conhecida do mundo. Em *Noite*, Wiesel escreve sobre um estudioso Hassídico chamado Moshe, o bedel, que no início dos anos 40 vivia na cidade de Sighet, na Romênia. Um dia em 1941 Sighet juntou os seus judeus estrangeiros em carros de gado e expulsou-os. Moshe, o bedel, que vinha ensinando *kabbalah* ao Wiesel de doze anos de idade, desapareceu.

Most of Sighet's foreign Jews were never heard from again, but after several months Moshe the Beadle miraculously returned to Sighet and told his story. He and the other foreign Jews had been transported across the Hungarian frontier by train, picked up by lorry, and driven into a forest in Galicia. There, they were forced to dig large graves and then stand before the holes, as they were systematically mowed down by

Nunca mais se ouviu falar dos judeus estrangeiros de Sighet, mas depois de vários meses Moshe, o bedel, voltou miraculosamente a Sighet e contou a história dele. Ele e os outros judeus estrangeiros tinham sido transportados de comboio através da fronteira húngara, apanhados por caminhão e conduzidos por uma floresta na Galicia. Lá, eles foram forçados a cavar grandes sepulturas e depois ficar em pé diante desses

German gun-fire. The Gestapo gunners threw the Jewish babies into the air and used them for target practice.

Moshe the Beadle had been shot in the leg and survived the massacre by playing dead. He managed to return to Sighet, and went door to door describing the horrors of his experience and the eliminationist aims of the Nazi attackers. But, as Wiesel wrote, "People refused not only to believe his stories, but even to listen to them." They knew better. "What an imagination he has," they said. Or, "Poor fellow. He's gone mad."

When I first heard about the experience of General Romeo Dallaire, the commander of UN forces in Rwanda during the 1994 genocide, I thought of Moshe the Beadle. In most wars it is images and artifacts that emerge to shape our memory of events. The recent Iraq war may be remembered less for the toppling of Saddam Hussein's statue than for the ghastly pile of naked bodies in the Abu Ghraib prison. The Bosnia war gave us the stick figures looking out from behind barbed wire in Serb-run concentration camps and a Muslim woman who escaped Serb guns in Srebrenica but who then hanged herself from a tree in a refugee camp. Rwanda will be remembered for the scores of whitened, bloated bodies that bobbed down the Kagera River, and for the proud, humbled

buracos, enquanto eram sistematicamente fuzilados por artilharia alemã. Os atiradores da Gestapo jogavam os bebês judeus no ar e os usavam para praticar tiro ao alvo.

Moshe, o bedel, foi atingido na perna e sobreviveu ao massacre fingindo-se de morto. Ele conseguiu retornar a Sighet, e foi de porta em porta descrevendo os horrores de sua experiência e os objetivos eliminatórios dos algozes nazistas. Mas, como escreveu Wiesel, "as pessoas recusavam-se não só a acreditar nas suas histórias, mas até a ouvi-las". Eles o conheciam bem. "Que imaginação ele tem", diziam eles. Ou, "Pobre rapaz. Ele enlouqueceu".

Quando ouvi falar pela primeira vez da experiência do General Romeo Dallaire, comandante das forças da ONU em Ruanda durante o genocídio de 1994, pensei em Moshe, o bedel. Na maioria das guerras são imagens e artefatos que emergem para moldar nossa memória dos acontecimentos. A recente guerra no Iraque pode ser menos lembrada pela queda da estátua de Saddam Hussein do que pela a horrível pilha de corpos nus na prisão de Abu Ghraib. A guerra da Bósnia nos deu as figuras que olhavam por detrás do arame farpado. Campos de concentração geridos por sérvios e uma mulher muçulmana que escapou das armas dos sérvios em *Srebrenica*, mas que depois se enforcou numa árvore em um acampamento de refugiados. Ruanda será lembrada pelas dezenas de

visage of General Dallaire — General Dallaire, the protector, who never had any intention of becoming General Dallaire, the witness.

Dallaire was of course not a Tutsi and thus not a member of the group that had been marked for extermination in Rwanda. But like Moshe the Beadle, Dallaire warned of the horrors that lay ahead and described the massacres as they were happening. Like Moshe the Beadle, he was ignored and written off as a simpleton and a "loose cannon." And like Moshe the Beadle, he ended up shattered. For Dallaire, army service was everything— in his words "my mistress, my muse and my family." Yet despite a distinguished career, because Dallaire refuses to forget what happened on his watch, his name will forever be associated with failure — the world's failure to protect and his own failure to persuade.

The Rwandan genocide's primary artifact may be the fax written by Dallaire three months before the start of what would become the fastest killing campaign of the twentieth century. On January 11, 1994, General Dallaire wrote to Kofi Annan, who was running the UN peacekeeping office in New York, that, according to "Jean Pierre," an anonymous informant high up in the inner circles of the Interahamwe Rwandan militia, Hutu extremists "had been ordered to register all the

corpos inchados, que desceram o rio Kagera, e pela nobre e humilde face do General Dallaire, o protetor, que nunca teve qualquer intenção de se tornar o General Dallaire, a testemunha.

Dallaire não era, naturalmente, um Tutsi e, portanto, não era um dos que tinham sido marcados para extermínio em Ruanda. Mas, como Moshe, o bedel, Dallaire avisou sobre os horrores que se avizinhavam e descreveu os massacres como eles estavam a acontecer. Como Moshe, o bedel, ele foi ignorado e descartado como um simplório e um "caminhão desgovernado". E como Moshe, o bedel, ele acabou despedaçado. Para Dallaire, o serviço militar era tudo, em suas palavras: "a minha amante, a minha musa e a minha família". No entanto, apesar de uma carreira notável, porque Dallaire se recusa a esquecer o que aconteceu em sua missão, o seu nome estará para sempre associado ao fracasso — o fracasso do mundo em proteger e o seu próprio fracasso em persuadir.

A principal peça do genocídio de Ruanda pode ser o fax escrito por Dallaire três meses antes do início do que se tornaria a mais rápida campanha de matança do século XX. Em 11 de janeiro de 1994, o General Dallaire escreveu a Kofi Annan, que dirigia o gabinete de manutenção da paz da ONU, em Nova Iorque, que, de acordo com "Jean Pierre", um

Tutsi in Kigali." "He suspects it is for their extermination," Dallaire wrote. "Example he gave was that in 20 minutes his personnel could kill up to 1,000 Tutsis."

"Jean Pierre" had warned not only of an existential threat to Rwanda's Tutsi but also of the militants' plan to murder a number of Belgian peacekeepers in order to "guarantee Belgian withdrawal from Rwanda." The informant was prepared to identify major arms caches scattered throughout Rwanda, but he wanted passports and protection for his wife and four children. Dallaire admitted the possibility of a trap but said he believed the informant was reliable. He told Annan that his UN forces were prepared to act within thirty-six hours. "Where there's a will, there's a way," Dallaire signed the cable. "Let's go."

Annan's response was firm. Dallaire was not to confront the extremists. In October 1993, just three months before Dallaire sent his fax, eighteen U.S. soldiers had been killed in a Somalia firefight. Annan believed — probably correctly — that the United States and its allies

anônimo informante nos círculos internos da milícia *Interahamwe*⁷ de Ruanda, os extremistas hutus "receberam ordens para registrar todos os Tutsis em Kigali." "Ele suspeita que é para o extermínio deles", escreveu Dallaire. "Ele exemplificou que em 20 minutos o seu pessoal podia matar até 1.000 Tutsis."

"Jean Pierre" tinha avisado não só de uma ameaça existencial a *Tutsis* de Ruanda, mas também do plano das milícias para assassinar uma série de belgas da força de manutenção da paz, a fim de "garantir a retirada da Bélgica de Ruanda." O informante estava preparado para identificar os principais esconderijos de armas espalhados por Ruanda, mas queria passaportes e proteção para a mulher e os quatro filhos. Dallaire admitiu a possibilidade de uma armadilha, mas disse acreditar que o informante era confiável. Ele disse a Annan que a força e paz da ONU sob seu comando estava preparada para agir em trinta e seis horas. "Onde há uma vontade, há um caminho," Dallaire assinou o telegrama. "Vamos lá!".

A resposta de Annan foi firme. Dallaire não devia enfrentar os extremistas. Em outubro de 1993, apenas três meses antes de Dallaire enviar o seu fax, 18 soldados americanos foram mortos num confronto na Somália. Annan acreditava — provavelmente de forma acertda — que os

⁷ A Interahamwe era a mais importante das milícias armadas pela maioria étnica Hutu de Ruanda e, junto com o Impuzamugambi, foi responsável pelas 800.000 mortes no Genocídio de Ruanda de 1994.

would not want to cross what had become known as "the Mogadishu line." But instead of testing the major powers or attempting to shame them by leaking the alarming news, Annan buried the "genocide fax." The Rwandan militia members took their cue.

Annan told Dallaire to lie low, to stick to his limited mandate, and to notify the Rwandan president (who was himself thought to be implicated in the plot) and the Western ambassadors in Kigali of the informant's claims. Battling by telephone with officials in New York and sending multiple additional faxes, Dallaire contested the decision. Even after Dallaire had confirmed the reliability of the informant, his political masters would not budge. "You've got to let me do this," Dallaire pleaded. "If we don't stop these weapons, someday those weapons will be used against us."

On April 6, the Rwandan president's plane was shot down, the genocide began, and, just as Dallaire had warned, the militia went after the blue helmets and butchered ten Belgians. The Belgian government withdrew the rest of its forces; the UN mission unraveled. On April 21, 1994, with reports of tens of thousands of Tutsi already murdered, in the single most shameful act in the history of the United Nations, the states

Estados Unidos e os seus aliados não iriam querer atravessar o que ficou conhecido como "a Linha Mogadíscio" Mas, em vez de testar as grandes potências ou tentar envergonhá-las com o vazamento de notícias alarmantes, Annan enterrou o "fax do genocídio". Os membros da milícia ruandesa aceitaram a deixa.

Annan disse a Dallaire para se acalmar, para manter a sua atividade limitada, e para notificar o presidente ruandês (ele próprio suspeito de estar implicado na conspiração) e os embaixadores ocidentais em Kigali sobre as reivindicações do informante. Argumentando por telefone com funcionários da ONU em Nova Iorque e enviando múltiplos faxes adicionais, Dallaire contestou a decisão. Mesmo depois de Dallaire ter confirmado a fiabilidade do informante, os seus superiores políticos não se mexeram. "Vocês têm de me deixar fazer isto", suplicou Dallaire. "Se nós não os fizermos parar essas armas, um dia elas serão usadas contra nós."

Em 6 de Abril, o avião do presidente ruandês foi abatido, o genocídio começou e, tal como Dallaire havia advertido, a milícia foi atrás dos capacetes azuis e massacraram dez belgas. O Governo belga retirou o resto das suas forças, a missão da ONU foi deflagrada. Em 21 de abril de 1994, com relatos de dezenas de milhares de Tutsis já assassinados, no ato mais vergonhoso da história das Nações Unidas, o Estados membros do

on the Security Council voted to withdraw Dallaire's UN forces from Rwanda. Dallaire insisted on remaining. For more than two months he and his rump force of 450 watched helplessly as the bodies piled up around them.

It took Romeo Dallaire more than seven years to put pen to paper and to give us this gripping, chilling, and, above all, honest book. In it Dallaire reminds us of the impossible choices that confronted him in Rwanda every day. The genocide occurred a decade ago, but we can still hear him asking himself, and us: If I had done something differently, could I have saved my Belgian soldiers when they were in the custody of the Rwandan Presidential Guard? Should I have ignored the direct orders I received from New York—orders *not* to protect Rwandan civilians and *not* to use force until fired upon? Was I right to remove the bullets from my pistol ahead of my meetings with *Interahamwe* militia leaders, or should I have given in to the compulsion to kill men whose shirts were spattered with dried blood? Should I, Romeo Dallaire, have shaken hands with the devil? A full decade after the genocide, Dallaire is still looking for the operational and moral guidance that never came.

Dallaire's book is important. Other accounts have described the horror of those days, but we have never heard at length before from the

Conselho de Segurança votaram a favor da retirada das forças da ONU de Dallaire de Ruanda. Dallaire insistiu em permanecer. Por mais de dois meses, ele e a sua força de 450 pessoas assistiram impotentes enquanto os corpos eram amontoados à sua volta.

Romeo Dallaire levou mais de sete anos para colocar a caneta no papel para nos oferecer este livro arrebatador, aterrorizante e, acima de tudo, honesto. Nele, Dallaire recorda-nos as escolhas impossíveis que lhe confrontaram em Ruanda todos os dias. O genocídio ocorreu há uma década, mas ainda podemos ouvi-lo perguntar a si próprio e a nós: Se eu tivesse feito algo diferente, poderia ter salvo os meus soldados belgas quando estavam sob custódia da Guarda Presidencial Ruandesa? Deveria eu ter ignorado as ordens que recebi de Nova Iorque — ordens para não proteger os civis ruandeses e usar a força somente quando necessário? Fiz bem em remover as balas da minha pistola antes das minhas reuniões com os líderes da milícia *Interahamwe*, ou deveria ter cedido à compulsão de matar homens cujas camisas estavam salpicadas de sangue ressequido? Eu, Romeo Dallaire, apertei as mãos do diabo? Uma década inteira depois do genocídio, Dallaire ainda está à procura da orientação operacional e moral que nunca chegou.

O livro de Dallaire é importante. Outros relatos descrevem o horror daqueles dias, mas nunca ouvimos falar muito do homem que teve o

man who had the privilege —a privilege that quickly became a curse — of being entrusted with Rwanda's future. We have read before of the 2,500 shoddily equipped, motley troops who comprised UNAMIR, the UN Assistance Mission for Rwanda. But here Dallaire offers unforgettable details. We learn about Bangladeshi troops who were so unprepared for combat that they deliberately sabotaged their vehicles by placing rags in the exhaust pipes so they wouldn't be able to move when ordered, and we read about a Ghanaian soldier who was so jumpy that, when Dallaire approached his observation post, he soiled his pants.

We already know that Dallaire and his men witnessed the worst crimes of the second half of the twentieth century, but it is simply different to read about Brent Beardsley, Dallaire's aide-de-camp and close friend, who discovered the remains of a massacre in the Gikondo church and watched a baby who survived crawl onto his dead mother in an attempt to feed upon her lifeless breast. We know that many Hutu continued to carry on with their daily routines, even as rotting corpses were being loaded onto trucks for disposal in mass graves. But Dallaire describes those trucks: "Blood, dark, half-coagulated, oozed like thick paint from the back of them." He describes the day he saw a young Hutu girl in a light dress and sandals slip and fall on the pool of blood beside

privilégio — um privilégio que rapidamente se tornou uma maldição — de ser a quem foi confiado o futuro de Ruanda. Já lemos antes sobre as 2.500 tropas mal equipadas e heterogêneas que compunham a UNAMIR, a Missão da ONU de Assistência a Ruanda. Mas aqui Dallaire oferece inesquecíveis detalhes. Nós aprendemos sobre as tropas de Bangladesh, que estavam tão despreparadas para o combate que sabotaram deliberadamente seus veículos, colocando trapos nos canos de descarga para que não fossem capazes de funcionar quando fossem acionados, e lemos sobre um soldado ganês que estava tão nervoso que, quando Dallaire aproximou-se do seu posto de observação, sujou as calças.

Já sabemos que Dallaire e seus homens testemunharam os piores crimes da segunda metade do século XX, mas é bem diferente de ler sobre Brent Beardsley, o ajudante de ordem e amigo, que descobriu os restos de um massacre na igreja de Gikondo e observou um bebê sobrevivente rastejar até a sua mãe morta, numa tentativa de se alimentar do seu peito sem vida. Sabemos que muitos hutus continuaram com as suas rotinas diárias, mesmo quando cadáveres em decomposição estavam sendo carregados para caminhões para descarte em valas comuns. Dallaire descreve esses caminhões: "Sangue, escuro, semicoagulado, gotejando como tinta grossa da parte de trás. Ele descreve o dia em que viu uma jovem hutu com um vestido claro e sandálias escorregar e cair em uma

a truck. Although she got up immediately, he writes, "it was as if someone had painted her body and her dress with a dark red oil. She became hysterical looking at it, and the more she screamed, the more attention she drew."

We know that the nationals from the world's most powerful nations depared Rwanda almost as soon as the genocide began, but here Dallaire shows us the American ambassador, whom he respected, placing a last suitcase into his vehicle before departing. And we share Dallaire's incredulity when French elite paratroopers descend upon Rwanda ten weeks into the genocide, only to shamelessly inform him they had come to rescue their "old friends" in the genocidal government. It is no wonder that, as unit after unit was ripped out from under him, as diplomats in New York wrangled over force configurations without ever sending him forces, he replaced the traditional complimentary close of "best regards" at the end of one of his UN cables with: "At this point, [the Force Commander] finds regards very difficult to express."

While President Bill Clinton and other world leaders have publicly lamented their failure in Rwanda, the human stakes of their

poça de sangue ao lado de um caminhão. Embora ela tenha se levantado imediatamente, ele escreve: "era como se alguém tivesse pintado o seu corpo e o seu vestido com um óleo vermelho escuro. Ela ficou histérica olhando para ele, e quanto mais ela gritava, mais atenção ela chamava."

Sabemos que os cidadãos das nações mais poderosas do mundo partiram de Ruanda quase tão logo após o início do genocídio, e aqui Dallaire nos mostra a atitude do embaixador americano, a quem ele respeitava, colocando sua última mala no veículo antes de partir. E nós compartilhamos a incredulidade de Dallaire quando a tropa de elite de paraquedistas franceses desembarcou em Ruanda, com dez semanas de genocídio, só para informar sem qualquer constrangimento que tinham vindo salvar os seus "velhos amigos" do governo genocida. Não é de admirar que, como unidade após unidade sob seu comando foi sendo removida, enquanto diplomatas em Nova Iorque questionavam sobre as configurações das forças sem lhe enviar qualquer reforço, ele substituiu, assim, o tradicional tratamento de "melhores cumprimentos" no final de um dos seus comunicados para as forças de comando da ONU por: "Até esse ponto, considero muito difícil de expressar meus melhores cumprimentos."

Embora o Presidente Bill Clinton e outros líderes mundiais tivessem publicamente lamentado o fracasso deles em Ruanda, os desafios

decisions, their nondecisions, and their decisions not to decide are, by definition, abstract. Since what they regret is that they didn't do anything while 800,000 people were murdered, they don't have much to remember. In April, May, and June of 1994, they were busy with other things. Contrast that with Dallaire, who lives haunted by thousands of moment-to-moment decisions, and who thinks less of "800,000 deaths" and more of specific individuals whose fates he feels he dictated.

All of us were tested by Rwanda, but most of us weren't tested in person. We can wonder, idly, whether we would have summoned the courage to risk our lives on behalf of the strangers being slaughtered around us. Dallaire doesn't have that luxury. He lives with the record with facts and faces — the facts of his decisions; the faces of those he couldn't, or, in triage, didn't, save. He remembers, "It was terrifying and surreal to be talking to someone, sometimes someone you knew, listening to them pleading for help, and being able to do nothing but reassure them that help was on the way—and then to hear screams, shots and the silence of a dead line." Imagine choosing between placing your unarmed monitors at risk or ignoring the cries of civilians who trusted in the babyblue and white flag of the United Nations. He has never invoked the alibis that

humanos das suas decisões, as suas não decisões e as suas decisões de não decidir são, por definição, abstratas. Uma vez que, o que eles se arrependem é o fato de não terem feito nada enquanto 800.000 pessoas eram assassinadas, eles não têm muito o que recordar. Em abril, maio e junho de 1994, eles estavam ocupados com outras coisas. Ao contrário de Dallaire, que vive assombrado por milhares de decisões momentâneas e que pensa não só nas "800.000 mortes", mas também nos outros indivíduos cujos destinos ele sente que determinou.

Todos nós fomos testados em Ruanda, mas a maioria não foi testada pessoalmente. Podemos nos perguntar, despretensiosamente, se teríamos reunido a coragem de arriscar as nossas vidas em nome dos estranhos que estavam sendo massacrados à nossa volta. Dallaire não teve esse luxo. Ele vive com as recordações, fatos e rostos — os fatos de suas decisões; os rostos daqueles que ele não podia, ou, durante a triagem, não salvou. Ele se lembra: "Foi aterrador e surreal falar com alguém, às vezes com alguém que você conhecia, ouvindo-os pedindo ajuda, e não podendo fazer nada além de tranquilizar que a ajuda estava a caminho e depois ouvir gritos, tiros e o silêncio da morte." Imagine escolher entre colocar o seu ajudante desarmado em risco ou ignorar os gritos dos civis que confiaram na bandeira azul-turquesa e branca das Nações Unidas. Ele nunca alegou os alibis que ofereceram conforto ao Presidente Clinton e aos outros

have offered comfort to President Clinton and other statesmen. He is too honest to pretend that nothing more could have been done.

Much of Dallaire's guilt stems from the deaths of blue helmets under his command. When RTLM, Rwanda's "hate radio" station, began broadcasting "Kill Dallaire" commands, they identified him only as "the white man with a moustache." Dallaire knew that other whites in UNAMIR would be vulnerable, but he couldn't afford to shield them. When Dallaire lost soldiers, he second-guessed himself. Reflecting on the death of a military observer, he writes, "As far as I was concerned, the ambush had also been a result of my judgment... I had agreed that the patrol needed to go. The UNMOs suffered the consequences of my poor operational decision." Elsewhere, he notes, "My decisions took sons from their parents, husbands from their wives, fathers from their children." Most memoirs burnish the life of the author; Dallaire's unsparing reckoning may be without precedent.

Dallaire can't escape the memories. He recalls the rat that wandered around the UN compound. His men thought the creature was a terrier, so fat had it grown on the flesh of dead Rwandans. Dallaire once picked up a Rwandan child whom he saw twitching with life. But when he held the "tingling and mushy" being in his arms, he realized that the

estadistas. Ele é demasiado honesto para fingir que nada mais poderia ter sido feito.

Grande parte da culpa de Dallaire deriva da morte dos capacetes azuis sob o seu comando. Quando a RTLM, a estação de "rádio de ódio" de Ruanda, começou a emitir comandos para "Matar Dallaire", identificaram-no apenas como "o homem branco com bigode". Dallaire sabia que outros brancos na UNAMIR estariam vulneráveis, mas ele não podia dar-se ao luxo de protegê-los. Quando Dallaire perdia um soldado, ele se auto-criticava. Refletindo sobre a morte de um observador militar, ele escreve: "Até onde eu sei, a emboscada também foi resultado do meu julgamento. . . eu tinha concordado que a patrulha precisava ir. As UNMOs sofreram as consequências da minha má decisão operacional." Em um outro momento, ele observa, "Minhas decisões tiraram os filhos dos pais, os maridos das esposas, os pais dos filhos." A maioria das memórias da vida do autor é primorosa, o cálculo implacável do próprio Dallaire pode ser sem precedentes.

Dallaire não consegue escapar das memórias. Ele se lembra até de um rato que vagava à volta do complexo da ONU. Seus homens pensavam que a criatura era um terrier, de tão gordo que estava de se alimentar da carne de ruandeses mortos. Dallaire uma vez apanhou uma criança ruandesa que ele viu se debatendo, mas quando ele segurou aquele ser

movement was caused by maggots feasting on the dead youth. He came across the whitened skeletons of women who had been raped: "The legs bent and apart. A broken bottle, a rough branch, even a knife between them." As he writes: "It's as if someone has sliced into my brain and grafted this horror called Rwanda frame by blood-soaked frame directly on my cortex."

I used to wonder how it was that Dallaire, the man who did the most during the genocide, could feel the worst. But this is not a paradox. The man who would try to do the most would inevitably be the man least capable of making excuses for himself, his men, his country, or his planet. The only way risky action is ever taken on behalf of mere principle is when feeling—a hugely discredited quality in military and political life—overpowers reasoned self-interest. As Czeslaw Milosz wrote in *A Captive Mind*, moral action "proceeded not from the functioning of the reasoning mind, but from a revolt of the stomach." Dallaire is a man who felt and who continues to feel. He is one of very few among us who has allowed himself to absorb the full gravity of what we allowed to occur in Rwanda. When evil is unleashed, the man who does the most will always feel the worst, just as the man who feels the worst often stands the best chance of doing the most. Like Moshe the

"formigando e mole" em seus braços, ele percebeu que aquele movimento foi causado por larvas que se banquetavam do juvenzinho morto. Ele se deparou com esqueletos esbranquiçados de mulheres que tinham sido violadas: "As pernas dobradas e separadas. Uma garrafa quebrada, um galho ressequido, até mesmo uma faca jogada ali." Como ele escreve: "É como se alguém tivesse fatiado o meu cérebro e enxertado esse horror chamado Ruanda, encharcado de sangue, diretamente no meu córtex."

Eu costumava me perguntar como que Dallaire, o homem que mais lutou durante o genocídio, podia sentir o pior. Mas isso não é um paradoxo. O homem que tentou fazer o máximo seria inevitavelmente o homem menos capaz de arranjar desculpas para si próprio, para os seus homens, para o seu país, ou o seu planeta. A única maneira pela qual uma ação arriscada é tomada em favor de um mero princípio é quando o sentimento — uma qualidade extremamente desacreditada nas forças armadas e na vida política — se sobrepõe perante razoáveis interesses próprios. Como Czeslaw Milosz escreveu em *A Captive Mind*, a ação moral "não procedeu do funcionamento da mente racional, mas de um estômago embrulhado." Dallaire é um homem que sentiu e continua a sentir. Ele é um dos muito poucos entre nós que se permitiu absorver a gravidade total do que permitimos que acontecesse em Ruanda. Quando o mal é libertado, o homem que deu o seu máximo vai sempre sentir o pior, assim como o

Beadle, Dallaire was ridiculed for his prescience and mistrusted for his emotion. He was told repeatedly, as he pleaded for troops, that he was looking at the situation in a "simplistic fashion." As the days passed, he began to crack, to "inhabit the horror." The genocide tapered, and the foreigners began flooding in. He grew bitter. "Perhaps it was the attitudes of some of them or the photo ops they arranged of themselves beside mass graves," he writes, "or the way they were able to step over bodies without seeming to notice those people had once had names." When he was blindsided by news of the French intervention, he threatened to shoot down French planes if they attempted to land in Kigali.

At meetings, he recalls, he began ranting "like a cartoon general." At headquarters in Kigali, he felt as though he was suffocating. Even though the militants had marked him for assassination, he preferred driving around Rwanda to fielding calls from New York or greeting VIPs who brought nothing but demands on his time. He writes that he had developed a death wish. "I hoped I would hit a mine or run into an ambush and just end it all," he recalls. "I think some part of me wanted

homem que sente o pior é, muitas vezes, quem tem a melhor chance de fazer o máximo. Como Moshe, o bedel, Dallaire foi ridicularizado pela sua previsão e desconfiado pela sua emoção. Foi-lhe dito repetidamente, enquanto ele implorava por tropas, que ele estava observando a situação de uma forma simplista. Conforme passavam os dias, ele começou a ceder, a "habitar o horror". O genocídio diminuiu, e os estrangeiros começaram a inundar o país. Dallaire ficou cada vez mais amargo. "Talvez tenha sido as atitudes de alguns dos estrangeiros ou uma foto oportuna que tiravam de si mesmos ao lado de valas comuns", escreve ele, "ou a forma como eles foram capazes de passar por cima das valas sem parecer reparar que aquelas pessoas já tiveram nomes." Quando foi surpreendido pelas notícias da intervenção francesa, ameaçou abater os aviões franceses caso eles tentassem aterrissar em Kigali.

Nas reuniões, recorda, começou a esbravejar "como um general de desenhos animados". No Quartel-General em Kigali ele se sentia como se estivesse sufocando. Mesmo marcado para morrer pelas milícias, ele preferia dirigir por Ruanda para atender chamadas de Nova Iorque ou cumprimentar VIPs que nada traziam além de exigências. Ele escreve que tinha desenvolvido um desejo de morrer. "Eu esperava atingir uma mina ou correr para uma emboscada e acabar com tudo", lembra-se. "Acho que uma parte de mim desejou se juntar às legiões de mortos, para quem eu

to join the legions of the dead, whom I felt I had failed. I could not face the thought of leaving Rwanda alive after so many people had died."

In the late summer of 1994, Dallaire bought some goats. He found a lot of peace watering and feeding them as they roamed around the UM compound in Kigali. One day a pack of wild dogs infiltrated the premises and attacked his goats. Dallaire grabbed his pistol, sprinted across the parking lot, and emptied his entire clip in the direction of the dogs. Although his shots missed the dogs, Dallaire was pleased to have saved his goats. His satisfaction didn't last long. "When I turned to go back to my office," he writes, "I saw at least fifty pairs of surprised and concerned eyes staring at me intently." He took note of the expression in their eyes "The General is losing it" — and he realized it was time to leave Rwanda.

When he got home, though, it was other sets of eyes that haunted him — the eyes of his ten dead Belgians, whom he had found mutilated in a pile at the morgue, and the eyes of the 800,000 dead Rwandans. In 1998 he traveled to the International Criminal Tribunal for Rwanda in Arusha, Tanzania, so that he could testify against the masterminds of the genocide, and he plunged back into the memories. At a news conference after his testimony, Dallaire said, "I found it very difficult to return to the details In fact, at one point yesterday, I had the sense of the smell of

senti que tinha falhado. Eu não podia encarar o fato de deixar Ruanda vivo, depois de tantas pessoas terem morrido."

No final do verão de 1994, Dallaire comprou algumas cabras. Ele se sentiu em paz alimentando e cuidando delas enquanto pastavam pelo complexo da ONU em Kigali. Um dia, uma matilha de cães selvagens infiltrou-se nas instalações e atacou suas cabras. Dallaire agarrou sua pistola, correu pelo estacionamento e esvaziou todo o pente na direção dos cães. Apesar de os tiros não acertarem os cães, Dallaire ficou satisfeito por ter salvo as suas cabras. A sua satisfação não durou muito. "Quando me virei para voltar para o meu escritório", escreve ele, "vi pelo menos cinquenta pares de olhos surpreendidos e preocupados olhando fixamente para mim." Ele percebeu as expressões nos olhos deles". "O General perdeu o juízo" — e percebeu que era hora de deixar Ruanda.

Quando ele chegou em casa, foram outros pares de olhos que lhe assombravam — os olhos dos seus dez companheiros belgas mortos, que ele tinha encontrado mutilados numa pilha no necrotério, e os olhos dos mais 800 mil ruandeses mortos. Em 1998, viajou para o Tribunal Penal Internacional para Ruanda em Arusha, Tanzânia, para que ele pudesse testemunhar contra os idealizadores do genocídio, e ele mergulhou de volta nas memórias. Em uma coletiva de imprensa depois do seu testemunho, Dallaire disse: "Achei muito difícil voltar aos detalhes ... na verdade, em

the slaughter in my nose and I don't know how it appeared, but there was all of a sudden this enormous rush to my brain and to my senses Maybe with time, it will hurt less." It didn't.

Dallaire was suffering from Post Traumatic Stress Disorder (PTSD), and became suicidal. The system didn't embrace him or his pain. He hadn't been in official combat; he'd only been a peacekeeper. His higher-ups didn't seem to understand that being a bystander to genocide was as traumatizing as any traditional combat tour. Indeed, because of the feeling of impotence and guilt generated by such missions, the fallout might be even worse.

Dallaire immersed himself in therapy and began to speak out about the severity of PTSD and the reluctance of the armed forces to confront it. In a thirty-minute video for the Canadian army called *Witness to Evil*, Dallaire described what he had been through: "I became suicidal because ... there was no other solution. I couldn't live with the pain and the sounds and the smell. Sometimes, I wish I'd lost a leg instead of having all those grey cells screwed up. You lose a leg, it's obvious and you've got therapy and all kinds of stuff. You lose your marbles, very,

um momento ontem, eu senti o cheiro do massacre no meu nariz e não sei como isso apareceu, mas de repente apareceu e tomou conta do meu cérebro e dos meus sentidos... talvez, com o tempo, vai doer menos". Não doeu menos.

Dallaire sofria de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), e se tornou um suicida. O sistema não o abraçou, nem a sua dor. Ele não tinha estado oficialmente em combate, só tinha sido um pacificador. Seus superiores pareciam não entender que ser espectador de um genocídio era tão traumatizante como qualquer combate tradicional. Na verdade, por causa do sentimento de impotência e culpa gerado por tais missões, as consequências podem ser ainda piores.

Dallaire mergulhou na terapia e começou a falar sobre a severidade do TEPT e a relutância das forças armadas em confrontar isso. Em um vídeo de trinta minutos para o exército canadense chamado *Testemunha do Mal*, Dallaire descreveu o que tinha passado: "Tornei-me um suicida porque...não havia outra solução. Eu não conseguia viver com a dor, com os sons e com o cheiro. Às vezes, gostaria de ter perdido uma perna em vez de ter todas aquelas células cinzentas estragadas. Você perde uma perna, é óbvio e você recebe toda terapia e todo o tipo de recursos. Quando

very difficult to explain, very difficult to gain that support that you need."⁸

Dallaire carried a machete with him as he traveled around and lectured on PTSD, but he couldn't sleep, and he sometimes found himself nearly retching in the supermarket, as his mind was transported back to Rwandan markets and the bodies strewn within them. In October 1998 Canada's chief of defense staff, General Maurice Baril, asked Dallaire to take a month of stress-related leave. Dallaire was shattered. After hanging up the phone, he says, "I cried for days and days." He tried to keep up a brave public front and sent a parting e-mail to his subordinates that read: "It has been assessed essential that I recharge my batteries due to a number of factors, not the least being the impact of my operational experience on my health.... Don't withdraw, don't surrender, don't give up."¹⁰

você perde sua sanidade é muito, muito difícil explicar, muito difícil de obter o apoio que se precisa."⁹

Dallaire carregava consigo um facão enquanto viajava e dava palestras sobre TEPT, mas não conseguia dormir, e às vezes se via quase vomitando no supermercado, quando a sua mente lhe transportava de volta para os mercados ruandeses e os corpos espalhados por eles. Em outubro de 1998, O Ministro do Estado-Maior do Canadá, General Maurice Baril, pediu a Dallaire para tirar um mês de licença por causa do stress. Dallaire estava despedaçado. Depois de desligar a chamada, ele diz: "Chorei durante dias e dias." Ele tentou se manter firme em público e enviou um e-mail de despedida para os seus subordinados que dizia: "Foi considerado essencial que eu recarregasse minhas baterias devido a uma série de fatores, sendo o menor deles o impacto daquela experiência na minha saúde.... não recuem, não se rendam, não desistam"¹¹.

⁸ Mike Blanchefield, "General Battles Rwanda 'Demons': After Witnessing the Atrocities of Genocide, Romeo Dallaire Has Had to Endure the Belgian Government's Criticism," Ottawa Citizen, December 13, 1998, p. A3

⁹ Mike Blanchefield, "General Battles Rwanda 'Demons': Depois de testemunhar as atrocidades do genocídio, Romeo Dallaire teve que enfrentar as críticas do Governo Belga," Ottawa Citizen, December 13, 1998, p. A3. Tradução nossa.

¹⁰ Luke Fisher, "Besieged by Stress: The Horrors of Rwanda Haunt a General," Macleans, October 12, 1998, p. 24.

¹¹ Lucas Fisher, "Sitiado pelo Estresse: Os horrores de Ruanda assombram um General," Macleans, 12 de outubro de 1998, p. 24. Tradução nossa.

Dallaire returned from leave, but in December 1999 Baril called again. He had spoken with Dallaire's doctors and decided to force a change with an ultimatum: Either Dallaire had to abandon the "Rwanda business" and stop testifying at the tribunal and publicly faulting the international community for not doing more, or he would have to leave his beloved military. For Dallaire, only one answer was possible: "I told them I would never give up Rwanda," he says. "I was the force commander and I would complete my duty, testifying and doing whatever it takes to bring these guys to justice." In April 2000 Dallaire was forced out of the Canadian armed services and given a medical discharge. Dallaire had always said, "The day I take my uniform off will be the day that I will also respond to my soul." But since becoming a civilian he has realized that his soul is not readily retrievable. "My soul is in Rwanda," he says. "It has never, ever come back, and I'm not sure it ever will."

Writing this book has helped Dallaire. He calls it "a story of betrayal, failure, naYvete, indifference, hatred, genocide, war, inhumanity and evil." It is a soldier's story, and a witness's story. By returning to those dark days, Dallaire hasn't answered the nagging questions, but he has aired them. His questions have become our questions. Dallaire has also been aided by a second trip back to the UN

Dallaire voltou da licença, mas em dezembro de 1999 Baril ligou novamente. Ele tinha falado com os médicos de Dallaire e decidiu forçar uma mudança como um ultimato: Ou Dallaire abandonava o "assunto Ruanda" e parava de testemunhar no tribunal e de culpar publicamente a comunidade internacional por não fazer mais, ou ele teria que ir embora do seu amado exército. Para Dallaire, apenas uma resposta era possível: "Eu disse que nunca desistiria de Ruanda", diz ele. "Eu era o comandante da força de paz e completaria o meu dever, testemunhando e fazendo o que fosse possível para levar esses sujeitos à justiça." Em abril de 2000, Dallaire foi forçado a sair das forças armadas canadenses e recebeu alta médica. Dallaire sempre disse: "O dia em que eu tirar meu uniforme será o dia em que também vou ao encontro de minha alma." Mas desde que se tornou um civil, ele percebeu que a sua alma não é fácil de se recuperar. "Minha alma está em Ruanda," diz ele. "Nunca, mas nunca mais voltou, e não tenho a certeza se algum dia voltará".

Escrever este livro ajudou Dallaire. Ele o chama de "uma história de traição, fracasso, ingenuidade, indiferença, ódio, genocídio, guerra, desumanidade e maldade." É a história de um soldado e a história de uma testemunha. Regressando para aqueles dias sombrios, Dallaire não respondeu às perguntas incômodas, mas as transmitiu. As suas perguntas tornaram-se as nossas perguntas. Dallaire também sentiu um certo alívio

tribunal in Arusha. In January, 2004, he had the opportunity to testify against Colonel Theoneste Bagosora, the lead genocidaire. "I know you can't look for closure after genocide," Dallaire told me, "but seeing Bagosora in handcuffs was as close as I'll ever get." Ahead of the genocide Dallaire had warned his bosses that extermination was imminent, and during the genocide he had warned the perpetrators that they would be punished. Having proven devastatingly prophetic about the occurrence of the genocide, it is small solace that *some of* the killers have in fact ended up behind bars.

There are people in high places all over the world who would prefer it if Dallaire would stop reminding them of Rwanda. They want him to bury his memories with the dead Rwandans. But Dallaire refuses to go away. He is bearing witness on behalf of the lost Rwandans, but also on behalf of those he's never met — those in places like Darfur, Sudan, who are alive today but who may be dead tomorrow. Dallaire's father and father-in-law helped liberate occupied Europe from Nazi rule, and he grew up with the Holocaust — and the slaughter of six million Jews-as his frame of reference for evil. Now that General Dallaire has done so much to draw attention to the Rwandan genocide, now that

quando em uma segunda viagem de volta ao tribunal da ONU em Arusha, em janeiro de 2004, ele teve a oportunidade de testemunhar contra o Coronel Theoneste Bagosora por liderar o genocídio. "Eu sei que não se pode procurar um desfecho após o genocídio". Dallaire disse-me, "mas ver Bagosora algemado foi o mais perto que pude alguma vez conseguir." Antes do genocídio, Dallaire tinha avisado os seus patrões que o extermínio era iminente, e durante o genocídio ele tinha advertido os perpetradores que eles seriam punidos. Tendo sido comprovada devastadoramente a profecia sobre a ocorrência do genocídio, é um pequeno consolo que alguns dos assassinos acabaram, de facto, atrás das grades.

Há pessoas em altos postos em todo o mundo que prefeririam que Dallaire parasse de lhes lembrar sobre Ruanda. Eles querem que ele enterre suas memórias com os ruandeses mortos. Mas Dallaire se recusa ir embora. Ele está testemunhando em nome dos ruandeses perdidos, mas também em nome daqueles que ele nunca conheceu — aqueles em lugares como Darfur, Sudão, que estão vivos hoje, mas que podem estar mortos amanhã. O pai e o sogro de Dallaire ajudaram a libertar a Europa ocupada pelo nazismo e ele cresceu com o Holocausto — e o massacre de seis milhões de Judeus como sua referência do mal. Agora que o General Dallaire fez tanto para chamar a atenção para o genocídio ruandês, que os estadistas

statesmen have again resolved to "never again" allow "such a crime," he fears that Rwanda may become the new frame of reference — a basis for delaying action until the death toll reaches 800,000.

Dallaire is not naive. He knows that states pursue their interests and rarely exert themselves on behalf of strangers. But just because he understands that intervention is unlikely does not mean that he accepts the indifference of his peers. With respect to Darfur, he has lambasted governments for the "scandal" of their "lame and obtuse" response. The same U.S. government that resisted use of the "g word" in Rwanda is today using the term with regard to Darfur. But Dallaire demands tangible action. Using the word, he says, "is nothing more than political semantics." They are using the term "nearly flippantly," he says, while doing "absolutely nothing on the ground in regards to conducting an operation to stop genocide."

Dallaire's book offers a record of human frailty and savagery. It also stands as testimony to courage—courage under fire, and the even more elusive courage to reflect. Dallaire never wanted to become a witness or a nuisance to governments. And he never expected to become an author. But he has done so, and, with his actions and now his words, he has

resolveram novamente "nunca mais" permitir "tal crime", ele teme que Ruanda possa se tornar uma nova referência — uma base para adiar uma ação até que o número de mortos atinja os 800.000.

Dallaire não é ingênuo. Ele sabe que os Estados perseguem os seus interesses e raramente se esforçam em nome de estranhos. Mas só porque ele entende que a intervenção é improvável, não significa que ele aceite a indiferença dos seus pares. No que diz respeito a Darfur, ele tem criticado com veemência os governos pelo "escândalo" de suas respostas "fracas e vagas". O mesmo governo dos EUA que resistiu ao uso da "palavra G..." em Ruanda está usando o termo em relação a Darfur. Mas Dallaire exige ações concretas. Usando a palavra, ele diz, "não é nada mais do que semântica política". Eles estão usando o termo "quase de forma irreverente", diz ele, enquanto não fazem "absolutamente nada em relação à condução de uma operação para parar o genocídio."

O livro de Dallaire oferece um registo de fragilidade humana e de selvageria. Ele também é um testemunho de coragem — coragem sob fogo, e a coragem de não se furtar a refletir. Dallaire nunca quis se tornar uma testemunha ou um incômodo para os governos. E nunca esperou se tornar um autor. Mas ele o fez e, com suas ações e agora suas palavras, nos

offered us a model for the future — and a slogan: "Where there's a will, there's a way. Let's go."

Samantha Power

Winthrop, Massachusetts

September 26, 2004

Preface

This book is long overdue, and I sincerely regret that I did not write it earlier. When I returned from Rwanda in September 1994, friends, colleagues and family members encouraged me to write about the mission while it was still fresh in my mind. Books were beginning to hit the shelves, claiming to tell the whole story of what happened in Rwanda. They did not. While well-researched and fairly accurate, none of them seemed to get the story right. I was able to assist many of the authors, but there always seemed to be something lacking in the final product. The sounds, smells, depredations, the scenes of inhuman acts were largely absent. Yet I could not step into the void and write the missing account; for years, I was too sick, disgusted, horrified and fearful, and I made excuses for not taking up the task.

ofereceu um modelo para o futuro — e um slogan: "Onde há vontade, há um caminho. Vamos!"

Samantha Power

Winthrop, Massachusetts

26 de setembro de 2004

Prefácio

Este livro já devia ter sido escrito há muito tempo, e lamento sinceramente não o ter escrito mais cedo. Quando voltei de Ruanda, em setembro de 1994, amigos, colegas e familiares me encorajaram a escrever sobre a missão enquanto ainda estava fresca em minha mente. Livros estavam começando a chegar às prateleiras, alegando contar toda a história do que aconteceu em Ruanda, mas não o faziam de forma fidedigna. Embora bem pesquisados e bastante precisos, nenhum deles parecia ter acertado a história. Eu tive a oportunidade de ajudar muitos dos autores, mas sempre parecia haver algo faltando no produto final. Os sons, cheiros, pilhagens, as cenas de atos desumanos estavam em grande parte ausentes. Todavia, eu não podia preencher aquele vácuo e escrever o relato que faltava; eu estive muito doente durante anos, enjoado, horrorizado e temeroso, e arranjei desculpas para não assumir a tarefa.

Camouflage was the order of the day and I became an expert. Week upon week, I accepted every invitation to speak on the subject; procrastination didn't help me escape but pulled me deeper into the maze of feelings and memories of the genocide. Then the formal processes began. The Belgian army decided to court-martial Colonel Luc Marchal, one of my closest colleagues in Rwanda. His country was looking for someone to blame for the loss of ten Belgian soldiers, killed on duty within the first hours of the war. Luc's superiors were willing to sacrifice one of their own, a courageous soldier, in order to get to me. The Belgian government had decided I was either the real culprit or at least an accomplice in the deaths of its peacekeepers. A report from the Belgian senate reinforced the idea that I never should have permitted its soldiers to be put in a position where they had to defend themselves — despite our moral responsibility to the Rwandans and the mission. For a time, I became the convenient scapegoat for all that had gone wrong in Rwanda.

I used work as an anodyne for the blame that was coming my way and to assuage my own guilt about the failures of the mission. Whether I was restructuring the army, commanding 1 Canadian Division or Land Force Quebec Area, developing the quality of life program for

A camuflagem fazia parte do meu dia a dia e nela tornei-me um especialista. Semana após semana, eu aceitei todos os convites para falar sobre o assunto; procrastinar não me ajudou a escapar, mas me empurrou ainda mais para dentro do labirinto de sentimentos e memórias do genocídio. Então começaram os processos formais. O exército belga decidiu levar o Coronel Luc Marchal à corte marcial, um dos meus colegas mais próximos em Ruanda. Seu país estava procurando alguém para culpar pela perda de dez soldados belgas, mortos em serviço nas primeiras horas do massacre. Seus superiores estavam dispostos a sacrificar um dos seus, um soldado corajoso, para chegar até mim. O Governo belga tinha decidido que eu era o verdadeiro culpado ou, pelo menos, cúmplice da morte dos seus soldados da força de paz. Um relatório do Senado Belga reforçou a ideia de que eu nunca deveria ter permitido que os seus soldados fossem colocados numa posição em que tivessem de se defender — apesar da nossa responsabilidade moral para com os ruandeses e a missão. Durante algum tempo, tornei-me o bode expiatório conveniente para tudo de mal que tinha ocorrido mal em Ruanda.

Eu usei o trabalho como um analgésico para a culpa que estava vindo na minha direção e para aliviar a minha própria culpa sobre os fracassos da missão. Fosse reestruturando o exército, comandando uma divisão canadense ou área da Força Terrestre do Quebec, desenvolvendo

the Canadian Forces or working to reform the officer corps, I accepted all tasks and worked hard and foolishly. So hard and so foolishly that in September 1998, four years after I had gotten home, my mind and my body decided to give up. The final straw was my trip back to Africa earlier that year to testify at the International Criminal Tribunal for Rwanda. The memories, the smells and the sense of evil returned with a vengeance. Within a year and a half I was given a medical discharge from the army. I was suffering, like so many of the soldiers who had served with me in Rwanda, from an injury called post-traumatic stress disorder. With retirement came the time and the opportunity to think, speak and possibly even write. I warmed to the idea of a book, but I still procrastinated.

Since my return from Rwanda in 1994, I had kept in close touch with Major Brent Beardsley, who had served as the first member of my mission and had been with me from the summer of 1993 until he was medically evacuated from Kigali on the last day of April 1994. Brent used every opportunity to press me to write the book. He finally persuaded me that if I did not put my story on paper, our children and our grandchildren would never really know about our role in and our passage through the Rwandan catastrophe. How would they know what we did

o programa de qualidade de vida para as Forças Canadenses ou trabalhando para reformar o corpo de oficiais, aceitei todas as tarefas e trabalhei duro e insensatamente, tão duro e insensatamente que, em setembro de 1998, quatro anos depois de chegar em casa, minha mente e meu corpo decidiram desistir. O golpe final foi minha viagem de volta à África no início daquele ano para testemunhar no Tribunal Penal Internacional para Ruanda. As memórias, os cheiros e o sentido do mal voltaram com tudo. No período de um ano e meio, recebi uma licença médica do exército. Eu estava sofrendo, como muitos dos soldados que tinham servido comigo em Ruanda, de um mal chamado transtorno de estresse pós-traumático. Com a aposentadoria veio o tempo e a oportunidade de pensar, falar e possivelmente até escrever. A ideia de escrever o meu depoimento voltou a minha mente, mas ainda adiei.

Desde o meu regresso de Ruanda, em 1994, mantive-me em contato com o Major Brent Beardsley, que tinha servido como o primeiro membro da minha missão e tinha estado comigo desde o Verão de 1993 até que foi medicamente evacuado de Kigali, no último dia de abril de 1994. O Ir. Brent aproveitou todas as oportunidades para me pressionar a escrever o livro. Ele finalmente me convenceu de que, se eu não colocasse minha história no papel, nossos filhos e netos nunca saberiam realmente do nosso papel e da nossa passagem pela catástrofe ruandesa. Como é que

and, especially, why we did it? Who were the others involved and what did they do or not do? He said we also had an obligation to future soldiers in similar situations, who might find even a tidbit from our experience valuable to the accomplishment of their missions. Brent collaborated at every stage in the writing of this book. I thank him for his prompting and his support. I am also grateful to his wife, Margaret, and his children, Jessica, Joshua and Jackson, for loaning him to me through the initial research and drafting, through the reviews and most recently for his work to help me finish the manuscript. Brent was the catalyst, the disciplinarian and the most prolific scribe; he committed day after day to the work in order that I could complete this project. Even in periods of enormous suffering from the debilitating effects of overwork, lack of sleep and his own affliction with post-traumatic stress disorder, Brent always went well beyond the effort required of him. He has become my soulmate for all things Rwandan; he provides the sober second thought and voice to my efforts surrounding the Rwandan debacle. His willingness to be a witness for the prosecution at the never-ending International Criminal Tribunal for Rwanda, and his support for my own involvement have cemented our lives together in the best tradition of ex-warriors returning from the front. He has saved me from myself, and I owe my life, as well as the guts of this book, in part to him.

eles saberiam o que fizemos e, especialmente, porque o fizemos? Quem foram os outros envolvidos e o que fizeram ou não fizeram? Ele disse que também tínhamos uma obrigação para com os futuros soldados em situações semelhantes, que poderiam achar até mesmo um pouco da nossa experiência valiosa para a realização de suas missões. Brent colaborou em todas as etapas da redação deste livro. Agradeço-lhe o seu estímulo e o seu apoio. Agradeço também à sua esposa, Margaret, e aos seus filhos, Jessica, Joshua e Jackson, por me terem emprestado através da pesquisa inicial e da redação, através das revisões e, mais recentemente, pelo seu trabalho para me ajudar a terminar o manuscrito. Brent foi o catalisador, o disciplinador e o escriba mais prolífico; ele se comprometeu dia após dia com o trabalho para que eu pudesse completar este projeto. Mesmo em períodos de enorme sofrimento pelos efeitos debilitantes do excesso de trabalho, falta de sono e sua própria aflição com o transtorno de estresse pós-traumático, Brent sempre foi muito além do esforço exigido dele. Ele se tornou minha alma gêmea para todas as coisas ruandesas; ele fornece o segundo pensamento sóbrio e voz aos meus esforços em torno do desastre ruandês. A sua vontade de ser testemunha da acusação no interminável Tribunal Penal Internacional para o Ruanda e o seu apoio ao meu próprio envolvimento consolidaram as nossas vidas em conjunto, na melhor tradição dos ex-guerreiros que regressam da frente de batalha. Ele me

salvou de mim mesmo e devo a minha vida, bem como as entranhas deste livro, em parte, a ele.

I am especially grateful to Random House Canada for taking a chance on a non-author and a sick veteran. I am grateful for their understanding, their encouragement and their support. A very special thanks goes to my editor and friend, Anne Collins. Without her advice, encouragement and discipline, this project might not have been completed. She kept telling me that this book must be written and that it would be written. For many months I did not put in the effort required, but she held firm, showed genuine concern for me and proved to be the most patient person of us all. She is a lady who takes risks, and I admire her courage and determination. I also wish to thank my agent, Bruce Westwood, for his belief that somewhere in me, we would find the man who could write this story. He kept a friendly eye on me and encouraged me every step of the way. He has become a close colleague, and I respect his skills and experience in the complex world of publishing.

I assembled an ad hoc staff for this project, who worked together magnificently in mutual respect and co-operation. Major James McKay, a long-time researcher for my efforts with the tribunal and on matters of conflict resolution, was my "futures" person. I thank him for his support.

Eu sou especialmente grato à Random House Canada por ter se arriscado com um não-autor e um veterano doente. Sou grato por sua compreensão, seu encorajamento e seu apoio. Um agradecimento muito especial à minha editora e amiga, Anne Collins. Sem o seu conselho, encorajamento e disciplina, este projeto poderia não ter sido completado. Ela continuou me dizendo que este livro deveria ser escrito e que ele seria escrito. Durante muitos meses não fiz o esforço necessário, mas ela manteve-se firme, mostrou preocupação genuína por mim e provou ser a pessoa mais paciente de todos nós. Ela é uma senhora que se arrisca, e eu admiro a sua coragem e determinação. Gostaria também de agradecer ao meu agente, Bruce Westwood, pela sua crença de que em algum lugar em mim, encontraríamos o homem que poderia escrever esta história. Ele manteve um olho amigável em mim e me encorajou a cada passo do caminho. Ele se tornou um colega próximo, e eu respeito suas habilidades e experiência no complexo mundo da publicação.

Eu reuni uma equipe ad hoc para este projeto, que trabalhou em conjunto, de forma magnífica com respeito mútuo e cooperação. O major James McKay, um pesquisador de longa data para meus esforços com o tribunal e em matérias da resolução de conflito, era minha pessoa dos

Lieutenant Commander Francine Allard, a dogged researcher and "keeper of the documents," worked for me while I was still serving in the Canadian Forces. Fluent and articulate in six languages, she was committed to this book and a cherished member of the team. A special thanks must also go to Major (Retired) Phil Lancaster, who replaced Brent in Rwanda as my military assistant during my final months in the mission area. He helped me draft the chapters on the war and the genocide. A soldier, doctor of philosophy, and a compassionate humanitarian, Phil has worked with war-affected children in the Great Lakes region of Africa almost full-time since his retirement. He has never really returned from Rwanda, and I admire him and the work he does.

Dr. Serge Bernier, the Director of History and Heritage at the Canadian National Defence Headquarters and a classmate of mine from cadet days, provided very personal encouragement and constant contact throughout the project. He reviewed the French version and also provided resources and support for the official history of the mission as debriefed by me LO Dr. Jacques Castonguay. He remains a voice of stability in my life.

"futuros". Eu lhe agradeço pelo apoio. A tenente-comandante Francine Allard, uma pesquisadora obstinada e "guardiã dos documentos", trabalhou para mim enquanto eu ainda estava servindo nas forças canadenses. Fluente e articulada em seis línguas, estava comprometida com este livro e era muito querida da equipe. Um agradecimento especial se deve também para o Major (aposentado) Phil Lancaster, que substituiu Brent em Ruanda como meu assistente militar durante os meus últimos meses na missão. Ele me ajudou a redigir os capítulos sobre a guerra e o genocídio. Soldado, doutor em filosofia e humanitário compassivo, Phil tem trabalhado com crianças afetadas pela guerra na região dos Grandes Lagos de África quase que de forma ininterrupta, desde que se reformou. Ele permaneceu em Ruanda, e eu o admiro, como também o trabalho que realiza.

O Dr. Serge Bernier, Diretor de História e Patrimônio da Sede da Defesa Nacional Canadiana e meu colega de turma dos dias de cadete, ofereceu um encorajamento muito pessoal e um contato constante durante todo o projeto. Ele revisou a versão francesa e também forneceu recursos e apoio para a história oficial da missão, conforme informado por mim LO Dr. Jacques Castonguay. Ele continua sendo uma voz de estabilidade em minha vida.

In addition, there were many extended family members, friends, colleagues and even strangers who encouraged me throughout the writing of this book. I needed that often very timely encouragement and I will be eternally grateful.

In Rwanda today there are millions of people who still ask why the United Nations Assistance Mission for Rwanda (UNAMIR), the United Nations (UN) and the international community allowed this disaster to happen. I do not have all the answers or even most of them. What I do have to offer the survivors and Rwanda's future generations is my story as best as I can remember it. I kept daily notes of my activities, meetings, comments and musings, but there were many days, particularly in the early stages of the genocide, when I did not have the time, the will or the heart to record the details. This account is my best recollection of events as I saw them. I have checked my memory against the written record as it survives, in code cables¹², UN documents and my papers, which were released to me by the Canadian Forces. If there are any errors in the spelling of the names of places or persons, or misremembered dates, I offer my apologies to the reader. I remain fully responsible and

Além disso, houve muitos membros agregados, amigos, colegas e até mesmo estranhos que me encorajaram ao longo da escrita deste livro. Eu precisava desse encorajamento, muitas vezes muito oportuno, e serei eternamente grato.

Em Ruanda hoje há milhões de pessoas que ainda perguntam por que a Missão de Assistência das Nações Unidas para Ruanda (UNAMIR), as Nações Unidas (ONU) e a comunidade internacional permitiram que este desastre acontecesse. Não tenho todas as respostas, nem mesmo a maioria delas. O que tenho para oferecer aos sobreviventes e às futuras gerações de Ruanda é a minha melhor história, tanto quanto me lembro dela. Guardei notas diárias de minhas atividades, reuniões, comentários e reflexões, mas houve muitos dias, particularmente nos estágios iniciais do genocídio, em que eu não tinha tempo, vontade ou ânimo para registrar os detalhes. Este relato é a minha melhor recordação dos acontecimentos tal como os vi. Verifiquei a minha memória com base no registo escrito que sobrevive, em cabos de código, documentos da ONU e os meus documentos, que me foram disponibilizados pelas forças canadenses. Se houver algum erro na grafia dos nomes, lugares ou pessoas, ou datas erradas, peço desculpas ao leitor. Continuo a ser plenamente responsável

¹² Code Cable – um sistema de letras ou símbolos e regras de associação através das quais as informações possam ser representadas ou comunicadas por razões de sigilo, brevidade, etc. Tipo de comunicação usada via Fax entre a sede da ONU em Nova Iorque e o Quartel General da UNAMIR em Kigali – Ruanda

accountable for every decision and action I took as the sometime Head of Mission and full-time Force Commander of UNAMIR.

My wife, Elizabeth, has given more than I can ever repay. Beth, thank you for the days, weeks, months and years when I was absent and you held the home front and the family together, whether I was off serving around the world, at home in my workaholic bubble, or just out in the back forty on exercise, waking you and everyone else in the married quarters with the sound of our guns. Thank you for your support during this last duty, which has been one of the hardest and most complex efforts of my life. I thank my children, Willem, Catherine and Guy, who grew up without a full-time dad but who have always been the pride of my life, the true test of my mettle, and who continue to make their own place in the world. Be yourselves and thank your mother. One of the reasons I wrote this book was for you, my very close family, so that in these pages you may find some solace for the toll my experience in Rwanda has exacted, and continues to exact, from you – far beyond the call of duty or "for better or for worse." I am not the man who left for Africa ten years ago, but you all stayed devoted to this old soldier, even when you were abandoned by the military and the military community in the darkest hours of the genocide. You saw first-hand what happens to the spouses and families of peacekeepers. I remain forever thankful that

por todas as decisões e ações que tomei como Chefe de Missão e Comandante da UNAMIR.

Minha mulher, Elizabeth, contribuiu com mais do que eu posso retribuir. Beth, obrigada pelos dias, semanas, meses e anos em que eu estive ausente e você manteve a casa e a família unidas, estando eu a servindo ao redor do mundo, em casa na minha bolha de vício em trabalho, ou nos quarenta anos de serviço, acordando você e todo mundo nas vilas militares com o ruído das nossas armas. Obrigado por seu apoio durante essa última missão, que tem sido um dos esforços mais difíceis e complexos da minha vida. Agradeço aos meus filhos, Willem, Catherine e Guy, que criaram sem um pai presente, mas que sempre foram o orgulho da minha vida, o verdadeiro teste da minha coragem, e que continuam a conquistar seus próprios espaços no mundo. Sejam vocês mesmos e agradeçam a sua mãe. Uma das razões pelas quais escrevi este livro foi para vocês, minha família, para que nestas páginas vocês possam encontrar algum consolo para o preço que minha experiência em Ruanda exigiu, e continua a exigir, de vocês – muito além do dever ou "para o bem ou para o mal". Eu não sou mais aquele homem que partiu para a África há dez anos, mas todos vocês se dedicaram a esse velho soldado, mesmo quando foram abandonados pelos militares e pela comunidade militar nas horas mais negras do genocídio. Assistiram em primeira mão o que acontece aos

you so clearly opened my eyes to the plight of the families of a new generation of veterans. You are the ones who really started the Canadian Forces Quality of Life Initiative.

I have dedicated this book to four different groups of people. First and foremost, I have dedicated it to the 800,000 Rwandans who died and the millions of others who were injured, displaced or made refugees in the genocide. I pray that this book will add to the growing wealth of information that will expose and help eradicate genocide in the twenty-first century. May this book help inspire people around the globe to rise above national interest and self-interest to recognize humanity for what it really is: a panoply of human beings who, in their essence, are the same.

This book is also dedicated to the fourteen soldiers who died under my command in the service of peace in Rwanda. The hardest demand on a commander is to send men on tasks that may take their lives, and then the next day to send others to face possibly similar fates. Losing a soldier is also the hardest memory to live with. Such decisions and actions are the ultimate responsibility of command. To the families of those courageous, gallant and devoted soldiers I offer this book to

cônjuges e às famílias dos membros da Força de Paz. Sou eternamente grato por me terem aberto tão claramente os olhos para a difícil situação das famílias de uma nova geração de veteranos. Foram vocês que realmente contribuíram para o programa Iniciativa de Qualidade de Vida das Forças Canadenses.

Eu dediquei este livro a quatro grupos diferentes de pessoas. Em primeiro lugar, aos 800.000 ruandeses que morreram e aos milhões de outros que foram feridos, deslocados ou refugiados no genocídio. Rezo para que este livro aumente a riqueza crescente de informações que possam expor e ajudar a erradicar o genocídio no século XXI. Que este livro ajude a inspirar as pessoas ao redor do mundo a se levantarem acima do interesse nacional e do interesse próprio de reconhecer a humanidade pelo que ela realmente é: um grupo complexo de seres humanos que, em sua essência, são iguais.

Este livro é também dedicado aos catorze soldados que morreram sob o meu comando a serviço da Força de Paz em Ruanda. A exigência mais árdua para um comandante é enviar homens para tarefas que possam tirar suas vidas e, no dia seguinte, enviar outros para enfrentar possíveis destinos semelhantes. Perder um soldado é também a lembrança mais difícil de se viver. Tais decisões e ações são a responsabilidade principal do comando. Às famílias daqueles soldados corajosos, bravos e dedicados,

explain. When the rest of the world failed to even offer hope, your loved ones served with honour, dignity and loyalty, and paid for their service with their lives. This book is also dedicated to Sian Cansfield. Sian was this book's shadow author, but she did not live to see it finished. For almost two years, she immersed herself in everything Rwandan. Her uncanny memory was a researcher's gift. I enjoyed her sparkle, her enthusiasm, her love of Rwanda and its people, whom she came to know in the field a few years after the war. Her journalistic aggressiveness to get at the truth combined with her energy and her zeal to evoke the heart of the story earned her the title of "regimental sergeant major" of our team. We worked well together and enjoyed many laughs and too many tears as I recounted hundreds of incidents and experiences, tragic, revolting, sickening and painful. In the last stages of the drafting of the book, I noticed she was tiring as the content and the workload ate away at her sense of humour and objectivity. I sent her on leave for a long weekend to rest, sleep, eat and recharge her batteries, as I have done so often with officers or soldiers who showed the same symptoms. The morning after she left for the weekend, a phone call broke the news to me that she had committed suicide. Sian's death hit me with a pain I had not felt since Rwanda. It seemed to me that the UNAMIR mission was still killing innocent people. The following week, I joined her family in

ofereço este livro como explicação. Quando o resto do mundo falhou em oferecer esperança, seus entes queridos serviram com honra, dignidade e lealdade, e pagaram por seu serviço com suas vidas. Este livro é também dedicado a Sian Cansfield. Sian foi a autora que trabalhou nos bastidores deste livro, mas não viveu para ver o seu término. Durante quase dois anos, ela mergulhou em tudo sobre Ruanda. Sua memória misteriosa era um dom de pesquisador. Eu desfrutei do seu brilho, do seu entusiasmo, do seu amor por Ruanda e pelo seu povo, que ela veio a conhecer no campo alguns anos depois da guerra. Sua agressividade jornalística para chegar à verdade combinada com sua energia e seu zelo para evocar o âmago da história lhe valeu o título de "sargento-mor regimental" de nossa equipe. Trabalhamos bem juntos e desfrutamos de muitas risadas e muitas lágrimas enquanto eu contava centenas de incidentes e experiências trágicas, revoltantes, repugnantes e dolorosas. Nas últimas etapas da elaboração do livro, percebi que ela estava cansada, pois o conteúdo e a carga de trabalho consumiam seu senso de humor e objetividade. Mandei-a sair durante um longo fim-de-semana para descansar, dormir, comer e recarregar as baterias, como tantas vezes fiz com oficiais ou soldados que apresentavam os mesmos sintomas. Na manhã seguinte à sua partida para o fim-de-semana, recebi a notícia de que ela tinha se suicidado. A morte de Sian me atingiu com uma dor que eu não sentia desde Ruanda. Parecia-me que a

attending her funeral and mourned her passing. The sense of finality and the shock that came from her death brought to life the spirits that have been haunting me since 1994. I wanted to cancel the project and let my tale die with me. Encouraged by her family and my own, especially Beth, by the rest of the team and many friends, I came to realize that the best tribute I could pay to Sian was to finish the book and tell the story of how the world abandoned millions of Rwandans and its small peacekeeping force. Sian, so much of this book is dedicated to you; your spirit lives with me as if you were another veteran of Rwanda. May you now find the peace in death that so eluded you in life.

The fourth group to whom this book is dedicated comprises the families of those who serve the nation at home and in far-off lands. There is nothing normal about being the spouse or child of a soldier, sailor or airperson in the Canadian Forces. There are very good and exciting times and there are also hard and demanding times. In the past, this way of life was very rich and worthwhile. But since the end of the Cold War, the nature, tempo and complexity of the missions on which our government has sent members of the Canadian Forces have caused a significant toll in marriage casualties. The demands of single parenthood, loneliness and

missão da UNAMIR ainda estava matando pessoas inocentes. Na semana seguinte, juntei-me à sua família para assistir ao seu funeral e chorei a sua morte. A sensação de finitude e o choque causado pela sua morte deram vida aos espíritos que me assombram desde 1994. Eu queria cancelar o projeto e deixar minha história morrer comigo. Encorajado pela família dela e pela minha, especialmente por Beth, pelo resto da equipe e muitos amigos, percebi que o melhor tributo que poderia prestar a Sian era terminar o livro e contar a história de como o mundo abandonou milhões de ruandeses e sua pequena Força de Paz. Sian, muito deste livro é dedicado a você; seu espírito vive comigo como se você fosse outro veterano de Ruanda. Que você agora encontre a paz na morte que você tanto iludiu em vida.

O quarto grupo a quem este livro é dedicado compreende as famílias daqueles que servem a nação em casa e em terras distantes. Não há nada de normal em ser cônjuge ou filho de um soldado, marinheiro ou aviador das Forças Canadenses. Há tempos muito bons e emocionantes e há também tempos difíceis e exigentes. No passado, este modo de vida era muito rico e valia a pena. Mas desde o fim da Guerra Fria, a natureza, o ritmo e a complexidade das missões em que o nosso governo enviou membros das forças canadenses causaram um número significativo de baixas nos casamentos. As exigências de paternidade unilateral, solidão e

fatigue, and the visual and audio impact of twenty-four-hour news reporting from the zones of conflict where loved ones have been sent create stress levels in the families of our peacekeepers that simply go off the chart. Our families live the missions with us, and they suffer similar traumas, before, during and after. Our families are inextricably linked to our missions, and they must be supported accordingly. Until the last few years, the quality of life of our members and their families was woefully inadequate. It took nearly nine years of hurt all round before the government began to accept its responsibilities in this regard. Witnessing the deep emotion and genuine empathy of Canadians for our soldiers who were wounded or killed in Afghanistan, I am optimistic that the nation as a whole will finally and fully accept its responsibility for these young and loyal veterans and their families. I pray that this book will assist Canadians in understanding the duty they and the nation owe to the soldiers who serve us, and to their families.

The following is my story of what happened in Rwanda in 1994. It's a story of betrayal, failure, *naïvetè*, indifference, hatred, genocide, war, inhumanity and evil. Although strong relationships were built and moral, ethical and courageous behaviour was often displayed, they were

fadiga, e o impacto visual e sonoro das notícias durante e quatro horas de reportagens das zonas de conflito para onde foram enviados entes queridos criam níveis de estresse nas famílias de nossos soldados de paz que simplesmente são fora da realidade. Nossas famílias vivem as missões conosco e sofrem traumas semelhantes, antes, durante e depois. Nossas famílias estão inextricavelmente ligadas às nossas missões, e devem ser apoiadas em conformidade. Até há poucos anos, a qualidade de vida dos nossos membros e das suas famílias era lamentavelmente inadequadas. Foram necessários quase nove anos de sofrimento para que o governo começasse a assumir as suas responsabilidades a este respeito. Testemunhando a profunda emoção e a genuína empatia dos canadenses por nossos soldados que foram feridos ou mortos no Afeganistão, estou otimista de que a nação como um todo irá finalmente e plenamente aceitar sua responsabilidade por esses jovens e leais veteranos e suas famílias. Rezo para que este livro ajude os canadenses a compreenderem o dever que eles e a nação têm para com os soldados que nos servem e para com as suas famílias.

A seguir, conto a minha história do que aconteceu no Ruanda em 1994. É uma história de traição, fracasso, ingenuidade, indiferença, ódio, genocídio, guerra, desumanidade e maldade. Apesar de terem sido construídas relações fortes e de ter sido frequentemente demonstrado um

overshadowed by one of the fastest, most efficient, most evident genocides in recent history. In just one hundred days over 800,000 innocent Rwandan men, women and children were brutally murdered while the developed world, impassive and apparently unperturbed, sat back and watched the unfolding apocalypse or simply changed channels. Almost fifty years to the day that my father and father-in-law helped to liberate Europe — when the extermination camps were uncovered and when, in one voice, humanity said, "Never again"— we once again sat back and permitted this unspeakable horror to occur. We could not find the political will nor the resources to stop it. Since then, much has been written, discussed, debated, argued and filmed on the subject of Rwanda, yet it is my feeling that this recent catastrophe is being forgotten and its lessons submerged in ignorance and apathy. The genocide in Rwanda was a failure of humanity that could easily happen again.

After one of my many presentations following my return from Rwanda, a Canadian Forces padre asked me how, after all I had seen and experienced, I could still believe in God. I answered that I know there is a God because in Rwanda I shook hands with the devil. I have seen him,

comportamento moral, ético e corajoso, elas foram ofuscadas por um dos genocídios mais rápidos, mais eficientes e mais evidentes da história recente. Em apenas cem dias, mais de 800.000 homens, mulheres e crianças ruandesas inocentes foram brutalmente assassinadas, enquanto o mundo desenvolvido, impassível e aparentemente imperturbável, sentou-se e assistiu ao desenrolar do apocalipse ou simplesmente mudou de canal. Quase cinquenta anos após o dia em que meu pai e meu sogro ajudaram a libertar a Europa — quando os campos de extermínio foram descobertos e quando, em uma só voz, a humanidade disse: "Nunca mais" — nós mais uma vez nos sentamos e permitimos que esse horror indescritível acontecesse. Não conseguimos encontrar a vontade política nem os recursos para impedir. Desde então, muito foi escrito, discutido, debatido, argumentado e filmado sobre Ruanda, mas tenho a impressão que esta recente catástrofe está sendo esquecida e suas lições submersa em ignorância e apatia. O genocídio em Ruanda foi um fracasso da humanidade que poderia facilmente acontecer novamente.

Depois de uma de minhas muitas apresentações após o meu retorno de Ruanda, um padre das Forças Canadenses me perguntou como, por conta de tudo que eu tinha visto e experimentado, eu ainda podia acreditar em Deus. Eu respondi que sei que existe um Deus porque em Ruanda eu apertei as mãos do diabo. Eu o vi, senti o seu cheiro e o toquei. Eu sei que

I have smelled him and I have touched him. I know the devil exists, and therefore I know there is a God. *Peux ce que veux. Allons-y.*

LGen Romeo Dallaire

July 2003

Introduction

It was an absolutely magnificent day in May 1994. The blue sky was cloudless, and there was a whiff of breeze stirring the trees. It was hard to believe that in the past weeks an unimaginable evil had turned Rwanda's gentle green valleys and miss-capped hills into a sinking nightmare of rotting corpses. A nightmare we all had to negotiate every day. A nightmare that, as commander of the UN peacekeeping force in Rwanda, I could not help but feel deeply responsible for.

In relative terms, that day had been a good one. Under the protection of a limited and fragile ceasefire, my troops had successfully escorted about two hundred civilians – a few of the thousands who had sought refuge with us in Kigali, the capital of Rwanda – through many

o Demônio existe e por isso sei que existe um Deus. *Peux ce que veux. Allons-y.* (Querer é poder! Vamos lá!)

General Romeo Dallaire

Júlio de 2003

Introdução

Foi um dia absolutamente magnífico em maio de 1994. O céu azul estava sem nuvens, e havia um cheiro de brisa agitando as árvores. Era difícil acreditar que nas últimas semanas um mal inimaginável tivesse transformado os vales verdes e suaves de Ruanda e as montanhas cobertas de neblina em um pesadelo fedorento de cadáveres apodrecendo. Um pesadelo que todos nós tínhamos que negociar todos os dias. Um pesadelo pelo qual, como comandante da força de manutenção da paz da ONU em Ruanda, não pude deixar de me sentir profundamente responsável.

Em termos relativos, esse dia foi um bom dia. Sob a proteção de um limitado e frágil cessar-fogo, as minhas tropas tinham escoltado com êxito cerca de duzentos civis — alguns dos milhares que tinham procurado refúgio conosco em Kigali, a capital de Ruanda — passando por muitos

rough many government and militia-manned checkpoints to reach safety behind the Rwandese Patriotic Front (RPF) lines. We were seven weeks into the genocide, and the RPF, the disciplined rebel army (composed largely of the sons of Rwandan refugees who had lived over the border in camps in Uganda since being forced out of their homeland at independence), was making a curved sweep toward Kigali from the north, adding civil war to the chaos and butchery in the country.

Having delivered our precious cargo of innocent souls, we were headed back to Kigali in a white UN Land Cruiser with my force commander pennant on the front hood and the blue UN flag on a staff attached to the right rear. My Ghanaian sharpshooter, armed with a new Canadian C-7 rifle, rode behind me, and my new Senegalese aide-de-camp, Captain Ndiaye, sat to my right. We were driving a particularly dangerous stretch of road, open to sniper fire. Most of the people in the surrounding villages had been slaughtered, the few survivors escaping with little more than the clothes on their backs. In a few short weeks, it had become a lonely and forlorn place.

postos de controle hostis, monitorados pelo governo e por milícias, para chegarem em segurança atrás das linhas da Frente Patriótica Ruandesa (RPF)¹³. Estávamos há sete semanas no genocídio, e o RPF, o disciplinado exército rebelde (composto principalmente pelos filhos de refugiados ruandeses que viveram além da fronteira em campos em Uganda, desde que foram forçados a sair de sua terra natal após a independência), estava fazendo uma varredura em curva, vindo do Norte do país em direção a Kigali, somando a guerra civil ao caos e à carnificina já existente no país.

Tendo entregado nossa preciosa carga de almas inocentes, voltamos para Kigali em um cruzador terrestre branco da ONU com a flâmula de comandante da força no capô da frente e a bandeira azul da ONU em uma haste presa na traseira direita. Meu atirador ganense, armado com um novo rifle canadense C-7, logo atrás de mim, e meu novo ajudante de ordem senegalês, o Capitão Ndiaye, sentado à minha direita. Estávamos dirigindo em um trecho de estrada particularmente perigoso, aberto ao fogo dos franco-atiradores. A maioria das pessoas nas aldeias vizinhas tinha sido massacrada, os poucos sobreviventes escaparam com pouco mais do que as roupas do corpo. Em poucas semanas, tornou-se um lugar solitário e abandonado.

¹³ Frente Patriótica Ruandesa (RPF, na sigla em inglês) - RPF é o partido político no poder atualmente em Ruanda. Liderado pelo presidente Paul Kagame, o partido governa o país desde que seu braço armado pôs fim ao genocídio de Ruanda em 1994.

Suddenly up ahead we saw a child wandering across the road. I stopped the vehicle close to the little boy, worried about scaring him off, but he was quite unfazed. He was about three years old, dressed in a filthy, torn T-shirt, the ragged remnants of underwear, litde more than a loincloth, drooping from under his distended belly. He was caked in dirt, his hair white and matted with dust, and he was enveloped in a cloud of flies, which were greedily attacking the open sores that covered him. He stared at us silently, sucking on what I realized was a highprotein biscuit. Where had the boy found food in this wasteland?

I got out of the vehicle and walked toward him. Maybe it was the condition I was in, but to me this child had the face of an angel and eyes of pure innocence. I had seen so many children hacked to pieces that this small, whole, bewildered boy was a vision of hope. Surely he could not have survived all on his own? I motioned for my aide-de-camp to honk the horn, hoping to summon up his parents, but the sound echoed over the empty landscape, startling a few birds and little else. The boy remained transfixed. He did not speak or cry, just stood sucking on his biscuit and staring up at us with his huge, solemn eyes. Still hoping that he wasn't all alone, I sent my aide-de-camp and the sharpshooter to look for signs of life.

De repente, à nossa frente, vimos uma criança a vaguear pela estrada. Eu parei o veículo perto do menino, preocupado em assustá-lo, mas ele estava bem despreocupado. Ele tinha cerca de três anos de idade, vestido com uma camiseta suja e rasgada, os restos do que seria uma cuequinha caindo logo abaixo da barriguinha inchada. Ele estava coberto de sujeira, seu cabelo branco e fosco de poeira, e estava envolto em uma nuvem de moscas, que avidamente atacavam as feridas abertas que cobriam seu corpo. Ele nos olhou fixamente, chupando o que eu percebi ser uma barrinha proteica. Onde aquele menino tinha encontrado comida naquele caos?

Saí do veículo e dirigi-me a ele. Talvez fosse a condição em que eu estava, mas para mim essa criança tinha o rosto de um anjo e olhos de pura inocência. Eu tinha visto tantas crianças cortadas em pedaços que esse garoto pequeno, inteiro e desnordeado era uma visão de esperança. Certamente ele não poderia ter sobrevivido sozinho. Eu fiz sinal para que o meu ajudante de ordem buzinasse, esperando chamar a atenção de seus pais, mas o som ecoou sobre a paisagem vazia, somente assustando alguns pássaros. O menino ficou paralisado. Ele não falou ou chorou, apenas ficou chupando a barrinha e nos encarando com seus olhos enormes e tristes. Ainda com a esperança de que ele não estivesse sozinho, mandei meu auxiliar de campo e o atirador procurar sinais de vida.

We were in a ravine lush with banana trees and bamboo shoots, which created a dense canopy of foliage. A long straggle of deserted huts stood on either side of the road. As I stood alone with the boy, I felt an anxious knot in my stomach: this would be a perfect place to stage an ambush. My colleagues returned, having found no one. Then a rustling in the undergrowth made us jump. I grabbed the boy and held him firmly to my side as we instinctively took up defensive positions around the vehicle and in the ditch. The bushes parted to reveal a well-armed RPF soldier about fifteen years old. He recognized my uniform and gave me a smart salute and introduced himself. He was part of an advance observation post in the nearby hills. I asked him who the boy was and whether there was anyone left alive in the village who could take care of him. The soldier answered that the boy had no name and no family but that he and his buddies were looking after him. That explained the biscuit but did nothing to allay my concerns over the security and health of the boy. I protested that the child needed proper care and that I could give it to him: we were protecting and supporting orphanages in Kigali where he would be much better off. The soldier quietly insisted that the boy stay where he was, among his own people.

Estávamos em um vale exuberante com bananeiras e moitas de bambu, o que criava uma densa copa de folhagem. Havia uma longa extensão de barracos desertas em ambos os lados da estrada. Enquanto eu estava ali em pé com o menino, eu senti um frio na barriga: este seria um lugar perfeito para uma emboscada. Meus colegas voltaram, não haviam encontrado ninguém. Então, um barulho no matagal nos fez pular. Agarrei o menino e o segurei firmemente ao meu lado, enquanto instintivamente tomávamos posição defensiva ao redor do veículo e no barranco. Os arbustos se separaram para revelar um soldado RPF bem armado com cerca de quinze anos de idade. Ele reconheceu meu uniforme e me fez uma breve saudação e se apresentou. Ele fazia parte de um posto de observação avançada nas colinas próximas. Perguntei-lhe se sabia quem era o menino e se havia alguém vivo na aldeia que pudesse cuidar dele. O soldado respondeu que o menino não tinha nome nem família, mas que ele e seus amigos estavam cuidando dele. Isso explicou a barrinha, mas não me tranquilizou sobre sua segurança e saúde. Protestei que a criança precisava de cuidados adequados e que eu podia dar-lhe: estávamos protegendo e dando suporte a orfanatos em Kigali, onde ele ficaria muito melhor. O soldado insistiu calmamente para que o menino ficasse onde estava, entre o seu próprio povo.

I continued to argue, but this child soldier was in no mood to discuss the situation and with haughty finality stated that his unit would care and provide for the child. I could feel my face flush with anger and frustration, but then noticed that the boy himself had slipped away while we had been arguing over him, and God only knew where he had gone. My aide-de-camp spotted him at the entrance to a hut a short distance away, clambering over a log that had fallen across the doorway. I ran after him, closely followed by my aide-de-camp and the RPF child soldier. By the time I had caught up to the boy, he had disappeared inside. The log in the doorway turned out to be the body of a man, obviously dead for some weeks, his flesh rotten with maggots and beginning to fall away from the bones.

As I stumbled over the body and into the hut, a swarm of flies invaded my nose and mouth. It was so dark inside that at first I smelled rather than saw the horror that lay before me. The hut was a two-room affair, one room serving as a kitchen and living room and the other as a communal bedroom; two rough windows had been cut into the mud-and-stick wall. Very little light penetrated the gloom, but as my eyes became accustomed to the dark, I saw strewn around the living room in a rough circle the decayed bodies of a man, a woman and two children, stark white bone poking through the desiccated, leather-like covering that had

Eu continuei a argumentar, mas o menino-soldado não estava com disposição para discutir a situação e com uma atitude arrogante declarou que sua unidade iria cuidar e prover para a criança. Eu pude sentir meu rosto corar de raiva e frustração, mas então percebi que o garoto havia escapado enquanto estávamos discutindo sobre ele, e só Deus sabia para onde ele tinha ido. Meu ajudante de ordem o viu na entrada de um barraco, a uma curta distância, escalando um tronco que havia caído pela porta. Corri atrás dele, seguido de perto pelo meu ajudante de ordem e o menino-soldado da RPF. Assim que consegui alcançar o menino, ele desapareceu dentro de um barraco. O tronco na entrada da porta era, na verdade, o corpo de um homem, obviamente morto por algumas semanas, sua carne podre coberta de larvas e começando a cair dos ossos.

Enquanto eu tropeçava no corpo e caía dentro do barraco, um enxame de moscas invadiu meu nariz e minha boca. Estava tão escuro lá dentro que a princípio eu senti o cheiro ao invés de ver o horror que estava diante de mim. O barraco tinha dois cômodos, um servindo como cozinha e sala de estar e o outro como um quarto comum, com duas janelas mal cortadas em paredes de taipa. Pouquíssima luz penetrava na escuridão, mas quando meus olhos se acostumaram com aquele escuro, eu vi espalhados ao redor da sala de estar em um círculo disforme de corpos deteriorados de um homem, uma mulher e duas crianças, um osso completamente

once been skin. The little boy was crouched beside what was left of his mother, still sucking on his biscuit. I made my way over to him as slowly and quietly as I could and, lifting him into my arms, carried him out of the hut.

The warmth of his tiny body snuggled against mine filled me with a peace and serenity that elevated me above the chaos. This child was alive yet terribly hungry, beautiful but covered in dirt, bewildered but not fearful. I made up my mind: this boy would be the fourth child in the Dallaire family. I couldn't save Rwanda, but I could save this child.

Before I had held this boy, I had agreed with the aid workers and representatives of both the warring armies that I would not permit any exporting of Rwandan orphans to foreign places. When confronted by such requests from humanitarian organizations, I would argue that the money to move a hundred kids by plane to France or Belgium could help build, staff and sustain Rwandan orphanages that could house three thousand children. This one boy eradicated all my arguments. I could see myself arriving at the terminal in Montreal like a latter-day St. Christopher with the boy cradled in my arms, and my wife, Beth, there ready to embrace him.

branco sobressaindo por uma camada ressequida, um tipo de couro que uma vez já foi pele. O garotinho estava agachado ao lado do que restava da mãe, ainda chupando sua barrinha. Dirigi-me a ele com a maior calma possível e, levantando-o nos meus braços, levei-o para fora do barraco.

O calor de seu pequeno corpo aconchegado ao meu me encheu de paz e serenidade que me elevou acima do caos. Aquela criança estava viva, mas com uma fome terrível, linda, mas coberta de sujeira, desnorreada, mas não temerosa. Eu tomei uma decisão: aquele menino seria o quarto filho da família Dallaire. Poderia não salvar Ruanda, mas salvaria aquela criança.

Muito antes de ter aquele menino nos meus braços, eu tinha entrado em acordo com os colaboradores da ajuda humanitária e com os representantes de ambos os exércitos em guerra que eu não permitiria qualquer exportação de órfãos ruandeses para lugares estrangeiros. Quando confrontado com tais pedidos de organizações humanitárias, eu argumentaria que o dinheiro para mover uma centena de crianças de avião para a França ou Bélgica poderia ajudar a construir, contratar funcionários e sustentar orfanatos ruandeses que poderiam abrigar três mil crianças. Aquele menino erradicou todos os meus argumentos. Eu podia me imaginar chegando ao terminal de Montreal como se fora um São

That dream was abruptly destroyed when the young soldier, fast as a wolf, yanked the child from my arms and carried him directly into the bush. Not knowing how many members of his unit might already have their gunsights on us, we reluctantly climbed back into the Land Cruiser. & I slowly drove away, I had much on my mind.

By withdrawing, I had undoubtedly done the wise thing: I had avoided risking the lives of my two soldiers in what would have been a fruitless struggle over one small boy. But in that moment, it seemed to me that I had backed away from a fight for what was right, that this failure stood for all our failures in Rwanda.

Whatever happened to that beautiful child? Did he make it to an orphanage deep behind the RPF lines? Did he survive the following battles? Is he dead or is he now a child soldier himself, caught in the seemingly endless conflict that plagues his homeland?

That moment, when the boy, in the arms of a soldier young enough to be his brother, was swallowed whole by the forest, haunts me. It's a memory that never lets me forget how ineffective and irresponsible

Cristóvão, com o menino embalado em meus braços, e minha esposa, Beth, pronta para acolhê-lo.

Esse sonho foi abruptamente destruído quando o jovem soldado, rápido como um lobo, arrancou a criança dos meus braços e a levou diretamente para o mato. Sem saber quantos membros de sua unidade já tinham suas armas apontadas para nós, relutantemente subimos de volta para o Land Cruiser. Fui embora lentamente, muita coisa passava por minha mente.

Ao me retirar, eu tinha, sem dúvida, feito a coisa certa: eu tinha evitado arriscar a vida dos meus dois soldados no que teria sido uma luta infrutífera por aquele menininho. Mas, naquele momento, pareceu-me que eu tinha desistido de algo que considerava certo, que aquele fracasso representava todos os nossos fracassos em Ruanda.

O que aconteceu àquela linda criança? Ele conseguiu chegar a um orfanato atrás das linhas do RPF? Ele sobreviveu às batalhas seguintes? Ele está morto ou ele se tornou um menino-soldado, apanhado em um conflito aparentemente interminável que atormentava sua pátria?

Aquele momento, quando o menino nos braços de um jovem soldado com idade suficiente para ser seu irmão, foi engolido inteiro pela floresta, me assombrou. É uma lembrança que não me sai da memória.

we were when we promised the Rwandans that we would establish an atmosphere of security that would allow them to achieve a lasting peace. It has been almost nine years since I left Rwanda, but as I write this, the sounds, smells and colours come flooding back in digital clarity. It's as if someone has sliced into my brain and grafted this horror called Rwanda frame by blood-soaked frame directly on my cortex. I could not forget even if I wanted to. For many of these years, I have yearned to return to Rwanda and disappear into the blue-green hills with my ghosts. A simple pilgrim seeking forgiveness and pardon. But as I slowly begin to piece my life back together, I know the time has come for me to make a more difficult pilgrimage: to travel back through all those terrible memories and retrieve my soul.

I did try to write this story soon after I came back from Rwanda in September 1994, hoping to find some respite for myself in sorting out how my own role as Force Commander of UNAMIR interconnected with the international apathy, the complex political manoeuvres, the deep well of hatred and barbarity that resulted in a genocide in which over 800,000 people lost their lives. Instead, I plunged into a disastrous mental health spiral that led me to suicide attempts, a medical release from the Armed Forces, the diagnosis of post-traumatic stress disorder, and dozens upon

Como fomos ineficazes e irresponsáveis quando prometemos aos Ruandeses que iríamos estabelecer uma atmosfera de segurança que lhes permitisse alcançar uma paz duradoura. Já passaram quase nove anos desde que deixei Ruanda, mas enquanto escrevo isto, os sons, cheiros e cores voltam a me inundar com clareza digital. É como se alguém tivesse fatiado o meu cérebro e enxertado no meu córtex este horror chamado Ruanda encharcando de sangue fatia por fatia. Eu não poderia esquecer, mesmo que eu quisesse. Por muitos desses anos, eu desejei voltar para Ruanda e desaparecer nas colinas verdes-azuladas com meus fantasmas. Um simples peregrino em busca de perdão. Mas agora que eu lentamente começo a recompor minha vida, sei que chegou a hora de fazer a mais difícil peregrinação: viajar de volta através de todas aquelas memórias terríveis e recuperar minha alma.

Tentei escrever esta história pouco tempo depois de ter regressado de Ruanda, em setembro de 1994, na esperança de encontrar algum alívio na determinação de como eu, no meu papel como Comandante da Força da UNAMIR, me relacionava com a apatia internacional, as complexas manobras políticas, o poço profundo de ódio e barbárie que resultou num genocídio em que mais de 800.000 pessoas perderam a vida. Em vez disso, mergulhei numa desastrosa espiral de problemas de saúde mental que me levou a tentativas de suicídio, a uma licença médica das Forças Armadas,

dozens of therapy sessions and extensive medication, which still have a place in my daily life.

It took me seven years to finally have the desire, the willpower and the stamina to begin to describe in detail the events of that year in Rwanda. To recount, from my insider's point of view, how a country moved from the promise of a certain peace to intrigue, the fomenting of racial hatred, assassinations, civil war and genocide. And how the international community, through an inept UN mandate and what can only be described as indifference, self-interest and racism, aided and abetted these crimes against humanity—how we all helped create the mess that has murdered and displaced millions and destabilized the whole central African region.

A growing library of books and articles is exploring the tragic events in Rwanda from many angles: eyewitness accounts, media analyses, assaults on the actions of the American administration at the time, condemnations of the UN's apparent ineptitude. But even in the international and national inquiries launched in the wake of the genocide, the blame somehow slides away from the individual member nations of the UN, and in particular those influential countries with permanent representatives on the Security Council, such as the United States, France

ao diagnóstico de transtorno de estresse pós-traumático e a dezenas e dezenas de sessões de terapia e medicação extensiva, que ainda têm lugar na minha vida cotidiana.

Levei sete anos para finalmente ter a coragem, a força de vontade e a resistência para começar a descrever em detalhes os eventos daquele ano em Ruanda. Para contar, do meu ponto de vista interno, como um país passou da promessa de uma certa paz para a intriga, o fomento do ódio racial, assassinatos, guerra civil e genocídio. E como a comunidade internacional, por meio de um mandato inepto da ONU e do que só pode ser descrito como indiferença, interesse próprio e racismo, ajudou e incentivou esses crimes contra a humanidade — como todos nós ajudamos a criar a confusão que assassinou e deslocou milhões de pessoas e desestabilizou toda a região da África Central.

Uma crescente bibliografia explora os trágicos acontecimentos em Ruanda sob muitos ângulos: relatos de testemunhas oculares, análises da mídia, ataques às ações da administração americana na época e condenações à aparente inépcia da ONU. Mas mesmo nos inquéritos internacionais e nacionais constituídos na sequência do genocídio, a culpa de alguma forma escapou às nações membros da ONU e, em particular, aos países influentes com representantes permanentes no Conselho de Segurança, como os Estados Unidos, a França e o Reino Unido, que se

and the United Kingdom, who sat back and watched it all happen, who pulled their troops or didn't offer any troops in the first place. A few Belgian officers were brought to court to pay for the sins of Rwanda. When my sector commander in Kigali, Colonel Luc Marchal, was courtmartialled in Brussels, the charges against him were clearly designed to deflect any responsibility away from the Belgian government for the deaths of the ten Belgian peacekeepers under my command. The judge eventually threw out all the charges, accepting the fact that Marchal had performed his duties magnificently in a nearimpossible situation. But the spotlight never turned to the reasons why he and the rest of the UNAMIR force were in such a dangerous situation in the first place.

It is time that I tell the story from where I stood — literally in the middle of the slaughter for weeks on end. A public account of my actions, my decisions and my failings during that most terrible year may be a crucial missing link for those attempting to understand the tragedy both intellectually and in their hearts. I know that I will never end my mourning for all those Rwandans who placed their faith in us, who thought the UN peacekeeping force was there to stop extremism, to stop the killings and help them through the perilous journey to a lasting peace. That mission, UNAMIR, failed. I know intimately the cost in human lives

sentaram e assistiram a tudo isto, que retiraram as suas tropas ou não ofereceram tropas. Alguns oficiais belgas foram submetidos ao tribunal para pagar pelos pecados de Ruanda. Quando o meu comandante de setor em Kigali, o Coronel Luc Marchal, foi levado ao tribunal marcial em Bruxelas, as acusações contra ele foram claramente concebidas para desviar qualquer responsabilidade do governo belga pela morte dos dez soldados belgas da força de manutenção da paz sob o meu comando. O juiz acabou por rejeitar todas as acusações, aceitando o fato de Marchal ter desempenhado magnificamente as suas funções numa missão quase impossível. Mas os holofotes nunca se voltaram para as razões pelas quais ele e o resto da força da UNAMIR se encontravam numa situação tão perigosa.

É tempo de contar a história de onde estive, literalmente, no meio da matança durante semanas a fio. Um relato público de minhas ações, minhas decisões e meus fracassos durante aquele ano terrível, que pode ser um elo perdido crucial para aqueles que tentam entender a tragédia tanto intelectualmente quanto em seus corações. Sei que nunca terminarei o meu luto por todos os ruandeses que depositaram a sua fé em nós, que pensavam que a força de manutenção de paz da ONU estava lá para acabar com o extremismo, para acabar com os assassinatos e para ajudar na perigosa jornada para uma paz duradoura. Naquela missão, a UNAMIR falhou.

of the inflexible UN Security Council mandate, the pennypinching financial management of the mission, the UN red tape, the political manipulations and my own personal limitations. What I have come to realize as the root of it all, however, is the fundamental indifference of the world community to the plight of seven to eight million black Africans in a tiny country that had no strategic or resource value to any world power. An overpopulated little country that turned in on itself and destroyed its own people, as the world watched and yet could not manage to find the political will to intervene. Engraved still in my brain is the judgment of a small group of bureaucrats who came to "assess" the situation in the first weeks of the genocide: "We will recommend to our government not to intervene as the risks are high and all that is here are humans."

My story is not a strictly military account nor a clinical, academic study of the breakdown of Rwanda. It is not a simplistic indictment of the many failures of the UN as a force for peace in the world. It is not a story of heroes and villains, although such a work could easily be written. This book *is a cri de coeur* for the slaughtered thousands, a tribute to the souls

Conheço bem de perto o custo, em vidas humanas, do inflexível mandato do Conselho de Segurança da ONU, da gestão financeira da missão, da burocracia da ONU, das manipulações políticas e das minhas próprias limitações pessoais. O que eu cheguei a perceber como a raiz de tudo isso, no entanto, é a indiferença fundamental da comunidade mundial perante a situação de sete a oito milhões de africanos negros num pequeno país que não tinha qualquer valor estratégico ou de recursos para qualquer potência mundial. Um pequeno país superpovoado que se virou contra si mesmo e destruiu o seu próprio povo, como o mundo observou e, no entanto, não conseguiu encontrar a vontade política para intervir. Ainda gravado no meu cérebro está o julgamento de um pequeno grupo de burocratas que vieram "avaliar" a situação nas primeiras semanas do genocídio: "Vamos recomendar ao nosso governo que não intervenha, pois os riscos são altos e tudo o que está acontecendo aqui é da natureza humana".

Minha história não é um relato estritamente militar nem um estudo clínico e acadêmico sobre o colapso de Ruanda. Não é uma acusação simplista dos muitos fracassos da ONU como força de paz no mundo. Não é uma história de heróis e vilões, embora tal trabalho pudesse ser facilmente escrito. Este livro é um *cri de coeur*¹⁴ para os milhares

¹⁴ cri de coeur, "grande clamor". Por ser bilíngue o autor faz uso do francês, algumas vezes

hacked apart by machetes because of their supposed difference from those who sought to hang on to power. It is the story of a commander who, faced with a challenge that didn't fit the classic Cold War-era peacekeeper's rule book, failed to find an effective solution and witnessed, as if in punishment, the loss of some of his own troops, the attempted annihilation of an ethnicity, the butchery of children barely out of the womb, the stacking of severed limbs like cordwood, the mounds of decomposing bodies being eaten by the sun. This book is nothing more nor less than the account of a few humans who were entrusted with the role of helping others taste the fruits of peace. Instead, we watched as the devil took control of paradise on earth and fed on the blood of the people we were supposed to protect.

massacrados, um tributo às almas cortadas por facões por causa de sua suposta diferença em relação àqueles que procuravam se agarrar ao poder. É a história de um comandante que, diante de um desafio que não se encaixava no clássico livro de regras do pacificador da era da Guerra Fria, não conseguiu encontrar uma solução efetiva e testemunhou, como um castigo, a perda de algumas de suas próprias tropas, a tentativa de aniquilação de uma etnia, o massacre de crianças que mal saíram do útero, o empilhamento de membros cortados como madeira, os montes de corpos em decomposição que eram comidos pelo sol. Este livro não é nem mais nem menos do que o relato de alguns humanos a quem foi confiado o papel de ajudar os outros a saborear os frutos da paz. Em vez disso, observamos como o diabo tomou o controle do paraíso na terra e se alimentou do sangue das pessoas que deveríamos proteger.

COMENTÁRIOS

Título: Shake hands with the devil: the failure of humanity in Ruanda.

- Dois pontos que merecem comentário no título: primeiro, a palavra “*devil*” poderia ser traduzida por “mal”, entretanto como o propósito deste trabalho é não camuflar a verdade nem a contundência e as circunstâncias dos atos perpetrados no genocídio, a escolha que melhor reproduz a indignação e ao mesmo tempo a impotência do autor diante dos fatos é “*diabo*”, pois, de acordo com o autor, ele deu as mãos ao diabo e sobreviveu para contar a história (Dallaire, 2003). O segundo ponto é a palavra “*failure*”, que poderia ser traduzida como “falha”, mas seguindo o propósito de ir ao encontro do original, a escolha foi “*fracasso*”, que resume todo o sentimento do autor quanto ao seu papel como facilitador da paz, mas fracassou na sua empreitada. Nesse sentido, o título proposto na tradução foi: “De mãos dadas com o diabo: o fracasso da humanidade em Ruanda.”.

Preâmbulo

[...]We already know that Dallaire and his men witnessed the worst crimes of the second half of the twentieth century, but it is simply different to read about Brent Beardsley, Dallaire's aide-de-camp and close friend, who discovered the remains of a massacre in the Gikondo church and watched a baby who survived crawl onto his dead mother in an attempt to feed upon her lifeless breast. We know that many Hutu continued to carry on with their daily routines, even as rotting corpses were being loaded onto trucks for disposal in mass graves. But Dallaire describes those trucks: "Blood, dark, half-coagulated, oozed like thick paint from the back of them." He describes the day he saw a young Hutu girl in a light dress and sandals slip and fall on the pool of blood beside a truck. Although she got up immediately, he writes, "it was as if someone had painted her body and her dress with a dark red oil. She became hysterical looking at it, and the more she screamed, the more attention she drew."

[...]Já sabemos que Dallaire e seus homens testemunharam os piores crimes da segunda metade do século XX, mas é simplesmente diferente de ler sobre Brent Beardsley, o ajudante de ordem e amigo, que descobriu os restos de um massacre na igreja de Gikondo e observou um bebê sobrevivente rastejar até a sua mãe morta, numa tentativa de se alimentar do seu peito sem vida. Sabemos que muitos hutus continuaram com as suas rotinas diárias, mesmo quando cadáveres em decomposição estavam sendo carregados para caminhões para descarte em valas comuns. Dallaire descreve esses caminhões: "Sangue, escuro, semi-coagulado, gotejando como tinta grossa da parte de trás. Ele descreve o dia em que viu uma jovem hutu com um vestido claro e sandálias escorregar e cair em uma poça de sangue ao lado de um caminhão. Embora ela tenha se levantado imediatamente, ele escreve: "era como se alguém tivesse pintado o seu corpo e o seu vestido com um óleo vermelho escuro. Ela ficou histérica olhando para ele, e quanto mais ela gritava, mais atenção ela chamava."

- Esse trecho demonstra toda a dramaticidade da situação em que o autor se encontra e a proposta de tradução foi manter a intenção de se criar imagens na mente do leitor com a descrição que o texto original busca provocar.

[...] Dallaire can't escape the memories. He recalls the rat that wandered around the UN compound. His men thought the creature was a terrier, so fat had it grown on the flesh of dead Rwandans. Dallaire once picked up a Rwandan child whom he saw twitching with life. But when he held the "tingling and mushy" being in his arms, he realized that the movement was caused by maggots feasting on the dead youth. He came across the whitened skeletons of women who had been raped: "The legs bent and apart. A broken bottle, a rough branch, even a knife between them." As he writes: "It's as if someone has sliced inLo *my* brain and grafted this horror called Rwanda frame by blood-soaked frame directly on my cortex."

[...] Dallaire não consegue escapar das memórias. Ele se lembra até de um rato que vagava à volta do complexo da ONU. Seus homens pensavam que a criatura era um

terrier, de tão gordo que estava de se alimentar da carne de ruandeses mortos. Dallaire uma vez apanhou uma criança ruandesa que ele viu se debatendo, mas quando ele segurou aquele ser "formigando e mole" em seus braços, ele percebeu que aquele movimento foi causado por larvas que se banquetavam do juvenzinho morto. Ele se deparou com esqueletos esbranquiçados de mulheres que tinham sido violadas: "As pernas dobradas e separadas. Uma garrafa quebrada, um galho ressequido, até mesmo uma faca jogada ali." Como ele escreve: "É como se alguém tivesse fatiado o meu cérebro e enxertado esse horror chamado Ruanda encharcado de sangue diretamente no meu córtex."

- Mais um trecho que faz com que o leitor reproduza imagens não muito agradáveis em sua mente. A intenção é justamente provocar no leitor a sensação de asco, choque e náuseas. E assim, conforme o propósito do trabalho, manter o texto o mais fidedigno possível.

Introdução

[...] This book is nothing more nor less than the account of a few humans who were entrusted with the role of helping others taste the fruits of peace. Instead, we watched as the devil took control of paradise on earth and fed on the blood of the people we were supposed to protect.

- Nesse trecho buscou-se também manter toda a dramaticidade, a frustração e a emoção do autor que, diante dos fatos que testemunhou, demonstra toda sua indignação e impotência.

[...] Este livro não é nem mais nem menos do que o relato de alguns humanos a quem foi confiado o papel de ajudar os outros a saborear os frutos da paz. Em vez disso, observamos como o diabo tomou o controle do paraíso na terra e se alimentou do sangue das pessoas que deveríamos proteger.

[...] Suddenly up ahead we saw a child wandering across the road. I stopped the vehicle close to the little boy, worried about scaring him off, but he was quite unfazed. He was about three years old, dressed in a filthy, torn T-shirt, the ragged remnants of underwear, little more than a loincloth, drooping from under his distended belly.

- Nesse recorte preferi estender o uso do diminutivo, uma vez que o autor se refere ao menino como “*little boy*”, já demonstrando uma certa ternura pela condição de penúria em que a criança encontra, que levaria o autor a considerar a possibilidade de adotá-la.

[...] De repente, à nossa frente, vimos uma criança a vagarear pela estrada. Eu parei o veículo perto do garotinho, preocupado em assustá-lo, mas ele estava bem despreocupado. Ele tinha cerca de três anos de idade, vestido com uma camiseta suja e rasgada, os restos do que seria uma cuequinha caindo logo abaixo da barriguinha inchada.

Prefácio

[...] Beth, thank you for the days, weeks, months and years when I was absent and you held the home front and the family together, whether I was off serving around the world, at home in my workaholic bubble, or just out in the back forty on exercise, waking you and everyone else in the married quarters with the sound of our guns.

- A princípio, a tradução seria alojamentos, mas na nossa realidade nos quartéis do nosso exército não há famílias nos alojamentos e sim conjuntos residenciais específicos para os militares quando em serviço da força. Assim, a escolha foi por “vilas militares” para “*married quarters*”.

[...] Thank you for your support during this last duty, which has been one of the hardest and most complex efforts of my life. I thank my children, Willem, Catherine and Guy, who grew up without a full-time dad but who have always been the pride of my life, the true test of my mettle, and who continue to make their own place in the world.

- *Full-time dad*, literalmente seria um “pai em tempo integral”, mas “pai presente” soa mais coloquial e retrata melhor as circunstâncias da vida do militar que se candidata a servir no quadros das Nações Unidas, e por força do dever não consegue acompanhar a criação dos filhos de forma presente.

[...] May this book help inspire people around the globe to rise above national interest and self-interest to recognize humanity for what it really is: a panoply of human beings who, in their essence, are the same.

- *panoply*: uma palavra por mim desconhecida até então, que significa: um grupo, uma série, um conjunto. Nesse trecho foi acrescentada a palavra “complexo” para fazer um contraste com a palavra “iguais” e, nesse sentido, melhorar a compreensão do período.

[...] Beth, obrigada pelos dias, semanas, meses e anos em que eu estive ausente e você manteve a casa e a família unidas, estando eu a servindo ao redor do mundo, em casa na minha bolha de vício em trabalho, ou nos quarenta anos de serviço, acordando você e todo mundo nas vilas militares com o ruído da nossa artilharia.

[...] Obrigado por seu apoio durante essa última missão, que tem sido um dos esforços mais difíceis e complexos da minha vida. Agradeço aos meus filhos, Willem, Catherine e Guy, que cresceram sem um pai presente, mas que sempre foram o orgulho da minha vida, o verdadeiro teste da minha coragem, e que continuam a conquistar seus próprios espaços no mundo.

[...] Que este livro ajude a inspirar as pessoas ao redor do mundo a se levantarem acima do interesse nacional e do interesse próprio de reconhecer a humanidade pelo que ela realmente é: um grupo complexo de seres humanos que, em sua essência, são iguais.

[...] Sian was this book's shadow author, but she did not live to see it finished.

[...] Sian foi a autora que trabalhou nesse livro como uma sombra, mas não viveu para ver o seu término.

- Nesse trecho a preferência a princípio foi por “trabalhar nos bastidores” do que “trabalhar nas sombras”, mas percebi que havia feito um equívoco no significado e percebi que o que o autor queria dizer era que sua amiga tinha trabalhado par e passo e dado uma grande contribuição na feitura do livro.

[...] Her journalistic aggressiveness to get at the truth combined with her energy and her zeal to evoke the heart of the story earned her the title of "regimental sergeant major" of our team.

[...] Sua agressividade jornalística para chegar à verdade combinada com sua energia e seu zelo para evocar o âmago da história lhe valeu o título de "sargento-mor regimental" de nossa equipe.

- No original a palavra é “*heart*”, todavia a escolha foi por “âmago”, visto que oferece uma interpretação de profundidade, entranhada e visceral e, portanto, com grande carga dramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D.P. **Tradução e Literatura: Experimentando a receita do modelo de avaliação de Juliane House**. 2012. 132f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília. Brasília. 2012. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/4024>>. Acesso em: maio de 2019.

BASEVI, Anna. **O tradutor como testemunha**. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 38, n. 3, p. 226-243, set. 2018. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n3p226>>. Acesso em: maio de 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n3p226>.

BERMAN, A. (1985). **A tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. trad. de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini, Rio de Janeiro: 7 Letras; PGET, 2007.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica**. trad. Maria Emília Pereira Chanut, Bauru, SP: EDUSC, 2002.

COMELLAS, Pere. **Algumas reflexões sobre a tradução à letra segundo Berman**. Scientia Traductionis, Florianópolis, n. 9, p. 152-167, jan. 2011. ISSN 1980-4237. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n9p152>>. Acesso em: maio 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/1980-4237.2011n9p152>.

MARCO, Valeria de. **A literatura de testemunho e a violência de Estado**. Lua Nova, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em junho de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452004000200004>.

NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity – Functionalism Approaches Explained**. St. Jerome Publishing: Manchester, UK & Northampton MA, 2001.

POR DENTRO DA ÁFRICA. **Economia: Ruanda deverá crescer 7,2% em 2018**. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/economia/economia-ruanda-devera-crescer-72-em-2018>>. Acesso em: maio de 2019

REPUBLIC OF RWANDA. Disponível em: <<http://www.gov.rw/>>. Acesso em: maio de 2019.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e diferença: uma proposta de desconstrução da noção de equivalencia em Catford, Nida, Lefevere e Toury**. 1998. 241f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, [SP]. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271182>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Literatura da Shoah no Brasil**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 123-135, out. 2007. ISSN 1982-3053. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/977/1086>>. Acesso em: 12 jul. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1982-3053.1.1.123-135>.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrating trauma: testimonies of historical catastrophes**. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000100005&lng=en&nrm=iso>.. Acesso em: maio de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>.

WORLD BANK. **The World Bank in Rwanda**. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/en/country/rwanda>>. Acesso em: maio de 2019.

TORRES, M. H. **Literatura Traduzida tradução comentada e comentários de tradução**. Vol. 2. Fortaleza: Substância, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/181534>>. Acesso em: junho de 2019

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. **A tradução comentada em contexto acadêmico: refl exões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção**. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 331-352, dez. 2015. ISSN 2317-2096. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8755/8639>>. Acesso em: jul. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.25.2.331-352>.

ANEXO 1: TRADUÇÃO

HABITANDO O TERROR

Preâmbulo

Uma vez que Elie Wiesel finalmente encontrou um editor para o seu justo e célebre livro de memórias, *Noite*, ele tornou-se a testemunha mais conhecida do mundo. Em *Noite*, Wiesel escreve sobre um estudioso Hassídico chamado Moshe, o bedel, que no início dos anos 40 vivia na cidade de Sighet, na Romênia. Um dia em 1941 Sighet juntou os seus judeus estrangeiros em carros de gado e expulsou-os. Moshe, o bedel, que vinha ensinando kaballah ao Wiesel de doze anos de idade, desapareceu.

Nunca mais se ouviu falar dos judeus estrangeiros de Sighet, mas depois de vários meses Moshe, o bedel, voltou miraculosamente a Sighet e contou a história dele. Ele e os outros judeus estrangeiros tinham sido transportados de trem através da fronteira húngara, apanhados por caminhão e conduzidos por uma floresta na Galícia. Lá, eles foram forçados a cavar grandes sepulturas e depois ficar em pé diante desses buracos, enquanto eram sistematicamente fuzilados por artilharia alemã. Os atiradores da Gestapo jogavam os bebês judeus no ar e os usavam para praticar tiro ao alvo.

Moshe, o bedel, foi atingido na perna e sobreviveu ao massacre fingindo-se de morto. Ele conseguiu retornar a Sighet, e foi de porta em porta descrevendo os horrores de sua experiência e os objetivos eliminatórios dos algozes nazistas. Mas, como escreveu Wiesel, "as pessoas recusavam-se não só a acreditar nas suas histórias, mas até a ouvi-las". Eles o conheciam bem. "Que imaginação ele tem", diziam eles. Ou, "Pobre rapaz. Ele enlouqueceu".

Quando ouvi falar pela primeira vez da experiência do General Romeo Dallaire, comandante das forças da ONU em Ruanda durante o genocídio de 1994, pensei em Moshe, o bedel. Na maioria das guerras são imagens e artefatos que emergem para moldar nossa memória dos acontecimentos. A recente guerra no Iraque pode ser menos lembrada pela queda da estátua de Saddam Hussein do que pela a horrível pilha de corpos nus na prisão de Abu Ghraib. A guerra da Bósnia nos deu as figuras que olhavam por detrás do arame farpado. Campos de concentração geridos por sérvios e uma mulher muçulmana que escapou das armas dos sérvios em Srebrenica, mas que depois se enforcou numa árvore em um acampamento de refugiados. Ruanda será lembrada pelas dezenas de corpos inchados, que desceram o rio Kagera, e pela

nobre e humilde face do General Dallaire, o protetor, que nunca teve qualquer intenção de se tornar o General Dallaire, a testemunha.

Dallaire não era, naturalmente, um Tutsi e, portanto, não era um dos que tinham sido marcados para extermínio em Ruanda. Mas, como Moshe, o bedel, Dallaire avisou sobre os horrores que se avizinhavam e descreveu os massacres como eles estavam a acontecer. Como Moshe, o Beadle, ele foi ignorado e descartado como um simplório e um "caminhão desgovernado". E como Moshe, o bedel, ele acabou despedaçado. Para Dallaire, o serviço militar era tudo, em suas palavras: "a minha amante, a minha musa e a minha família". No entanto, apesar de uma carreira notável, porque Dallaire se recusa a esquecer o que aconteceu em sua missão, o seu nome estará para sempre associado ao fracasso — o fracasso do mundo em proteger e o seu próprio fracasso em persuadir.

A principal peça do genocídio de Ruanda pode ser o fax escrito por Dallaire três meses antes do início do que se tornaria a mais rápida campanha de matança do século XX. Em 11 de janeiro de 1994, o General Dallaire escreveu a Kofi Annan, que dirigia o gabinete de manutenção da paz da ONU, em Nova Iorque, que, de acordo com "Jean Pierre", um anônimo informante nos círculos internos da milícia *Interahamwe*¹⁵ de Ruanda, os extremistas hutus "receberam ordens para registrar todos os Tutsis em Kigali." "Ele suspeita que é para o extermínio deles", escreveu Dallaire. "Ele exemplificou que em 20 minutos o seu pessoal podia matar até 1.000 Tutsis."

"Jean Pierre" tinha avisado não só de uma ameaça existencial a Tutsis de Ruanda, mas também do plano das milícias para assassinar uma série de belgas da força de manutenção da paz, a fim de "garantir a retirada da Bélgica de Ruanda." O informante estava preparado para identificar os principais esconderijos de armas espalhados por Ruanda, mas queria passaportes e proteção para a mulher e os quatro filhos. Dallaire admitiu a possibilidade de uma armadilha, mas disse acreditar que o informante era confiável. Ele disse a Annan que a força e paz da ONU sob seu comando estava preparada para agir em trinta e seis horas. "Onde há uma vontade, há uma maneira," Dallaire assinou o telegrama. "Vamos lá!".

¹⁵ A *Interahamwe* era a mais importante das milícias armadas pela maioria étnica Hutu de Ruanda e, junto com o *Impuzamugambi*, foi responsável pelas 800.000 mortes no Genocídio de Ruanda de 1994.

A resposta de Annan foi firme. Dallaire não devia enfrentar os extremistas. Em outubro de 1993, apenas três meses antes de Dallaire enviar o seu fax, 18 soldados americanos foram mortos num confronto na Somália. Annan acreditava — provavelmente de forma acertda — que os Estados Unidos e os seus aliados não iriam querer atravessar o que ficou conhecido como "a Linha Mogadíscio" Mas, em vez de testar as grandes potências ou tentar envergonhá-las com o vazamento de notícias alarmantes, Annan enterrou o "fax do genocídio". Os membros da milícia ruandesa aceitaram a sua deixa.

Annan disse a Dallaire para se acalmar, para manter a sua atividade limitada, e para notificar o presidente ruandês (ele próprio suspeito de estar implicado na conspiração) e os embaixadores ocidentais em Kigali sobre as reivindicações do informante. Argumentando por telefone com funcionários da ONU em Nova Iorque e enviando múltiplos faxes adicionais, Dallaire contestou a decisão. Mesmo depois de Dallaire ter confirmado a fiabilidade do informante, os seus superiores políticos não se mexeram. "Tens de me deixar fazer isto", suplicou Dallaire. "Se não os fizermos parar essas armas, um dia elas serão usadas contra nós."

Em 6 de Abril, o avião do presidente ruandês foi abatido, o genocídio começou e, tal como Dallaire havia advertido, a milícia foi atrás dos capacetes azuis e massacraram dez belgas. O Governo belga retirou o resto das suas forças, a missão da ONU foi desvendada. Em 21 de abril de 1994, com relatos de dezenas de milhares de *Tutsis* já assassinados, no ato mais vergonhoso da história das Nações Unidas, o Estados membros do Conselho de Segurança votaram a favor da retirada das forças da ONU de Dallaire de Ruanda. Dallaire insistiu em permanecer. Por mais de dois meses, ele e a sua força de 450 pessoas assistiram impotentes enquanto os corpos eram amontoados à sua volta.

Romeo Dallaire levou mais de sete anos para colocar a caneta no papel para nos oferecer este livro arrebatador, aterrorizante e, acima de tudo, honesto. Nele, Dallaire recorda-nos as escolhas impossíveis que lhe confrontaram em Ruanda todos os dias. O genocídio ocorreu há uma década, mas ainda podemos ouvi-lo perguntar a si próprio e a nós: Se eu tivesse feito algo diferente, poderia ter salvo os meus soldados belgas quando estavam sob custódia da Guarda Presidencial Ruandesa? Deveria eu ter ignorado as ordens que recebi de Nova Iorque — ordens para não proteger os civis ruandeses e usar a força somente quando necessário? Fiz bem em remover as balas da minha pistola antes das minhas reuniões com os líderes da milícia *Interahamwe*, ou deveria ter cedido à compulsão de matar homens cuja as camisas estavam salpicadas de sangue ressequido? Eu, Romeo Dallaire, apertei as mãos do diabo? Uma década

inteira depois do genocídio, Dallaire ainda está à procura da orientação operacional e moral que nunca chegou.

O livro de Dallaire é importante. Outros relatos descrevem o horror daqueles dias, mas nunca ouvimos falar muito do homem que teve o privilégio — um privilégio que rapidamente se tornou uma maldição — de ser a quem foi confiado o futuro de Ruanda. Já lemos antes sobre as 2.500 tropas mal equipadas e heterogêneas que compunham a UNAMIR, a Missão da ONU de Assistência a Ruanda. Mas aqui Dallaire oferece inesquecíveis detalhes. Nós aprendemos sobre as tropas de Bangladesh, que estavam tão despreparadas para o combate que sabotaram deliberadamente seus veículos, colocando trapos nos canos de descarga para que não fossem capazes de funcionar quando fossem acionados, e lemos sobre um soldado ganês que estava tão nervoso que, quando Dallaire aproximou-se do seu posto de observação, sujou as calças.

Já sabemos que Dallaire e seus homens testemunharam os piores crimes da segunda metade do século XX, mas é bem diferente de ler sobre o Brent Beardsley, o ajudante de ordem e amigo, que descobriu os restos de um massacre na igreja de Gikondo e observou um bebê sobrevivente rastejar até a sua mãe morta numa tentativa de se alimentar do seu peito sem vida. Sabemos que muitos hutus continuaram com as suas rotinas diárias, mesmo quando cadáveres em decomposição estavam sendo carregados para caminhões para descarte em valas comuns. Dallaire descreve esses caminhões: "Sangue, escuro, semi-coagulado, gotejado como tinta grossa da parte de trás. Ele descreve o dia em que viu uma jovem hutu com um vestido claro e sandálias escorregar e cair em uma poça de sangue ao lado de um caminhão. Embora ela tenha se levantado imediatamente, ele escreve: "era como se alguém tivesse pintado o seu corpo e o seu vestido com um óleo vermelho escuro. Ela ficou histérica olhando para ele, e quanto mais ela gritava, mais atenção ela chamava."

Sabemos que os cidadãos das nações mais poderosas do mundo partiram de Ruanda quase tão logo após o início do genocídio, e aqui Dallaire nos mostra a atitude do embaixador americano, a quem ele respeitava, colocando sua última mala no veículo antes de partir. E nós compartilhamos a incredulidade de Dallaire quando a tropa de elite de paraquedistas franceses desembarcou em Ruanda, com dez semanas de genocídio, só para informar sem qualquer constrangimento que tinham vindo salvar os seus "velhos amigos" do governo genocida. Não é de admirar que, como unidade após unidade sob seu comando foi sendo removida, enquanto diplomatas em Nova Iorque questionavam sobre as configurações das forças sem lhe enviar qualquer reforço, ele substituiu, assim, o tradicional tratamento de "melhores cumprimentos"

no final de um dos seus comunicados para as forças de comando da ONU por: "Até esse ponto, considero muito difícil de expressar meus melhores cumprimentos."

Embora o Presidente Bill Clinton e outros líderes mundiais tivessem publicamente lamentado o fracasso deles em Ruanda, os desafios humanos das suas decisões, as suas não decisões e as suas decisões de não decidir são, por definição, abstratas. Uma vez que, o que eles se arrependem é o fato de não terem feito nada enquanto 800.000 pessoas eram assassinadas, eles não têm muito o que recordar. Em abril, maio e junho de 1994, eles estavam ocupados com outras coisas. Ao contrário de Dallaire, que vive assombrado por milhares de decisões momentâneas e que pensa não só nas "800.000 mortes", mas também nos outros indivíduos cujos destinos ele sente que determinou.

Todos nós fomos testados em Ruanda, mas a maioria não foi testada pessoalmente. Podemos nos perguntar, despretensiosamente, se teríamos reunido a coragem de arriscar as nossas vidas em nome dos estranhos que estavam sendo massacrados à nossa volta. Dallaire não teve esse luxo. Ele vive com as recordações, fatos e rostos — os fatos de suas decisões; os rostos daqueles que ele não podia, ou, durante a triagem, não salvou. Ele se lembra: "Foi aterrador e surreal falar com alguém, às vezes com alguém que você conhecia, ouvindo eles pedindo ajuda, e não podendo fazer nada além de tranquilizar que a ajuda estava a caminho e depois ouvir gritos, tiros e o silêncio da morte." Imagine escolher entre colocar o seu ajudante desarmado em risco ou ignorar os gritos dos civis que confiaram na bandeira azul-turquesa e branca das Nações Unidas. Ele nunca alegou os álibis que ofereceram conforto ao Presidente Clinton e aos outros estadistas. Ele é demasiado honesto para fingir que nada mais poderia ter sido feito.

Grande parte da culpa de Dallaire deriva da morte dos capacetes azuis sob o seu comando. Quando a RTLM, a estação de "rádio de ódio" de Ruanda, começou a emitir comandos para "Matar Dallaire", identificaram-no apenas como "o homem branco com bigode". Dallaire sabia que outros brancos na UNAMIR estariam vulneráveis, mas ele não podia dar-se ao luxo de protegê-los. Quando Dallaire perdia um soldado, ele se auto-criticava. Refletindo sobre a morte de um observador militar, ele escreve: "Até onde eu sei, a emboscada também foi resultado do meu julgamento. . . eu tinha concordado que a patrulha precisava ir. As UNMOs sofreram as consequências da minha má decisão operacional." Em um outro momento, ele observa, "Minhas decisões tiraram os filhos dos pais, os maridos das esposas, os pais dos filhos." A maioria das memórias da vida do autor é primorosa, o cálculo implacável do próprio Dallaire pode ser sem precedentes.

Dallaire não consegue escapar das memórias. Ele se lembra até de um rato que vagava à volta do complexo da ONU. Seus homens pensavam que a criatura era um terrier, de tão gordo que estava de se alimentar da carne de ruandeses mortos. Dallaire uma vez apanhou uma criança ruandesa que ele viu se debatendo, mas quando ele segurou aquele ser "formigando e mole" em seus braços, ele percebeu que aquele movimento foi causado por larvas que se banquetavam do juvenzinho morto. Ele se deparou com esqueletos esbranquiçados de mulheres que tinham sido violadas: "As pernas dobradas e separadas. Uma garrafa quebrada, um galho ressequido, até mesmo uma faca jogada ali." Como ele escreve: "É como se alguém tivesse fatiado o meu cérebro e enxertado esse horror chamado Ruanda, encharcado de sangue, diretamente no meu córtex."

Eu costumava me perguntar como que Dallaire, o homem que mais lutou durante o genocídio, podia sentir o pior. Mas isso não é um paradoxo. O homem que tentou fazer o máximo seria inevitavelmente o homem menos capaz de arranjar desculpas para si próprio, para os seus homens, para o seu país, ou o seu planeta. A única maneira pela qual uma ação arriscada é tomada em favor de um mero princípio é quando o sentimento — uma qualidade extremamente desacreditada nas forças armadas e na vida política — se sobrepõe perante razoáveis interesses próprios. Como Czeslaw Milosz escreveu em *A Captive Mind*, a ação moral "não procedeu do funcionamento da mente racional, mas de um estômago embrulhado." Dallaire é um homem que sentiu e continua a sentir. Ele é um dos muito poucos entre nós que se permitiu absorver a gravidade total do que permitimos que acontecesse em Ruanda. Quando o mal é libertado, o homem que deu o seu máximo vai sempre sentir o pior, assim como o homem que sente o pior é, muitas vezes, quem tem a melhor chance de fazer o máximo. Como Moshe, o bedel, Dallaire foi ridicularizado pela sua previsão e desconfiado pela sua emoção. Foi-lhe dito repetidamente, enquanto ele implorava por tropas, que ele estava observando a situação de uma forma simplista. Conforme passavam os dias, ele começou a ceder, a "habitar o horror". O genocídio diminuiu, e os estrangeiros começaram a inundar o país. Dallaire ficou cada vez mais amargo. "Talvez tenha sido as atitudes de alguns dos estrangeiros ou uma foto oportuna que tiravam de si mesmos ao lado de valas comuns", escreve ele, "ou a forma como eles foram capazes de passar por cima das valas sem parecer reparar que aquelas pessoas já tiveram nomes." Quando foi surpreendido pelas notícias da intervenção francesa, ameaçou abater os aviões franceses caso eles tentassem aterrissar em Kigali.

Nas reuniões, recorda, começou a esbravejar "como um general de desenhos animados". No Quartel-General em Kigali ele se sentia como se estivesse sufocando. Mesmo marcado para

morrer pelas milícias, ele preferia dirigir por Ruanda para atender chamadas de Nova Iorque ou cumprimentar VIPs que nada traziam além de exigências. Ele escreve que tinha desenvolvido um desejo de morrer. "Eu esperava atingir uma mina ou correr para uma emboscada e acabar com tudo", lembra-se. "Acho que uma parte de mim desejou se juntar às legiões de mortos, para quem eu senti que tinha falhado. Eu não podia encarar o fato de deixar Ruanda vivo, depois de tantas pessoas terem morrido."

No final do verão de 1994, Dallaire comprou algumas cabras. Ele se sentiu em paz alimentando e cuidando delas enquanto pastavam pelo complexo da ONU em Kigali. Um dia, uma matilha de cães selvagens infiltrou-se nas instalações e atacou suas cabras. Dallaire agarrou sua pistola, correu pelo estacionamento e esvaziou todo o pente na direção dos cães. Apesar de os tiros não acertarem os cães, Dallaire ficou satisfeito por ter salvo as suas cabras. A sua satisfação não durou muito. "Quando me virei para voltar para o meu escritório", escreve ele, "vi pelo menos cinquenta pares de olhos surpreendidos e preocupados olhando fixamente para mim." Ele percebeu as expressões nos olhos deles". "O General perdeu o juízo" — e percebeu que era hora de deixar Ruanda.

Quando ele chegou em casa, foram outros pares de olhos que lhe assombravam — os olhos dos seus dez companheiros belgas mortos, que ele tinha encontrado mutilados numa pilha no necrotério, e os olhos dos mais 800 mil ruandeses mortos. Em 1998, viajou para o Tribunal Penal Internacional para Ruanda em Arusha, Tanzânia, para que ele pudesse testemunhar contra os idealizadores do genocídio, e ele mergulhou de volta nas memórias. Em uma coletiva de imprensa depois do seu testemunho, Dallaire disse: "Achei muito difícil voltar aos detalhes ... na verdade, em um momento ontem, eu senti o cheiro do massacre no meu nariz e não sei como isso apareceu, mas de repente apareceu e tomou conta do meu cérebro e dos meus sentidos... talvez, com o tempo, vai doer menos". Não doeu menos.

Dallaire sofria de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), e se tornou um suicida. O sistema não o abraçou, nem a sua dor. Ele não tinha estado oficialmente em combate, só tinha sido um pacificador. Seus superiores pareciam não entender que ser espectador de um genocídio era tão traumatizante como qualquer combate tradicional. Na verdade, por causa do sentimento de impotência e culpa gerado por tais missões, as consequências podem ser ainda piores.

Dallaire mergulhou na terapia e começou a falar sobre a severidade do TEPT e a relutância das forças armadas em confrontar isso. Em um vídeo de trinta minutos para o exército

canadense chamado *Testemunha do Mal*, Dallaire descreveu o que tinha passado: "Tornei-me um suicida porque...não havia outra solução. Eu não conseguia viver com a dor, com os sons e com o cheiro. Às vezes, gostaria de ter perdido uma perna em vez de ter todas aquelas células cinzentas estragadas. Você perde uma perna, é óbvio e você recebe toda terapia e todo o tipo de recursos. Quando você perde sua sanidade é muito, muito difícil explicar, muito difícil de obter o apoio que se precisa."¹⁶

Dallaire carregava consigo um facão enquanto viajava e dava palestras sobre TEPT, mas não conseguia dormir, e às vezes se via quase vomitando no supermercado, quando a sua mente lhe transportava de volta para os mercados ruandeses e os corpos espalhados por eles. Em outubro de 1998, O Ministro do Estado-Maior do Canadá, General Maurice Baril, pediu a Dallaire para tirar um mês de licença por causa do stress. Dallaire estava despedaçado. Depois de desligar a chamada, ele diz: "Chorei durante dias e dias." Ele tentou se manter firme em público e enviou um e-mail de despedida para os seus subordinados que dizia: "Foi considerado essencial que eu recarregasse minhas baterias devido a uma série de fatores, sendo o menor deles o impacto daquela experiência na minha saúde.... não recuem, não se rendam, não desistam".¹⁷

Dallaire voltou da licença, mas em dezembro de 1999 Baril ligou novamente. Ele tinha falado com os médicos de Dallaire e decidiu forçar uma mudança como um ultimato: Ou Dallaire abandonava o "assunto Ruanda" e parava de testemunhar no tribunal e de culpar publicamente a comunidade internacional por não fazer mais, ou ele teria que ir embora do seu amado exército. Para Dallaire, apenas uma resposta era possível: "Eu disse que nunca desistiria de Ruanda", diz ele. "Eu era o comandante da força de paz e completaria o meu dever, testemunhando e fazendo o que fosse possível para levar esses sujeitos à justiça." Em abril de 2000, Dallaire foi forçado a sair das forças armadas canadenses e recebeu alta médica. Dallaire sempre disse: "O dia em que eu tirar meu uniforme será o dia em que também vou ao encontro de minha alma." Mas desde que se tornou um civil, ele percebeu que a sua alma não é fácil de

¹⁶ Mike Blanchefield, "General Battles Rwanda 'Demons': Depois de testemunhar as atrocidades do genocídio, Romeo Dallaire teve que enfrentar as críticas do Governo Belga," *Ottawa Citizen*, December 13, 1998, p. A3.

¹⁷ Lucas Fisher, "Sitiado pelo Estresse: Os horrores de Ruanda assombram um General," *Macleans*, 12 de outubro de 1998, p. 24.

se recuperar. "Minha alma está em Ruanda," diz ele. "Nunca, mas nunca mais voltou, e não tenho a certeza se algum dia voltará".

Escrever este livro ajudou Dallaire. Ele o chama de "uma história de traição, fracasso, ingenuidade, indiferença, ódio, genocídio, guerra, desumanidade e maldade." É a história de um soldado e a história de uma testemunha. Regressando para aqueles dias sombrios, Dallaire não respondeu às perguntas incômodas, mas as revelou. As suas perguntas tornaram-se as nossas perguntas. Dallaire também sentiu um certo alívio quando em uma segunda viagem de volta ao tribunal da ONU em Arusha, em janeiro de 2004, ele teve a oportunidade de testemunhar contra o Coronel Theoneste Bagosora por liderar o genocídio. "Eu sei que não se pode procurar um desfecho após o genocídio". Dallaire disse-me, "mas ver Bagosora algemado foi o mais perto que pude alguma vez conseguir." Antes do genocídio, Dallaire tinha avisado os seus superiores que o extermínio era iminente, e durante o genocídio, ele tinha advertido os perpetradores que eles seriam punidos. Tendo sido comprovada devastadoramente a profecia sobre a ocorrência do genocídio, traz um pouco de consolo o fato de que alguns dos assassinos acabaram, de fato, atrás das grades.

Há pessoas em altos postos em todo o mundo que prefeririam que Dallaire parasse de lhes lembrar sobre Ruanda. Querem que ele entere suas memórias com os ruandeses mortos. Mas Dallaire se recusa a ir embora. Ele está testemunhando em nome dos ruandeses perdidos, mas também em nome daqueles que ele nunca conheceu — aqueles em lugares como Darfur, Sudão, que estão vivos hoje, mas que podem estar mortos amanhã. O pai e o sogro de Dallaire ajudaram a libertar a Europa ocupada pelo nazismo e ele cresceu com o Holocausto — e o massacre de seis milhões de Judeus como sua referência do mal. Agora que o General Dallaire fez tanto para chamar a atenção para o genocídio ruandês, que os estadistas resolveram novamente "nunca mais" permitir "tal crime", ele teme que Ruanda possa se tornar uma nova referência — uma base para adiar uma ação até que o número de mortos atinja os 800.000.

Dallaire não é ingênuo. Ele sabe que os Estados perseguem os seus interesses e raramente se esforçam em nome de estranhos. Mas só porque ele entende que a intervenção é improvável, não significa que ele aceite a indiferença dos seus pares. No que diz respeito a Darfur, ele tem criticado com veemência os governos pelo "escândalo" de suas respostas "fracas e vagas". O mesmo governo dos EUA que resistiu ao uso da "palavra G" em Ruanda está usando o termo em relação a Darfur. Mas Dallaire exige ações concretas. Usando a palavra, ele diz, "não é nada mais do que semântica política". Eles estão usando o termo "quase de forma

irreverente", diz ele, enquanto não fazem "absolutamente nada em relação à condução de uma operação para parar o genocídio."

O livro de Dallaire oferece um registo de fragilidade humana e de selvageria. Ele também é um testemunho de coragem — coragem sob fogo, e a coragem de não se furtar a refletir. Dallaire nunca quis se tornar uma testemunha ou um incomodo para os governos. E nunca esperou se tornar um autor. Mas ele o fez e, com suas ações e agora suas palavras, nos ofereceu um modelo para o futuro — e um *slogan*: "Onde há vontade, há um caminho. Vamos!"

Samantha Power

Winthrop, Massachusetts

26 de setembro de 2004

Prefácio

Este livro já devia ter sido escrito há muito tempo, e lamento sinceramente não o ter escrito mais cedo. Quando voltei de Ruanda, em setembro de 1994, amigos, colegas e familiares me encorajaram a escrever sobre a missão enquanto ainda estava fresca em minha mente. Livros estavam começando a chegar às prateleiras, alegando contar toda a história do que aconteceu em Ruanda, mas não o faziam de forma fidedigna. Embora bem pesquisados e bastante precisos, nenhum deles parecia ter acertado a história. Eu tive a oportunidade de ajudar muitos dos autores, mas sempre parecia haver algo faltando no produto final. Os sons, cheiros, pilhagens, as cenas de atos desumanos estavam em grande parte ausentes. Todavia, eu não podia preencher aquele vácuo e escrever o relato que faltava; eu estive muito doente durante anos, enojado, horrorizado e temeroso, e arranjei desculpas para não assumir a tarefa.

A camuflagem fazia parte do meu dia a dia e nela tornei-me um especialista. Semana após semana, eu aceitei todos os convites para falar sobre o assunto; procrastinar não me ajudou a escapar, mas me empurrou para dentro do labirinto de sentimentos e memórias do genocídio. Então começaram os processos formais. O exército belga decidiu levar o Coronel Luc Marchal à corte marcial, um dos meus colegas mais próximos em Ruanda. Seu país estava procurando alguém para culpar pela perda de dez soldados belgas, mortos em serviço nas primeiras horas do massacre. Seus superiores estavam dispostos a sacrificar um dos seus, um soldado corajoso,

para chegar até mim. O Governo belga tinha decidido que eu era o verdadeiro culpado ou, pelo menos, cúmplice da morte dos seus soldados da força de paz. Um relatório do Senado Belga reforçou a ideia de que eu nunca deveria ter permitido que os seus soldados fossem colocados numa posição em que tivessem de se defender — apesar da nossa responsabilidade moral para com os ruandeses e a missão. Durante algum tempo, tornei-me o bode expiatório conveniente para tudo de mal que tinha ocorrido em Ruanda.

Eu usei o trabalho como um analgésico para a culpa que estava vindo na minha direção e para aliviar a minha própria culpa sobre os fracassos da missão. Quando eu estava reestruturando o exército, comandando uma divisão canadense ou área da Força Terrestre do Quebec, desenvolvendo o programa de qualidade de vida para as Forças Canadenses ou trabalhando para reformar o corpo de oficiais, aceitava todas as tarefas e trabalhava duro e insensatamente, de tal forma que que, em setembro de 1998, quatro anos depois de chegar em casa, minha mente e meu corpo decidiram desistir. O golpe final foi minha viagem de volta à África no início daquele ano para testemunhar no Tribunal Penal Internacional para Ruanda. As memórias, os cheiros e o sentido do mal voltaram com tudo. No período de um ano e meio, recebi uma licença médica do exército. Eu estava sofrendo, como muitos dos soldados que tinham servido comigo em Ruanda, de um mal chamado transtorno de estresse pós-traumático. Com a aposentadoria veio o tempo e a oportunidade de pensar, falar e possivelmente até escrever. A ideia de escrever o meu depoimento voltou a minha mente, mas ainda adiei.

Desde o meu regresso de Ruanda, em 1994, mantive-me em contato com o Major Brent Beardsley, que tinha servido como o primeiro membro da minha missão e tinha estado comigo desde o Verão de 1993, até que foi medicamente evacuado de Kigali, no último dia de abril de 1994. O Major Brent aproveitou todas as oportunidades para me pressionar a escrever o livro. Ele finalmente me convenceu de que, se eu não colocasse minha história no papel, nossos filhos e netos nunca saberiam realmente do nosso papel e da nossa passagem pela catástrofe ruandesa. Como é que eles saberiam o que fizemos e, especialmente, porque o fizemos? Quem foram os outros envolvidos e o que fizeram ou não fizeram? Ele disse que também tínhamos uma obrigação para com os futuros soldados em situações semelhantes, que poderiam achar até mesmo um pouco da nossa experiência valiosa para a realização de suas missões. Brent colaborou em todas as etapas da redação deste livro. Agradeço-lhe o seu estímulo e o seu apoio. Agradeço também a sua esposa, Margaret, e aos seus filhos, Jessica, Joshua e Jackson, por abrir mão de sua companhia e tê-lo me emprestado para a pesquisa inicial e redação, como também para revisões e, mais recentemente, pelo seu trabalho para me ajudar a terminar o manuscrito.

Brent foi o catalisador, o disciplinador e o escriba mais prolífico; ele se comprometeu dia após dia com o trabalho para que eu pudesse completar este projeto. Mesmo em períodos de enorme sofrimento pelos efeitos debilitantes do excesso de trabalho, falta de sono e sua própria aflição com o transtorno de estresse pós-traumático, Brent sempre foi muito além do esforço exigido dele. Ele se tornou minha alma gêmea para todas as coisas ruandesas; ele fornece o segundo pensamento sóbrio e voz aos meus esforços em torno do desastre ruandês. A sua vontade de ser testemunha da acusação no interminável Tribunal Penal Internacional para Ruanda e o seu apoio ao meu próprio envolvimento consolidaram as nossas vidas em conjunto, na melhor tradição dos ex-guerreiros que regressam da frente de batalha. Ele me salvou de mim mesmo e devo a minha vida, bem como as entranhas deste livro, em parte, a ele.

Eu sou especialmente grato à Random House Canada por ter se arriscado com um não — autor e um veterano doente. Sou grato por sua compreensão, seu encorajamento e seu apoio. Um agradecimento muito especial à minha editora e amiga, Anne Collins. Sem o seu conselho, encorajamento e disciplina, este projeto poderia não ter sido completado. Ela continuou me dizendo que este livro deveria ser escrito e que ele seria escrito. Durante muitos meses não fiz o esforço necessário, mas ela manteve-se firme, mostrou preocupação genuína por mim e provou ser a pessoa mais paciente de todos nós. Ela é uma senhora que se arrisca, e eu admiro a sua coragem e determinação. Gostaria também de agradecer ao meu agente, Bruce Westwood, pela sua crença de que em algum lugar em mim, encontraríamos o homem que poderia escrever esta história. Ele manteve um olhar amigável em mim e me encorajou a cada passo do caminho. Ele se tornou um colega próximo, e eu respeito suas habilidades e experiência no complexo mundo da publicação.

Eu reuni uma equipe *ad hoc* para este projeto, que trabalhou em conjunto, de forma magnífica, com respeito mútuo e cooperação. O major James McKay, um pesquisador de longa data para meus esforços com o tribunal e em matérias da resolução de conflito, era minha pessoa dos "futuros". Eu lhe agradeço pelo apoio. A tenente-comandante Françoise Allard, uma pesquisadora obstinada e "guardiã dos documentos", trabalhou para mim enquanto eu ainda estava servindo nas forças canadenses. Fluente e articulada em seis línguas, estava comprometida com este livro e era muito querida da equipe. Um agradecimento especial se deve também para o Major (aposentado) Phil Lancaster, que substituiu Brent em Ruanda como meu assistente militar, durante os meus últimos meses na missão. Ele me ajudou a redigir os capítulos sobre a guerra e o genocídio. Soldado, doutor em filosofia e humanitário compassivo, Phil tem trabalhado com crianças afetadas pela guerra na região dos Grandes Lagos de África

quase que de forma ininterrupta, desde que se reformou. Ele permaneceu em Ruanda, e eu o admiro, como também o trabalho que realiza.

O Dr. Serge Bernier, Diretor de História e Patrimônio da Sede da Defesa Nacional Canadense e meu colega de turma dos dias de cadete, ofereceu um encorajamento muito pessoal e um contato constante durante todo o projeto. Ele revisou a versão francesa e também forneceu recursos e apoio para a história oficial da missão, conforme relatado por mim ao Dr. Jacques Castonguay. Ele continua sendo uma voz de estabilidade em minha vida.

Além disso, houve muitos agregados, amigos, colegas e até mesmo estranhos que me encorajaram ao longo da escrita deste livro. Eu precisava desse encorajamento, muitas vezes muito oportuno, e serei eternamente grato.

Em Ruanda hoje há milhões de pessoas que ainda se perguntam por que a Missão de Assistência das Nações Unidas para Ruanda (UNAMIR), as Nações Unidas (ONU) e a comunidade internacional permitiram que este desastre acontecesse. Não tenho todas as respostas, nem mesmo a maioria delas. O que tenho para oferecer aos sobreviventes e às futuras gerações de Ruanda é a minha melhor história, tanto quanto me lembro dela. Guardei notas diárias de minhas atividades, reuniões, comentários e reflexões, mas houve muitos dias, particularmente nos estágios iniciais do genocídio, em que eu não tinha tempo, vontade ou ânimo para registrar os detalhes. Este relato é a minha melhor recordação dos acontecimentos tal como os vi. Verifiquei a minha memória com base no registo escrito que sobrevive, em *code cables*¹⁸, documentos da ONU e os meus documentos, que me foram disponibilizados pelas forças canadenses. Se houver algum erro na grafia dos nomes, lugares ou pessoas, ou datas erradas, peço desculpas ao leitor. Continuo a ser plenamente responsável por todas as decisões e ações que tomei como Chefe de Missão e Comandante da UNAMIR.

Minha mulher, Elizabeth, contribuiu com mais do que eu posso retribuir. Beth, obrigada pelos dias, semanas, meses e anos em que eu estive ausente e você manteve a casa e a família unidas, estando eu em missão ao redor do mundo, em casa na minha bolha de vício em trabalho, ou nos quarenta anos de serviço, acordando você e todo mundo nas vilas militares com o ruído das nossas armas. Obrigado por seu apoio durante essa última missão, que tem sido um dos

¹⁸ Code Cable - um sistema de letras ou símbolos e regras de associação através das quais as informações possam ser representadas ou comunicadas por razões de sigilo, brevidade, etc. Tipo de comunicação usada via Fax entre a sede da ONU em Nova Iorque e o Quartel General da UNAMIR em Kigali – Ruanda.

esforços mais difíceis e complexos da minha vida. Agradeço aos meus filhos, Willem, Catherine e Guy, que cresceram sem um pai presente, mas que sempre foram o orgulho da minha vida, o verdadeiro teste da minha coragem, e que continuam a conquistar seus próprios espaços no mundo. Sejam vocês mesmos e agradeçam a sua mãe. Uma das razões pelas quais escrevi este livro foi para vocês, minha família, para que nestas páginas vocês possam encontrar algum consolo para o preço que minha experiência em Ruanda exigiu, e continua a exigir, de vocês – muito além do dever ou "para o bem ou para o mal". Eu não sou mais aquele homem que partiu para a África há dez anos, mas todos vocês se dedicaram a esse velho soldado, mesmo quando foram abandonados pelos militares e pela comunidade militar nas horas mais negras do genocídio. Assistiram em primeira mão o que acontece aos cônjuges e às famílias dos membros da Força de Paz. Sou eternamente grato por me terem aberto tão claramente os olhos para a difícil situação das famílias de uma nova geração de veteranos. Foram vocês que realmente contribuíram para o programa Iniciativa de Qualidade de Vida das Forças Canadenses.

Eu dediquei este livro a quatro grupos diferentes de pessoas. Em primeiro lugar, aos 800.000 ruandeses que morreram e aos milhões de outros que foram feridos, deslocados ou refugiados no genocídio. Rezo para que este livro aumente a riqueza crescente de informações que possam expor e ajudar a erradicar o genocídio no século XXI. Que este livro ajude a inspirar as pessoas ao redor do mundo a se levantarem acima do interesse nacional e do interesse próprio de reconhecer a humanidade pelo que ela realmente é: um grupo complexo de seres humanos que, em sua essência, são iguais.

Este livro é também dedicado aos catorze soldados que morreram sob o meu comando a serviço da Força de Paz em Ruanda. A exigência mais árdua para um comandante é enviar homens para tarefas que possam tirar suas vidas e, no dia seguinte, enviar outros para enfrentar possíveis destinos semelhantes. Perder um soldado é também a lembrança mais difícil de se viver. Tais decisões e ações são a responsabilidade principal do comando. Às famílias daqueles soldados corajosos, bravos e dedicados, ofereço este livro como explicação. Quando o resto do mundo falhou em oferecer esperança, seus entes queridos serviram com honra, dignidade e lealdade, e pagaram por seu serviço com suas vidas. Este livro é também dedicado a Sian Cansfield. Sian foi a autora que trabalhou nesse livro como uma sombra, mas não viveu para ver o seu término. Durante quase dois anos, ela mergulhou em tudo sobre Ruanda. Sua memória misteriosa era um dom de pesquisadora. Eu desfrutei do seu brilho, do seu entusiasmo, do seu amor por Ruanda e pelo seu povo, que ela veio a conhecer no campo alguns anos depois da guerra. Sua agressividade jornalística para chegar à verdade combinada com sua energia e seu

zelo para evocar o âmago da história lhe valeu o título de "sargento-mor regimental" de nossa equipe. Trabalhamos bem juntos e desfrutamos de muitas risadas e muitas lágrimas enquanto eu contava centenas de incidentes e experiências trágicas, revoltantes, repugnantes e dolorosas. Nas últimas etapas da elaboração do livro, percebi que ela estava cansada, pois o conteúdo e a carga de trabalho consumiam seu senso de humor e objetividade. Mandei-a sair durante um longo fim-de-semana para descansar, dormir, comer e recarregar as baterias, como tantas vezes fiz com oficiais ou soldados que apresentavam os mesmos sintomas. Na manhã seguinte à sua partida para o fim-de-semana, recebi a notícia de que ela tinha se suicidado. A morte de Sian me atingiu com uma dor que eu não sentia desde Ruanda. Parecia-me que a missão da UNAMIR ainda estava matando pessoas inocentes. Na semana seguinte, juntei-me à sua família para assistir ao seu funeral e chorei a sua morte. A sensação de finitude e o choque causado pela sua morte deram vida aos espíritos que me assombram desde 1994. Eu queria cancelar o projeto e deixar minha história morrer comigo. Encorajado pela família dela e pela minha, especialmente por Beth, pelo resto da equipe e muitos amigos, percebi que o melhor tributo que poderia prestar a Sian era terminar o livro e contar a história de como o mundo abandonou milhões de ruandeses e sua pequena Força de Paz. Sian, muito deste livro é dedicado a você; seu espírito vive comigo como se você fosse outro veterano de Ruanda. Que você agora encontre a paz na morte que você tanto iludiu em vida.

O quarto grupo a quem este livro é dedicado compreende as famílias daqueles que servem a nação em casa e em terras distantes. Não há nada de normal em ser cônjuge ou filho de um soldado, marinheiro ou aviador das Forças Canadenses. Há tempos muito bons e emocionantes e há também tempos difíceis e exigentes. No passado, este modo de vida era muito rico e valia a pena. Mas, desde o fim da Guerra Fria, a natureza, o ritmo e a complexidade das missões em que o nosso governo enviou membros das forças canadenses causaram um número significativo de baixas nos casamentos. As exigências de paternidade unilateral, solidão e fadiga, e o impacto visual e sonoro das notícias durante quatro horas de reportagens das zonas de conflito para onde foram enviados entes queridos criam níveis de estresse nas famílias de nossos soldados de paz que simplesmente são fora da realidade. Nossas famílias vivem as missões conosco e sofrem traumas semelhantes, antes, durante e depois. Nossas famílias estão de forma intrincada ligadas às nossas missões, e devem ser apoiadas em conformidade. Até há poucos anos, a qualidade de vida dos nossos membros e das suas famílias era lamentavelmente inadequadas. Foram necessários quase nove anos de sofrimento para que o governo começasse a assumir as suas responsabilidades a esse respeito. Testemunhando a profunda emoção e a

genuína empatia dos canadenses por nossos soldados que foram feridos ou mortos no Afeganistão, estou otimista de que a nação como um todo irá finalmente e plenamente aceitar sua responsabilidade por esses jovens e leais veteranos e suas famílias. Rezo para que este livro ajude os canadenses a compreenderem o dever que eles e a nação têm para com os soldados que nos servem e para com as suas famílias.

A seguir, conto a minha história do que aconteceu em Ruanda em 1994. É uma história de traição, fracasso, ingenuidade, indiferença, ódio, genocídio, guerra, desumanidade e maldade. Apesar de terem sido construídas relações fortes e de ter sido frequentemente demonstrado um comportamento moral, ético e corajoso, elas foram ofuscadas por um dos genocídios mais rápidos, mais eficientes e mais evidentes da história recente. Em apenas cem dias, mais de 800.000 homens, mulheres e crianças ruandesas inocentes foram brutalmente assassinadas, enquanto o mundo desenvolvido, impassível e aparentemente imperturbável, sentou-se e assistiu ao desenrolar do apocalipse ou simplesmente mudou de canal. Quase cinquenta anos após o dia em que meu pai e meu sogro ajudaram a libertar a Europa — quando os campos de extermínio foram descobertos e quando, em uma só voz, a humanidade disse: "Nunca mais" — nós mais uma vez nos sentamos e permitimos que esse horror indescritível acontecesse. Não conseguimos encontrar a vontade política nem os recursos para impedir. Desde então, muito foi escrito, discutido, debatido, argumentado e filmado sobre o Ruanda, mas tenho a impressão que esta recente catástrofe está sendo esquecida e suas lições submersas em ignorância e apatia. O genocídio em Ruanda foi um fracasso da humanidade que poderia facilmente acontecer novamente.

Depois de uma de minhas muitas apresentações após o meu retorno de Ruanda, um padre das Forças Canadenses me perguntou como, por conta de tudo que eu tinha visto e experimentado, eu ainda podia acreditar em Deus. Eu respondi que sei que existe um Deus porque em Ruanda eu apertei as mãos do diabo. Eu o vi, senti o seu cheiro e o toquei. Eu sei que o Demônio existe e por isso sei que existe um Deus. *Peux ce que veux. Allons-y.* (Querer é poder! Vamos lá!)

General Romeo Dallaire

Júlio de 2003

Introdução

Foi um dia absolutamente magnífico em maio de 1994. O céu azul estava sem nuvens, e havia um cheiro de brisa agitando as árvores. Era difícil acreditar que nas últimas semanas um mal inimaginável tivesse transformado os vales verdes e suaves de Ruanda e as montanhas cobertas de neblina em um pesadelo fedorento de cadáveres apodrecendo. Um pesadelo que todos nós tínhamos que negociar todos os dias. Um pesadelo pelo qual, como comandante da força de manutenção da paz da ONU em Ruanda, não pude deixar de me sentir profundamente responsável.

Em termos relativos, esse dia foi um bom dia. Sob a proteção de um limitado e frágil cessar-fogo, as minhas tropas tinham escoltado com êxito cerca de duzentos civis — alguns dos milhares que tinham procurado refúgio conosco em Kigali, a capital de Ruanda — passando por muitos postos de controle hostis, monitorados pelo governo e por milícias, para chegarem em segurança atrás das linhas da Frente Patriótica Ruandesa (RPF)¹⁹. Estávamos há sete semanas no genocídio, e o RPF, o disciplinado exército rebelde (composto principalmente pelos filhos de refugiados ruandeses que viveram além da fronteira em campos em Uganda, desde que foram forçados a sair de sua terra natal após a independência), estava fazendo uma varredura em curva, vindo do Norte do país em direção a Kigali, somando a guerra civil ao caos e à carnificina já existente no país.

Tendo entregado nossa preciosa carga de almas inocentes, voltamos para Kigali em um cruzador terrestre branco da ONU com a flâmula de comandante da força no capô da frente e a bandeira azul da ONU em uma haste presa na traseira direita. Meu atirador ganense, armado com um novo rifle canadense C-7, logo atrás de mim, e meu novo ajudante de ordem senegalês, o Capitão Ndiaye, sentado à minha direita. Estávamos dirigindo em um trecho de estrada particularmente perigoso, aberto ao fogo dos franco-atiradores. A maioria das pessoas nas

¹⁹ Frente Patriótica Ruandesa (RPF, na sigla em inglês) - RPF é o partido político no poder atualmente em Ruanda. Liderado pelo presidente Paul Kagame, o partido governa o país desde que seu braço armado pôs fim ao genocídio de Ruanda em 1994.

aldeias vizinhas tinha sido massacrada, os poucos sobreviventes escaparam com pouco mais do que as roupas do corpo. Em poucas semanas, tornou-se um lugar solitário e abandonado.

De repente, à nossa frente, vimos uma criança a vaguear pela estrada. Eu parei o veículo perto do menino, preocupado em assustá-lo, mas ele estava bem despreocupado. Ele tinha cerca de três anos de idade, vestido com uma camiseta suja e rasgada, os restos do que seria uma cuequinha caindo logo abaixo da barriguinha lisa. Ele estava coberto de sujeira, seu cabelo branco e fosco de poeira, e estava envolto em uma nuvem de moscas, que avidamente atacavam as feridas abertas que cobriam seu corpo. Ele nos olhou fixamente, chupando o que eu percebi ser uma barrinha proteica. Onde aquele menino tinha encontrado comida naquele caos?

Saí do veículo e dirigi-me a ele. Talvez fosse a condição em que eu estava, mas para mim essa criança tinha o rosto de um anjo e olhos de pura inocência. Eu tinha visto tantas crianças cortadas em pedaços que esse garoto pequeno, inteiro e desnordeado era uma visão de esperança. Certamente ele não poderia ter sobrevivido sozinho. Eu fiz sinal para que o meu ajudante de ordem buzinasse, esperando chamar a atenção de seus pais, mas o som ecoou sobre a paisagem vazia, somente assustando alguns pássaros. O menino ficou paralisado. Ele não falou ou chorou, apenas ficou chupando a barrinha e nos encarando com seus olhos enormes e tristes. Ainda com a esperança de que ele não estivesse sozinho, mandei meu auxiliar de campo e o atirador procurar sinais de vida.

Estávamos em um vale exuberante com bananeiras e moitas de bambu, o que criava uma densa copa de folhagem. Havia uma longa extensão de barracos desertos em ambos os lados da estrada. Enquanto eu estava ali em pé com o menino, eu senti um frio na barriga: este seria um lugar perfeito para uma emboscada. Meus colegas voltaram, não haviam encontrado ninguém. Então um barulho no matagal nos fez pular. Agarrei o menino e o segurei firmemente ao meu lado, enquanto instintivamente tomávamos posição defensiva ao redor do veículo e no barranco. Os arbustos se separaram para revelar um soldado RPF bem armado com cerca de quinze anos de idade. Ele reconheceu meu uniforme e me fez uma breve saudação e se apresentou. Ele fazia parte de um posto de observação avançada nas colinas próximas. Perguntei-lhe se sabia quem era o menino e se havia alguém vivo na aldeia que pudesse cuidar dele. O soldado respondeu que o menino não tinha nome nem família, mas que ele e seus amigos estavam cuidando dele. Isso explicou a barrinha, mas não me tranquilizou sobre sua segurança e saúde. Protestei que a criança precisava de cuidados adequados e que eu podia dar-lhe: estávamos protegendo e dando suporte a orfanatos em Kigali, onde ele ficaria muito melhor. O soldado insistiu calmamente para que o menino ficasse onde estava, entre o seu próprio povo.

Eu continuei a argumentar, mas o menino-soldado não estava com disposição para discutir a situação e com uma atitude arrogante declarou que sua unidade iria cuidar e prover para a criança. Eu pude sentir meu rosto corar de raiva e frustração, mas então percebi que o garoto havia escapado enquanto estávamos discutindo sobre ele, e só Deus sabia para onde ele tinha ido. Meu ajudante de ordem o viu na entrada de um barraco, a uma curta distância, escalando um tronco que havia caído pela porta. Corri atrás dele, seguido de perto pelo meu ajudante de ordem e o menino-soldado da RPF. Assim que consegui alcançar o menino, ele desapareceu dentro de um barraco. O tronco na entrada da porta era, na verdade, o corpo de um homem, obviamente morto por algumas semanas, sua carne podre coberta de larvas e começando a cair dos ossos.

Enquanto eu tropeçava no corpo e caía dentro do barraco, um enxame de moscas invadiu meu nariz e minha boca. Estava tão escuro lá dentro que a princípio eu senti o cheiro ao invés de ver o horror que estava diante de mim. O barraco tinha dois cômodos, um servindo como cozinha e sala de estar e o outro como um quarto comum; com duas janelas mal cortadas em paredes de taipa. Pouquíssima luz penetrava na escuridão, mas quando meus olhos se acostumaram com aquele escuro, eu vi espalhados ao redor da sala de estar em um círculo disforme de corpos deteriorados de um homem, uma mulher e duas crianças, um osso completamente branco sobressaindo por uma camada ressequida, um tipo de couro que uma vez já foi pele. O garotinho estava agachado ao lado do que restava da mãe, ainda chupando sua barrinha. Dirigi-me a ele com a maior calma possível e, levantando-o nos meus braços, levei-o para fora do barraco.

O calor de seu pequeno corpo aconchegado ao meu me encheu de paz e serenidade que me elevou acima do caos. Aquela criança estava viva, mas com uma fome terrível, linda, mas coberta de sujeira, desnutrida, mas não temerosa. Eu tomei uma decisão: aquele menino seria o quarto filho da família Dallaire. Poderia não salvar Ruanda, mas salvaria aquela criança.

Antes de ter aquele menino nos meus braços, eu tinha entrado em acordo com os colaboradores da ajuda humanitária e com os representantes de ambos os exércitos em guerra que eu não permitiria qualquer exportação de órfãos ruandeses para lugares estrangeiros. Quando confrontado com tais pedidos de organizações humanitárias, eu argumentaria que o dinheiro para mover uma centena de crianças de avião para a França ou Bélgica poderia ajudar a construir, contratar funcionários e sustentar orfanatos ruandeses que poderiam abrigar três mil crianças. Aquele menino erradicou todos os meus argumentos. Eu podia me imaginar chegando

ao terminal de Montreal como se fora um São Cristóvão, com o menino embalado em meus braços, e minha esposa, Beth, pronta para acolhê-lo.

Esse sonho foi abruptamente destruído quando o jovem soldado, rápido como um lobo, arrancou a criança dos meus braços e a levou diretamente para o mato. Sem saber quantos membros de sua unidade já tinham suas armas apontadas para nós, relutantemente subimos de volta para o Land Cruiser. Fui embora lentamente, muita coisa passava por minha mente.

Ao me retirar, eu tinha, sem dúvida, feito a coisa certa: eu tinha evitado arriscar a vida dos meus dois soldados no que teria sido uma luta infrutífera por aquele menininho. Mas, naquele momento, pareceu-me que eu tinha desistido de algo que considerava certo, que aquele fracasso representava todos os nossos fracassos em Ruanda.

O que aconteceu àquela linda criança? Ele conseguiu chegar a um orfanato atrás das linhas do RPF? Ele sobreviveu às batalhas seguintes? Ele está morto ou ele se tornou um menino-soldado, apanhado em um conflito aparentemente interminável que atormentava sua pátria?

Aquele momento, quando o menino, nos braços de um jovem soldado com idade suficiente para ser seu irmão, foi engolido inteiro pela floresta, me assombrou. É uma lembrança que não me sai da memória. Como fomos ineficazes e irresponsáveis quando prometemos aos Ruandeses que iríamos estabelecer uma atmosfera de segurança que lhes permitisse alcançar uma paz duradoura. Já passaram quase nove anos desde que deixei Ruanda, mas enquanto escrevo isto, os sons, cheiros e cores voltam a me inundar com clareza digital. É como se alguém tivesse fatiado o meu cérebro e enxertado no meu córtex este horror chamado Ruanda encharcando de sangue fatia por fatia. Eu não poderia esquecer, mesmo que eu quisesse. Por muitos desses anos, eu desejei voltar para Ruanda e desaparecer nas colinas verdes-azuladas com meus fantasmas. Um simples peregrino em busca de perdão. Mas agora que eu lentamente começo a recompor minha vida, sei que chegou a hora de fazer a mais difícil peregrinação: viajar de volta através de todas aquelas memórias terríveis e recuperar minha alma.

Tentei escrever esta história pouco tempo depois de ter regressado de Ruanda, em setembro de 1994, na esperança de encontrar algum alívio na determinação de como eu, no meu papel como Comandante da Força da UNAMIR, me relacionava com a apatia internacional, as complexas manobras políticas, o poço profundo de ódio e barbárie que resultou num genocídio em que mais de 800.000 pessoas perderam a vida. Em vez disso, mergulhei numa desastrosa espiral de problemas de saúde mental que me levou a tentativas de suicídio, a uma licença

médica das Forças Armadas, ao diagnóstico de transtorno de estresse pós-traumático e a dezenas e dezenas de sessões de terapia e medicação extensiva, que ainda têm lugar na minha vida cotidiana.

Levei sete anos para finalmente ter a coragem, a força de vontade e a resistência para começar a descrever em detalhes os eventos daquele ano em Ruanda. Para contar, do meu ponto de vista interno, como um país passou da promessa de uma certa paz para a intriga, o fomento do ódio racial, assassinatos, guerra civil e genocídio. E como a comunidade internacional, por meio de um mandato inepto da ONU e do que só pode ser descrito como indiferença, interesse próprio e racismo, ajudou e incentivou esses crimes contra a humanidade — como todos nós ajudamos a criar a confusão que assassinou e deslocou milhões de pessoas e desestabilizou toda a região da África Central.

Uma crescente bibliografia explora os trágicos acontecimentos em Ruanda sob muitos ângulos: relatos de testemunhas oculares, análises da mídia, ataques às ações da administração americana na época, condenações à aparente inépcia da ONU. Mas mesmo nos inquéritos internacionais e nacionais constituídos na sequência do genocídio, a culpa de alguma forma escapou às nações membros da ONU e, em particular, aos países influentes com representantes permanentes no Conselho de Segurança, como os Estados Unidos, a França e o Reino Unido, que se sentaram e assistiram a tudo isto, que retiraram as suas tropas ou não ofereceram tropas. Alguns oficiais belgas foram submetidos ao tribunal para pagar pelos pecados de Ruanda. Quando o meu comandante de setor em Kigali, o Coronel Luc Marchal, foi levado ao tribunal marcial em Bruxelas, as acusações contra ele foram claramente concebidas para desviar qualquer responsabilidade do governo belga pela morte dos dez soldados belgas da força de manutenção da paz sob o meu comando. O juiz acabou por rejeitar todas as acusações, aceitando o fato de Marchal ter desempenhado magnificamente as suas funções numa missão quase impossível. Mas os holofotes nunca se voltaram para as razões pelas quais ele e o resto da força da UNAMIR se encontravam numa situação tão perigosa.

É tempo de contar a história de onde estive, literalmente, no meio da matança durante semanas a fio. Um relato público de minhas ações, minhas decisões e meus fracassos durante aquele ano terrível pode ser um elo perdido crucial para aqueles que tentam entender a tragédia tanto intelectual quanto em seus corações. Sei que nunca terminarei o meu luto por todos os ruandeses que depositaram a sua fé em nós, que pensavam que a força de manutenção de paz da ONU estava lá para acabar com o extremismo, para acabar com os assassinatos e para ajudar na perigosa jornada para uma paz duradoura. Naquela missão, a UNAMIR falhou. Conheço

bem de perto o custo, em vidas humanas, do inflexível mandato do Conselho de Segurança da ONU, da gestão financeira da missão, da burocracia da ONU, das manipulações políticas e das minhas próprias limitações pessoais. O que eu cheguei a perceber como a raiz de tudo isso, no entanto, é a indiferença fundamental da comunidade mundial perante a situação de sete a oito milhões de africanos negros num pequeno país que não tinha qualquer valor estratégico ou de recursos para qualquer potência mundial. Um pequeno país superpovoado que se virou contra si mesmo e destruiu o seu próprio povo, como o mundo observou e, no entanto, não conseguiu encontrar a vontade política para intervir. Ainda gravado no meu cérebro está o julgamento de um pequeno grupo de burocratas que vieram "avaliar" a situação nas primeiras semanas do genocídio: "Vamos recomendar ao nosso governo que não intervenha, pois os riscos são altos e tudo o que está acontecendo aqui é da natureza humana".

Minha história não é um relato estritamente militar nem um estudo clínico e acadêmico sobre o colapso de Ruanda. Não é uma acusação simplista dos muitos fracassos da ONU como força de paz no mundo. Não é uma história de heróis e vilões, embora tal trabalho pudesse ser facilmente escrito. Este livro é um *cri de coeur*²⁰ para os milhares massacrados, um tributo às almas cortadas por facções por causa de sua suposta diferença em relação àqueles que procuravam se agarrar ao poder. É a história de um comandante que, diante de um desafio que não se encaixava no clássico livro de regras do pacificador da era da Guerra Fria, não conseguiu encontrar uma solução efetiva e testemunhou, como em castigo, a perda de algumas de suas próprias tropas, a tentativa de aniquilação de uma etnia, o massacre de crianças que mal saíram do útero, o empilhamento de membros cortados como madeira, os montes de corpos em decomposição que eram comidos pelo sol. Este livro não é nem mais nem menos do que o relato de alguns humanos a quem foi confiado o papel de ajudar os outros a saborear os frutos da paz. Em vez disso, observamos como o diabo tomou o controle do paraíso na terra e se alimentou do sangue das pessoas que deveríamos proteger.

²⁰ *cri de coeur*, "grande clamor". Por ser bilingue o autor faz uso do francês, algumas vezes.